

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião

Nilce C. Muniz Barretto

“Caiu em terra boa e produziu fruto”: a evangelização espírita, uma
semente germinada em São Paulo – um estudo de caso de evangelizadores em
uma Casa Espírita e seus frutos

Mestrado em Ciência da Religião

São Paulo

2021

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião

Nilce C. Muniz Barretto

“Caiu em terra boa e produziu fruto”: a evangelização espírita, uma semente germinada em São Paulo – um estudo de caso de evangelizadores em uma Casa Espírita e seus frutos

Mestrado em Ciência da Religião

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Ciências da Religião, na área de concentração Estudos Empíricos da Religião – Linha de Pesquisa: Comportamentos e Representações Religiosas, sob a orientação do prof. Dr. Ênio José da Costa Brito.

São Paulo

2021

Banca Examinadora

*Para minha mãe - presente e ausente -
há mais de uma década com Alzheimer.*

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação São Paulo (FUNDASP).

This study was financed in part by the Fundação São Paulo (FUNDASP).

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – N° Processo PROSUC: 88887.645291/2021-00 - Código de Financiamento 001.

Agradecimentos

A Beatriz Fortes de Matos pelo *convite* para eu me aventurar nessa empreitada, finalmente, concluída.

A equipe docente do Programa de Pós-Graduação Ciência da Religião na figura do professor Dr. Frank Usarski, que em duas disciplinas, no período de um ano, mostrou-se possuidor de um vasto cabedal de conhecimento sobre diversas religiões e suas práticas, ministrou aulas excepcionais e marcantes, mesmo sendo virtuais. E também a secretária Andréia Bisuli de Souza pelo aporte nas questões formais.

Ao meu orientador professor Dr. Ênio Brito por ter pacientemente respeitado os meus limites na entrega dos capítulos desta pesquisa e, principalmente, por todas as vezes, transmitir palavras pontuais e motivadoras. Suas aulas também muito me marcaram ao ponto de não ser exagero afirmar que sou *outra* pessoa graças aos horizontes vislumbrados.

A psicóloga Dra. Ercília Zilli e ao professor Dr. Everton Mainardi por fazerem parte da Banca de Qualificação e, sobretudo, pelos apontamentos e recomendações que margearam esta pesquisa.

Aos colegas do curso que fizeram parte dessa jornada de estudos, dos que *partiram* e dos que continuam, tanto no doutorado quanto no mestrado.

As duas instituições, FEESP e GECAM, por disponibilizarem-me acesso às informações necessárias.

Aos amigos, *de lá e de cá*, pelas vibrações de sustentação ao longo dessa jornada.

A minha irmã Denise e ao meu filho Mateus pelo apoio e incentivo essenciais.

E, em especial, ao Sé, meu querido, pelo esteio inigualável nesse percurso científico.

Planta baixa

*Plante uma boa semente
Numa terra condizente, que a semente dá
Pegue, regue bem a planta
Que nem praga não adianta
Ela vai vingar
Planta é como o sentimento
Tem o seu momento
Tem o seu lugar
Regue bem seu sentimento
Porque rega no momento
Não pode faltar
Gente também é semente
Tem que estar contente
Tem que respirar
Plante uma cidade toda
Ponha gente em seu contorno
E a vida a rodar
Dia-a-dia é corrosivo
E de tudo que está vivo
Se deve cuidar
Planta sem sol e o vento
Dentro do cimento é bom nem pensar
Regue bem seu sentimento
Porque rega no momento
Não pode faltar
Gente também é semente
Tem que estar contente
Tem que respirar*

Resumo

A presente dissertação tem como objetivo investigar o nascedouro, em São Paulo, da evangelização espírita – atividade de estudo do Espiritismo na fase infanto-juvenil. No primeiro momento, apuramos o rumo do Espiritismo na segunda metade do século XIX, desde a Europa até a sua chegada ao Brasil, por meio da força ativa e social da imprensa que estimulou o surgimento de grupos de estudo e de sociedades espíritas organizadas. Realizamos uma pesquisa bibliográfica e documental a partir de consultas em órgãos oficiais do meio espírita, como jornais, revistas e regimentos internos identificando, através do método indiciário, alguns dos principais agentes que apreenderam o Espiritismo em seu aspecto moral educativo e se tornaram referências pelas ações empregadas nos campos sociais e religiosos espíritas. Nesse roteiro perscrutamos a institucionalização da evangelização à mocidade espírita e à infância em São Paulo e, especificamente no GECAM - Grupo Espírita Caminheiros do Amor - grupo criado na capital notadamente com o objetivo de evangelização da família. Defendeu-se a hipótese das crenças assimiladas nessa coletividade serem transmitidas às gerações novas como princípios ético-morais importantes à formação do ser humano. No segundo momento, embasados nos referenciais teóricos do sociólogo Pierre Bourdieu e da antropóloga Maria Laura Cavalcanti, examinamos o tríplice aspecto do Espiritismo em seus campos filosófico, “científico” e religioso, junto dos embasamentos pedagógicos – Johann Heinrich Pestalozzi e Jean Piaget - adotados na implantação da evangelização espírita da instituição em questão explorando a metodologia, o ritmo e os objetivos estabelecidos no mesmo. No terceiro momento, apuramos os pródromos da literatura espírita destinada ao público infanto-juvenil, distintamente confeccionada em relação às posteriores, e a importância das narrativas, como fios-condutores, aplicadas nas aulas de evangelização espírita do GECAM, especialmente às turmas menores. Nesse cenário, buscamos compreender o que há em comum, ou não, entre a catequese e a evangelização espírita, além de verificar o espaço do jovem no campo religioso e, ainda, o que significam a religião, a religiosidade e a espiritualidade como sentidos de ascese em si mesmo. A pesquisa mostrou que a perpetuidade dos ensinamentos espíritas neste objeto de estudo ocorre, apesar das ausências temporárias na fase juvenil, porque esta, via de regra, retoma no futuro ao assumir o papel de pais e mães, passando a transmitir as orientações recebidas - os valores universais - aos seus descendentes, como “sementes” a produzirem frutos, futuramente.

Palavras-chave: Espiritismo, evangelização espírita; Grupo Espírita Caminheiros do Amor; catequese; religião; religiosidade; espiritualidade.

Abstract

This study has the objective of investigating the origins of spiritual evangelism – a study exercise of Spiritualism during infancy and adolescence in the city of São Paulo, Brazil. In the first part of the study, we worked out the route of Spiritualism in the second half of the 19th century, from Europe up to its arrival in Brazil via the active and social work of the media that stimulated the pop up of study groups and official spiritual societies. We carried out a review of the literature and documental research via our consultations with official spiritualistic societies and by means of newspapers, magazines and internal regulations via the indiciary method; identifying some of the main practitioners that grasped Spiritualism and its moral educational aspect who in return became a reference point because of their actions in the spiritualistic social and religious fields. In this route, we investigated the institutional setup of gospel teaching to adolescents and infants in spiritualist centres in São Paulo – specifically in GECAM - Grupo Espírita Caminheiros do Amor - a group created in the heart of São Paulo, notably for the purpose of gospelising families. The hypothesis of beliefs was defended, whereby the beliefs assimilated in this community would be transmitted to the new generations as key-moral ethics that would be important for the upbringing of a person. In the second part of the study, we based our theory references to sociologist Pierre Bourdieu and anthropologist Maria Laura Cavalcanti, examining the triple aspect of spiritualism in their philosophical, “scientific” and religious fields, jointly the pedagogical models – Johann Heinrich Pestalozzi and Jean Piaget - adopted in their setups of spiritual evangelism in the institution aforementioned; looking at the methodology, the rhythm and their established objectives. In the third segment, we worked out the precedent of spiritual literature aimed at infants and adolescents, distinctly put together in contrast to that of more contemporary literature, and the importance of narratives such as connections applied in spiritual evangelism classes at GECAM; specifically to smaller groups. With this in mind, we tried to understand what there is in common, or not, between catechesis and spiritual evangelism, besides identifying the role of young people in religious fields, additionally what religion, religiousness and spirituality mean as forms of asceticism. The research showed that the never-ending feature of spiritist teachings takes place despite the temporary absence in the younger age phases, this is because, generally so to speak, we take up the role once we become parents, going on to pass on the ‘guidance that we received - the universal values - to our descendants, as “seeds” that turn into fruits in the future to come.

Key words: Spiritualism, spiritual evangelism, Grupo Espírita Caminheiros do Amor (the Spiritualistic Walkers Of Love Group), catechesis, religion, religiousness, spirituality

Sumário

Introdução	11
Capítulo 1. A gênese da evangelização na capital de São Paulo	27
1.1. O surgimento do Espiritismo na América do Norte, na França e no Brasil	27
1.2. O aparecimento das aulas de evangelização espírita no país.....	51
1.3. O nascimento do GECAM - Núcleo de Evangelização da Família	54
1.4. O legado à formação de evangelizadores em inúmeros Centros espíritas	56
1.5. O contexto social do movimento espírita no século XX	58
Capítulo 2. A proposta pedagógica e a aplicação do projeto pedagógico religioso do GECAM	63
2.1. As diretrizes teóricas adotadas nesta pesquisa	63
2.2. Os parâmetros basilares do Espiritismo	70
2.3. Os referenciais educacionais que alicerçam a evangelização do GECAM	77
2.4. Os alicerces do trabalho de evangelização da família	82
2.5. Ritmo e Modelo das aulas de evangelização	95
Capítulo 3. Do livro ao jovem: a evangelização e a propagação do ideário espírita	99
3.1. A literatura que direciona a evangelização espírita para seus fins.....	99
3.2. Pontos demarcadores na esfera da evangelização	106
3.3. A materialização dos princípios espíritas pela ação evangelizadora.....	110
3.4. Evangelização e Catequese: divergências e similaridades	117
3.5. O jovem, seus desafios e limites no campo da evangelização.....	128
Considerações finais	138
Referências Bibliográficas	144
Anexos	155
Anexo A – Foto de Francisco Cândido Xavier e evangelizadores de SP	155
Anexo B – Página de Rosto da apostila do Curso Intensivo de Preparação de Evangelizadores – 1959 – FERGS	156
Anexo C – Programa de Evangelização da Família	157
Anexo D – Orientação para o Trabalho de Educação da Vontade – O Ritmo nas Aulas de Jardim	158
Anexo E – Música “Caminheiros do Amor”	159

Introdução

Ecce exiit qui seminat, seminare

A locução latina acima, *eis que o semeador saiu a semear*, atribuída a Jesus e encontrada no evangelho de Mateus 13:3 (BÍBLIA, 2008), nos convida a refletir no sujeito, na ação e na “semente”, contidos nessa concisa frase. Para os propósitos desta pesquisa podemos definir¹ a “religião”², enquanto um fenômeno, sem estar independente de seus usos históricos e sociais, como uma elaboração cultural, isto é, produto do ser humano no mundo, comumente, composta de três elementos - traçando paralelos com o “Sermão da Sexagésima” de 1655, do padre Antônio Vieira (ABDALA JUNIOR, 2017, p. 43) – a saber: alguém que divulga, prega; alguém que escuta, recolhe, e o conteúdo, o ensinamento que vincula ambos os agentes. A palavra, de cunho religioso, carrega em si os germes de uma frutificação a depender de quem a promulga, de quem a percebe e do que ela revela. De quem a transmite porque a reflete em sua exterioridade; de quem a acolhe porque a recebe em sua interioridade, e da mensagem em si porque é portadora de uma *boa nova* que é o significado de evangelho (AURÉLIO, 2010, p. 892), a boa notícia.

Nos primeiros anos da infância cuja curiosidade, espanto e admiração são mais acentuados e vívidos, por se tratar do período de formação e construção da personalidade do indivíduo, perguntas clássicas iniciadas com a locução adverbial “*por que*” são constantemente lançadas aos ouvidos dos adultos, pelas crianças, pelo interesse de conhecerem as origens, os processos e as finalidades de tudo o que as rodeia. Muitas famílias, além do estudo formal escolar, elegem de mesmo valor, ou até imprescindível, a educação moral de sua prole, ou seja, privilegiam um ensino religioso como imperioso à formação dessa.

¹ O antropólogo americano de origem árabe Tala Asad alega que não se pode definir a religião universalmente. Em primeiro lugar, porque seus elementos constituintes e seus elos constitutivos são, de modo histórico, específicos. E em segundo lugar, porque esta “definição é ela mesma o produto histórico de processos discursivos”. (ASAD, 2010, p. 264).

² O psicólogo da religião americano James Henry Leuba (1868-1976) enumerou em 1912 cerca de cinquenta definições, no apêndice de sua obra “The Psychological Study of Religion: Its Origin, Function, and Future”, New York: Macmillan.

Nesse período de desenvolvimento infantil, quando estão mais receptivos a apreender o mundo, as crianças são como solos férteis. Fazendo uma analogia, ao ouvir a palavra na sua simplicidade, tal qual a expressão em latim *veritatis simplex ratio est*, do filósofo romano Sêneca, assim equivalente: “a linguagem da verdade é simples” (SÊNECA apud PÖPPELMANN, 2010, p. 140), quando grandes verdades ou ensinamentos são transmitidos de forma compreensível estas serão assimiladas por aquelas tênues inteligências de modo preciso e direto.

Essa semente moral se dá no contexto religioso ocorrendo tanto na catequese cristã quanto, no contexto espírita, dentro das aulas de evangelização. Tal fenômeno, da evangelização espírita, conquanto recente na sociedade paulistana, existindo a menos de um século, apresenta características e resultados únicos, por se tratar de um modo de vida que difere, em sua essência, das demais correntes religiosas. Entendido como um movimento de revisão do Cristianismo (PEREIRA, 2011, p. 57), por seus adeptos, o Espiritismo se-nos oferece questões pertinentes, estritamente ligadas à chamada *evangelização espírita* desde a noção dessa nomenclatura até a origem dessa prática social e a sua finalidade, num universo religioso múltiplo. Dessa maneira, procuraremos entender melhor essa expressão religiosa específica em virtude de sua história e dos comportamentos de seus componentes com base na seleção de uma congregação particular.

Em função disso, cogitamos se a evangelização é um conceito cristão e se cabe na práxis espírita. Partimos da premissa de que a *evangelização* é um conceito cristão posto que se funda na divulgação dos ensinamentos inseridos no Novo Testamento. Conjecturamos que cada designação religiosa, por ter como alicerce o Cristianismo, desvenda rotas para que a propagação dos preceitos de Jesus auxilie na formação moral das novas gerações. E, por sua vez, cabe na práxis espírita, porquanto a evangelização espírita visa favorecer, significativamente, o desenvolvimento ético do ser para que se pautem pelos exemplos das virtudes cristãs fazendo uso desse conhecimento para o bem coletivo.

Essa dinâmica de evangelização se presta não somente a atender ao presente, refletindo numa melhor interação familiar e social, mas também a servir tal qual uma semente, lançando germinações para o futuro. Em outras palavras, ao fazer com que esses ensinamentos sejam semeados gradativamente, em doses homeopáticas, o resultado futuro, ao longo dos anos, acabará por atender à construção de seres virtuosos que trabalharão para a consecução de um mundo

melhor. Apostamos na crença de que, por mais hermética possa ser a pessoa diante das lições éticas recebidas, chegará um momento em que estas eclodirão em sua consciência, produzindo o efeito esperado.

Partindo do entendimento que valores morais são os conceitos e os juízos estabelecidos por um sujeito ou por um grupo em relação aquilo que se pode ou não praticar, se deve ou não executar, se é lícito ou não agir, os valores podem variar dependendo do tempo, da cultura, da sociedade, da religião, da tradição familiar, entre outros. Estendendo essa compreensão de que há valores propagados universalmente, como por exemplo, o respeito, a liberdade, a justiça, a igualdade e a solidariedade, indagamos se esses valores são transmitidos pela evangelização espírita e como são ensinados.

Diferenciando-se ética de moral, termos costumeiramente utilizados como sinônimos, embora conceitualmente diferentes, sendo o primeiro derivado do grego (*ethos*), como o conjunto de valores e normas pelo qual se pauta a conduta íntegra do indivíduo e o segundo derivado do latim (*moralis*), resultante da prática dessas regras, de modo autônomo, podemos apontar o seguinte:

Ética é o conjunto de valores e princípios que orientam a minha conduta em sociedade, a moral é a prática desses valores na ação cotidiana. Exemplo: tenho como princípio ético que “o que não é meu não é meu”; encontro um celular no chão da sala de aula, devolvê-lo ao dono é um ato moral. A razão para fazê-lo é um princípio ético. Ética (como conjunto de princípios e valores) e moral (a prática que se desdobra a partir deles) são algo a ser vivenciado. (...) Em termos de formação, o aluno carrega o que aprende nos ambientes que frequenta. Toda instituição social (família, escola, mídia, empresas, igrejas etc.) tem uma ação que é simultaneamente inovadora e conservadora; em outras palavras, conserva condutas e valores e, ao mesmo tempo, é capaz de inovar atitudes e percepções. (CORTELLA, 2018, p. 07).

Cabe averiguarmos se tais valores morais estão presentes na evangelização espírita, e se nesse espaço abordado tais valores se aproximariam com os da sociedade, em geral, proclamados pela Organização das Nações Unidas na Declaração Universal dos Direitos Humanos, cujo artigo primeiro pode ser considerado como pilastra para exame desses valores: “*Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência*

e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade” (UNIDAS, 2009, p. 4). Priorizar as condições de autonomia e liberdade, além da capacidade de agir por si mesmo, pelo uso da inteligência, são premissas contidas nos âmbitos religiosos que visam à emancipação da consciência moral e, fundamentalmente, a convivência fraternal e solidária.

Ao entendermos a evangelização espírita como uma ação em família, pilar da sociedade, e na qual a família é o lugar onde a religião “acontece” (HOCK, 2017, p. 121), o entendimento do Espiritismo acerca da mesma tem sido atualizado, mas sempre a compreendendo como a primeira entidade encarregada de alicerçar a formação e a socialização de seus membros,

A maneira como os seres se organizam e atribuem significado a essa entidade é, essencialmente, cultural. À vista disso, desde o olhar tradicional que admite o matrimônio para a constituição familiar até o prisma pluralista, que reconhece outros modelos familiares, como por exemplo, a mono parental formada por um único adulto responsável pela criação de filhos(as) menores, as uniões homo afetivas, caracterizadas pela relação de afeto entre pessoas do mesmo sexo, entre outros modelos de família, múltiplas são as narrativas a requerer um reconhecimento da realidade presente no Grupo em estudo. Aliás, essas novas configurações familiares já são consideradas no âmbito jurídico, como segue:

Com a Constituição Federal, as estruturas familiares adquiriram novos contornos. Nas codificações anteriores, somente o casamento merecia reconhecimento e proteção. Os demais vínculos familiares eram condenados à invisibilidade. A partir do momento em que as uniões matrimonializadas deixaram de ser reconhecidas como a única base da sociedade, aumentou o espectro da família. O princípio do pluralismo das entidades familiares é encarado como o reconhecimento pelo Estado da existência de várias possibilidades de **arranjos familiares**.

Como as uniões extramatrimoniais não eram consideradas de natureza familiar, encontravam abrigo somente no **direito obrigacional**, como **sociedades de fato**. Mesmo que não indicadas de forma expressa, as uniões homoafetivas foram reconhecidas como família pela justiça. As uniões simultâneas e as poliafetivas (...), também são unidades afetivas que

merecem ser abrigadas sob o manto do direito das famílias. Do mesmo modo as famílias parentais e as pluriparentais. (DIAS, 2016, p. 54).³

Concluindo as reflexões sobre o fenômeno mencionado, entendendo-o como qualquer objeto passível de observação e experiência sensível, temos que a evangelização espírita, cujos princípios éticos e morais, pautados pela doutrina espírita, visam não só o desenvolvimento pessoal dos(as) participantes no seio familiar, primeira célula da sociedade encarregada da formação de bons indivíduos e da exportação deles à sociedade como agentes de transformação, mas também objetivam a prática na vida social junto à família maior em humanidade.

Para corroborar o resultado desse objetivo ético no fenômeno da evangelização espírita, posso citar a minha própria experiência pessoal nesse campo.

Minhas primeiras lembranças, de tenra idade, reportam-me à experiência de evangelização espírita, nos idos anos setenta, na antiga sede da Federação Espírita do Estado de São Paulo - FEESP - construção chamada de “Casa” ou “sede velha” e que, após ceder lugar a um prédio de dez andares que atualmente abriga a nova sede da mesma instituição, conserva em seus anais registros como a primeira instituição a sistematizar o ensino de moral espírita cristã no município paulistano.

Foi nesse ambiente, onde frequentei as aulas de evangelização durante toda a minha infância e uma parte da adolescência, que basicamente se deu a minha formação moral-religiosa. Anos mais tarde, na juventude, me capacitei como evangelizadora num curso de formação durante um ano letivo e, posteriormente, já adulta e mãe, na década de noventa, retornei ao mesmo espaço para evangelizar e oferecer ao meu filho as mesmas sementes recebidas em frescos anos infantis.

Motivada que sou pelo ideal de lecionar tenho consciência que a educação, englobando o processo de ensinar e, conseqüentemente, de aprender, é o vetor de minha existência atual. Ela sempre fez parte do meu habitat, fosse profissionalmente, fosse num trabalho voluntário. Recentemente, ao adentrar no âmbito da Ciência da Religião, uma parte da “semente”, lançada num tempo e num espaço idos, rompeu internamente em mim, manifestando o interesse em descobrir a germinação originária da evangelização espírita na capital de São Paulo, dos

³ Todas as citações nesta pesquisa foram mantidas na grafia original com seus respectivos grifos.

“solos” encontrados, isto é, das primeiras instituições onde se iniciaram as primeiras atividades do ensino espírita moral cristão, dos “climas” enfrentados, ou seja, dos percalços, sucessos e dos frutos colhidos. De acordo com Frank Usarski “a Ciência da Religião é virtualmente irrestrita quanto aos fenômenos considerados por ela dignos de investigação” (USARSKI, 2006, p.17). Ante essa máxima, procederemos por destacar um fenômeno digno de investigação e merecedor de perquirição que tem sido moderadamente explorada.

E esse fenômeno a ser conhecido, objeto desta pesquisa, é **a evangelização espírita** cuja temática enquadra-se na Área de Concentração: Estudos Empíricos da Religião e na linha de pesquisa “Comportamentos e Representações Religiosas”. Neste presente estudo pretendemos investigar o âmbito da evangelização, desde a distinção desse termo em relação à educação, passando pelos motivos os quais justificam a denominação *espírita*, em especial nos moldes espírita-cristãos, analisando do que se trata, para que serve, e identificando a proposta pedagógica implantada. Tem-se em vista utilizar os termos *evangelização espírita* ao invés de evangelização moral cristã por referir-se a uma expressão que assinala melhor o caráter dessa pesquisa.

Também intencionamos matizar, de forma geral, sobre o sentido de prática social notadamente referente à evangelização espírita nos últimos noventa anos, e mais especificamente, na capital paulista, das duas décadas recentes, pelo GECAM, **Grupo Espírita Caminheiros do Amor - Núcleo de Evangelização da Família**, na Vila Mariana, zona Centro-Sul de São Paulo, praticada pelos membros dessa referida coletividade. O motivo da escolha deste Grupo se deve primeiramente a particularidade de ter sido fundado com ênfase à evangelização, e também de alguns de seus componentes participarem desde a década de quarenta desta atividade e portar arquivos, registros dos quais pudemos tomar conhecimento para esta pesquisa.

Desse modo, este objeto de pesquisa, em seu aspecto material, é sobre a evangelização espírita na cidade de São Paulo, a partir da década de 1930, onde se procurou levantar quando surgiram as aulas de evangelização na capital, em qual local encontram-se os primeiros registros da evangelização infanto-juvenil de maneira sistematizada, por que surgiu essa atividade de vivência religiosa, quem foram os idealizadores e qual a finalidade, isto é, para quê implantaram a evangelização espírita destinada à faixa etária de recém-nascido à juventude.

Em seu aspecto formal realizamos uma análise da ação evangelizadora na vida social do Grupo citado. Por análise, em seu termo próprio, entende-se, conforme o dicionário Aurélio, o “exame de cada parte de um todo, tendo em vista conhecer sua natureza, suas proporções, suas funções, suas relações, etc”. (AURÉLIO, 2010, p. 137) detalhado de cada seção que compõe um todo, buscando compreender tudo aquilo que o caracteriza. Esta pesquisa considerou a práxis da atividade de evangelização espírita englobando os procedimentos da parte da instituição mencionada, uma organização filantrópica, abrangendo a faixa etária de zero aos dezoito anos.

Tais proposições, diante do cenário da *evangelização espírita*, levam à seguinte questão: como se deu o percurso histórico da evangelização espírita em São Paulo, sua dinâmica, didática e estrutura, que culminou na criação de um núcleo espírita fundado exclusivamente com a finalidade de evangelizar toda a família, grupo este denominado GECAM – Grupo Espírita Caminheiros do Amor?

Neste estudo descortinamos quais foram os expoentes estrangeiros e brasileiros no Espiritismo que se fizeram expressivos em seus grupos de atuação tornando-se determinantes na difusão deste sistema de crenças e práticas que transformaram a evangelização espírita uma vivência distinta, a qual comporta uma experiência social de educação do ser.

Com base em alguns autores das Ciências Sociais – Pierre Bourdieu e Maria Laura Cavalcanti - delineamos uma interlocução com suas respectivas categorias nas quais nos apoiamos na compreensão do fenômeno social espírita e do papel de formação moral que os adeptos apregoam, somando na convergência de outros campos do conhecimento, por exemplo, da Pedagogia (Pestalozzi) e da Psicologia (Piaget) para constatar quais os caminhos traçados à influência que a evangelização espírita e suas práticas específicas exercem nos integrantes e frequentadores do Grupo pesquisado.

Ademais, pretendemos apreender a extensão dos sentidos e significados elaborados pelos evangelizadores da instituição, em suas referências literárias, com seus objetivos, estratégias e metodologias adotados no universo cultural no qual seus seguidores envolvem-se, agem e investem numa perspectiva de existir no mundo diferenciadamente, além do desafio em se cativar os jovens na continuidade de seus estudos e atividades na Casa Espírita.

Como o termo *evangelização* - inerente à tradição cristã e suas confissões - é também utilizado no universo espírita, urge sabermos desde quando desponta o emprego desse conceito nesse universo religioso, por quais autores, em quais obras e pesquisas.

Necessário também explicitarmos qual o significado preciso que se tem do termo *evangelizar*, isto é, se toda ação é sempre evangelização ou somente algum tipo de ação; se distingue-se ou não de pregação ou proselitismo ou, ainda, se diferencia-se de educação ou catequese no universo espírita; quais os valores morais e sociais veiculados na evangelização espírita.

Importante lembrarmos que, via de regra, nos grupos sociais, mais particularmente naqueles do campo religioso, seus integrantes privilegiam a transmissão do aprendizado adquirido às gerações posteriores.

Aqui, a hipótese validada foi a das crenças apreendidas numa comunidade específica serem transmitidas aos seus descendentes para se perpetuarem como princípios éticos e morais fundamentais ao desenvolvimento do indivíduo. De modo geral, pressupõe-se que quem busca propiciar aos descendentes – filhos(as), sobrinhos(as) e netos(as) - ou até amigos(as) a vivência nas aulas de evangelização espírita é porque teve alguma experiência favorável e deseja que outros(as) a experienciem. Nessa linha de raciocínio supomos que essas pessoas convidem outras, conhecidas e próximas, a frequentarem a evangelização espírita e vivenciem experiências similares que lhes trouxeram benefícios, tanto no nível pessoal quanto familiar e inter-relacional.

E, para uma melhor compreensão desse fenômeno, necessário o apoio de referenciais teóricos que norteiem nossa linha de raciocínio.

Nesta pesquisa, de início, nos apoiamos nos autores Bourdieu e Cavalcanti. O primeiro, a partir da obra “A economia das trocas simbólicas” e a segunda em “O mundo invisível”. Dele nos baseamos na categoria religião – “estruturante e estruturada” - e dela na de sistema de crenças e práticas, sendo que referidas categorias foram devidamente tratadas no decorrer dos capítulos desta pesquisa.

Pretendemos buscar como subsídio a abordagem do sociólogo francês Pierre Bourdieu a respeito do campo religioso porque concebe a religião como linguagem num processo de formação das instituições religiosas sendo estas constituídas pelas mudanças gerais de uma estrutura social. Trata a religião como:

[...] uma língua, ou seja, ao mesmo tempo enquanto um instrumento de *comunicação* e enquanto um instrumento de *conhecimento*, ou melhor, enquanto um *veículo simbólico a um tempo estruturado* (e portanto, passível de uma análise estrutural) e *estruturante* [...] (BOURDIEU, 2005, p. 28).

De modo *lato*, a religião é um sistema de comunicação, de pensamentos. O Espiritismo, como linguagem, possibilita a criação de Centros espíritas que, fazendo uso de um discurso, exposição de ideias, daquele sistema, proporciona aos frequentadores um paradigma interpretativo religioso de modo a transformá-los e, simultaneamente, fazê-los modificar o meio em que vivem. Então, pelos participantes, e através deles, o Espiritismo fala à sociedade, eles tornam-se a palavra viva, animando-a no modo de ser cotidianamente.

A religião, em sua característica de sistema simbólico, opera como causa de organização que desenvolve e pronuncia a experiência, relativamente de um modo de vida característico e representativo, proporcionando aos seus integrantes relacionarem-se e arquitetarem-se em comunicação, e em comum ação, com as esferas do sensível e inteligível, físico e extra físico. E nessa área “tendo sido moldados segundo o mesmo “modelo” (*pattern*), os espíritos assim modelados (*patterned*) encontram-se predispostos a manter com seus pares uma relação de cumplicidade e comunicação imediatas” (BOURDIEU, 2005, p. 206). Ao que tudo indica o “modelo” em comum reforça o elo afetivo e de confraternização entre os partícipes de uma instituição religiosa ressignificando a própria existência daqueles.

E, paralelamente, para este estudo nos propusemos a utilizar da pesquisa empreendida pela antropóloga brasileira Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti em relação ao Espiritismo como um sistema de práticas religiosas e seus respectivos valores culturais alusivos, sendo a religião um reflexo do social, isto é, formada de multifacetados enfoques de uma realidade mais globalizante. No dizer dessa pesquisadora:

[...] perceber no Espiritismo a construção de uma determinada matriz de leitura e experiência do social. Nesse movimento sugerem-se algumas pistas para a reflexão acerca da maneira pela qual esse sistema se articula com a realidade social envolvente. (CAVALCANTI, 1983, p. 10).

A pesquisadora considera um sistema religioso, originado de um grupo social, por este mediado e inspirado, formador de criação de preceitos morais na forma de ser e de agir com a sociedade mais ampla. A admissão e integração do sistema religioso adotado pelos integrantes influenciam no modo de pensar e atuar ao ponto de solidificar e replicar essa realidade, nem sempre consciente a todos, no mesmo nível de assimilação e atuação.

Os trabalhos desses autores vêm ao encontro de outros cientistas sociais que se dedicaram a estudar o Espiritismo, aos quais recorreremos para alicerçar a nossa pesquisa, como:

Bernardo Lewgoy que analisa antropologicamente a vinculação do Espiritismo com o Catolicismo numa época em que aquele era combatido pela Igreja. O Espiritismo no Brasil, “formado ao final do século XIX congregava uma alternativa religiosa minoritária ao catolicismo, dentro de um espírito ‘associativista’.” (LEWGOY, 2011, p. 95). Desta forma, o Espiritismo abriu as portas para uma pluralidade de modos de crer. Uma particularidade característica desse campo religioso é o fato de seus adeptos serem conhecidos pelo hábito da leitura das obras espíritas.

Célia da Graça Arribas, também com foco no processo de implantação do Espiritismo no Brasil, investiga suas diversas facetas e apresenta os deslocamentos de crenças religiosas ocorridas entre o Espiritismo *religioso* e o Catolicismo. No “jeito brasileiro de ser espírita” (ARRIBAS, 2010, p. 273) explicita que o modelo de religiosidade brasileiro foi pautado na conciliação de princípios espíritas com reconhecidas crenças católicas, classificando-o como “espiritismo cristão”.

Eduardo Carvalho Monteiro (1950-2005), pesquisador da memória do Espiritismo de Kardec, recupera a figura da Anália Franco, personalidade destoante dos padrões da época por ter se tornado pioneira em vários empreendimentos, dentre eles a criação de diversas instituições, distinguindo alguns elementos espíritas em suas atividades. Por defender a liberdade de pensamento, “Anália não se referia ao Espiritismo em livros educacionais, romances ou na Revista e no jornal, o que não a impedia de falar muito de Jesus e da moral cristã”. (MONTEIRO, 1992, p. 189). Em sua escolha ficava mais à retaguarda na atividade de divulgação espírita para evitar rótulos que viessem afetar e provocar obstáculo ao seu trabalho.

Alessandro César Bigheto que, entre diversos estudos, enfoca a filosofia da educação. Pesquisador que se interessou por outro vulto do Espiritismo no Brasil,

Eurípedes Barsanulfo, ressalta em sua pesquisa o elemento espiritual presente na proposta do educador e médium mineiro, dizendo que “o essencial na sua concepção era o reconhecimento da dimensão espiritual do ser humano e de que esse ser espiritual deveria ser encarado como ser reencarnado” (2007, p. 148). Significava que ele entendia o ser humano como um ser espiritual, partindo dessa perspectiva para elaborar a sua metodologia.

Dora Incontri, que trabalha a questão envolvendo a educação com a espiritualidade, fornecendo as bases da educação espírita e do ensino inter-religioso. Defende que os grupos religiosos proponham à sociedade a sua visão pedagógica na qual “se permita que a criança seja inteira: um ser social, biológico, cognitivo, afetivo, e também um ser espiritual que tem uma religiosidade inata” (INCONTRI, 2006, p. 237) e que em todos os grupos transcorram a tolerância e o respeito por qualquer modo de fé. Resgata de Pestalozzi a ideia de que a criança, recebendo o amor, que lhe é dado, se sente segura para agir por amor vinculado à sua essência divina.

Herculano Pires, que adentra na linha de raciocínio voltada à consistência do pensamento espírita, resguardando os aspectos filosófico e educativo do Espiritismo. Neste ponto, concebe ele a pedagogia espírita com bases próprias e diferenciadas, afirmando que “nenhuma aula de evangelização espírita impõe dogmas de fé (...), pois sua finalidade é (...): despertar na criança as suas forças interiores e fazê-las aflorar no plano da consciência” (PIRES, 2008, p. 42). Frisa, assim, um dos preceitos essenciais do Espiritismo que é o da liberdade de consciência.

Sandra Jacqueline Stoll, com ênfase em temas como religião, performance ritual e narrativas biográficas, menciona que “o maior médium psicógrafo vivo do mundo” (STOLL, 2003, p. 69), Francisco Cândido Xavier é um personagem de renome que se mescla com a própria história do Espiritismo brasileiro e cuja produção literária é pouco estudada. Além disso, esta antropóloga também se insere nas discussões atinentes à conformação do Espiritismo à religiosidade brasileira, conforme Lewgoy e Arribas.

Ainda, visando enriquecer e complementar a nossa pesquisa, acrescentamos alguns acadêmicos da Ciência da Religião que versem sobre as variadas formas de concepção e assimilação religiosas, como:

Roberto Hofmeister Pich, com interesse no campo da Epistemologia e Filosofia da Religião. Nesta área, “ao domínio da Filosofia pertencem questões conceituais de caráter geral, que perfazem o modo como a razão humana compreende a si e ao mundo (...).” (PICH, 2013, p. 146). O movimento ou a atitude de saber é da natureza humana, e isso nos instiga a querer conhecer sobre o nosso objeto de estudo, a evangelização espírita.

José Pereira Coutinho, que se dedica a investigar questões relacionadas à transmissão religiosa e a análise da religiosidade em registros comparativo e histórico. Em seu trabalho coloca que “à semelhança do *Zeitgeist* hegeliano, as ideias evoluem pela história de forma contínua. Um morrem, outras renascem reformuladas, algumas mudam reformadas.” (COUTINHO, 2012 p. 172). Novos sentidos não deixam de ser nada mais, nada menos, que as antigas interpretações atualizadas aristotelicamente.

William Paden, que, numa visão abrangente, examina a ótica de diversos campos do saber contemporâneo. Defende que “(...) a religião tem suas próprias formas de expressão, e são essas formas que fazem dela religião, e não ciência ou governo.” (PADEN, 2001, p. 129). Afinal, essa linguagem tem a peculiaridade de ser uma expressão da realidade que transforma a sociedade e postula uma visão de mundo ao ser fonte geradora de percepções da cosmologia, natureza e natureza humana.

Eduardo R. Cruz, que atualmente pesquisa sobre a noção de natureza humana em recortes científico e religioso. Chama-nos a atenção para o fato de que “o estudo da religião deve ser feito em termos não religiosos, retirando-se dela, assim, uma aura mística que a diferenciaria de outros empreendimentos humanos” (2018, p. 71). Argumenta que para os propósitos da ciência, a religião consiste num objeto comum como outros dentro de um “guarda-chuva” mais genérico (por exemplo, a cultura) e, por conseguinte não reclama métodos específicos que resguardem seu caráter sublime.

João Décio Passos, que lida, principalmente, com as temáticas de ensino religioso e sociologia da religião. Expõe que “o estudo da religião tem a idade do pensamento ocidental, estando presente já nas obras dos filósofos gregos, sem falar das sistematizações feitas pelas tradições religiosas sobre suas origens (...).” (PASSOS, 2007, p. 114). Nessa composição a religião está presente como um objeto de estudo a ser apreendido racionalmente.

Sérgio Rogério Azevedo Junqueira, estudioso de temas em ciências da religião e educação confessional. Sustenta que “o ensino religioso quer contribuir com a capacidade de ir além da superfície das coisas, acontecimentos, gestos, ritos, normas e formulações, para interpretar toda a realidade em profundidade crescente e atuar na sociedade de modo transformador.” (JUNQUEIRA, 2013, p. 611). Com seus estudos apreendemos que o importante é desenvolver um comportamento proativo de entendimento do sentido existencial da vida, favorecendo uma conscientização do propósito de ser e estar no mundo.

Annette Mahoney, que apura os papéis positivos e negativos que a religião e a espiritualidade despertam nas pessoas e famílias. Examina as relações de diversas comunidades de fé com o sagrado e quais resultados isso produz nos relacionamentos com as outras pessoas. Utiliza-se de um quadro conceitual classificado de “espiritualidade relacional” (2021) no qual explicita de que maneira a religião pode moldar os laços familiares.

Clarissa de Franco, que, em seus estudos de espiritualidades laicas, psicologia e religião, considera as caracterizações do vocábulo “espiritualidade”, relativamente às concepções sobre religiosidade e religião. Atenta para o fato de que “a dimensão espiritual é a dimensão de realização do ser” (2013, p. 407) e que embora se deva observar as distinções, não há como apartar completamente espiritualidade, religião e religiosidade.

O abrangente rol de pesquisadores citados, dentre outros, exigiu um caminho singular que conduzisse esta pesquisa, com êxito, ao fim colimado. O método⁴ adotado foi o indiciário, enunciado pelo historiador italiano Carlo Ginzburg, no qual se reduz a observação minuciosa e a exploração particularizada das fontes em estudos pormenorizados, sendo que a indução está subordinada por desvelar melhor o objeto de pesquisa além de, também, ser o “itinerário” natural e apropriado na área das Ciências Sociais. Para tal, saímos a colher indícios e informações nos jornais oficiais expostos pelas instituições espíritas como “O Reformador” (instrumento oficial da Federação Espírita Brasileira) “O Semeador” (órgão oficial da Federação Espírita do Estado de São Paulo), “Anuário Espírita”, (Notícias do Movimento Espírita nacional e internacional, do IDE – Instituto de Difusão Espírita)

⁴ Do grego *méthodos*, caminho para chegar a um fim.

entre outros para compor o quadro da evangelização espírita no país, mais particularmente em São Paulo.

Consideramos importante destacar a análise das historiadoras Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto por identificarem, na imprensa, o artefato da modernidade que se articula como a expressão de uma realidade, produto de uma criação social e histórica. Elas entendem:

(...) a Imprensa como linguagem constitutiva do social, que detém uma historicidade e peculiaridades próprias, e requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendando, a cada momento, as relações imprensa /sociedade, e os movimentos de constituição e instituição do social que esta relação propõe. (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 258)

Diante das colocações dessas historiadoras, entendemos que a imprensa carrega em si uma força de ação nas diversas áreas da vida social, não como algo acabado e visto com neutralidade, mas como um veículo que explora interesses e visões do público leitor. Cabe refletir sua “inserção histórica enquanto força ativa da vida moderna” (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 257) e como ela se coloca no campo da memória social.

Todo esse rol de elementos a que lançamos mão, desde os referenciais teóricos, os acadêmicos da Ciência da Religião, os estudiosos do Espiritismo, até os periódicos mencionados acima, exigiu a adoção do método indiciário como o mais apropriado, uma vez que o presente trabalho versa sobre um tema de caráter subjetivo, no qual se contempla o ser humano em duas dimensões distintas, a espiritual e a material sob a concepção espírita, que possui a sua especificidade e encadeamento próprio de ideias, organizadas de maneira lógica e constitutivas de seu sistema.

Os procedimentos técnicos que facilitaríamos esta pesquisa seriam os de natureza empírica, no entanto devido à pandemia do Covid-19 e com a adoção das medidas de isolamento social, por parte dos órgãos governamentais de saúde, que mantiveram as instituições religiosas fechadas optamos pela pesquisa bibliográfica e documental sendo a primeira baseada nas contribuições de diversos autores e a segunda apoiada em materiais que não receberam ainda um tratamento analítico (GIL, 2008, p. 51), fundamentalmente pelos jornais, revistas, folhetins espíritas e

atas, entre outros. Através das leituras desses documentos buscamos descrever os registros sobre o movimento da evangelização espírita.

Para a primeira parte da pesquisa, o delineamento histórico, consultamos os arquivos da biblioteca da FEESP e, na segunda parte, com a descrição da evangelização espírita do GECAM, examinamos os documentos desta instituição aos quais tivemos acesso no início desta pesquisa. Quanto à terceira parte, concernente à literatura espírita, às dessemelhanças ou semelhanças entre catequese e evangelização, e o lugar do jovem nesse campo religioso, lançamos mão de obras espíritas, acadêmicas, não espíritas, periódicos, além dos cientistas da religião anteriormente citados.

Esse procedimento estabelece os parâmetros do objetivo geral deste estudo que foi investigar as origens da evangelização espírita na cidade de São Paulo recuperando o retrato de uma época e de um grupo social típico cujas personagens envolvidas e suas respectivas obras engendradas compõem um recorte de um universo religioso e histórico da sociedade.

Conjuntamente outros objetivos, mais específicos, foram:

1) discutir algumas leituras teóricas que dão embasamento na esfera sociológica ao programa de evangelização espírita infanto-juvenil do GECAM.

2) verificar as configurações religiosas devocionais existentes no conjunto de ensinamentos, princípios e preceitos dos planos de aulas da evangelização espírita do GECAM.

3) traçar comparativos entre a antiga e a moderna literatura infanto-juvenil espírita, entre a catequese e evangelização, e abordar as questões atinentes à evasão dos jovens da Casa Espírita.

Para tanto, esta pesquisa foi organizada em três capítulos. No primeiro deles, intitulado *A gênese da evangelização na capital de São Paulo*, fizemos um retorno histórico narrando cronologicamente alguns recortes do percurso do Espiritismo em seu país de origem e, posteriormente, no país onde mais se propagou que vem a ser o Brasil; a recuperação histórica dos pioneiros que elaboraram o plano pedagógico de evangelização espírita no país e em São Paulo; os objetivos categóricos; as atuações no cenário paulistano e paulista, além da disseminação dessa prática a outros estados. Citamos sucintamente alguns dos vultos conhecidos no exterior, envolvidos com o advento do Espiritismo, como fios condutores de uma narrativa porque não foi objeto deste estudo o exame minucioso que a ação de tais

personalidades teve na solidificação e na disseminação do Espiritismo, mas tão somente contextualizar sua relevância inicial na prática espiritista.

Após a contextualização histórica abrimos diálogo com os nossos referenciais teóricos no segundo capítulo, intitulado *A proposta pedagógica e a aplicação do projeto pedagógico religioso do GECAM*, por oferecem embasamento às conceituações que explicam a montagem do quadro social espírita brasileiro em seu tríplice aspecto filosófico, científico (segundo os seus adeptos) e religioso; a contribuição pedagógica de Johann Pestalozzi e Jean Piaget como práticas de educação integrativas presentes no GECAM; os propósitos de se evangelizar; um ritmo e um modelo da evangelização espírita nesta instituição.

No terceiro capítulo, *Do livro ao jovem: a evangelização e a propagação do ideário espírita*, abordamos a literatura infanto-juvenil utilizada como subsídio às aulas de moral espírita cristã; a atualização da linguagem presente nos livros destinada ao público dessa faixa etária e os critérios adotados, na seleção de histórias, pela equipe de evangelização no GECAM. Outrossim, apresentamos exemplos de alguns planos de aula; discorremos a respeito da aproximação ou não entre a ação evangelizadora espírita e a catequese, bem como sobre o lugar do jovem nos Centros e o ônus que lhe é atribuído para perpetuar a divulgação do Espiritismo às gerações subsequentes. Por fim, lançamos um olhar sobre os motivos que levam os jovens a buscarem a espiritualidade própria, em seu sentimento de religiosidade, mas afastando-se da ideia de religião instituída, propriamente dita.

Capítulo 1

A gênese da evangelização espírita na capital de São Paulo

*Veio o semeador,
semearam juntos
e colheram
o encantamento do fruto.
(1990, p. 87)*

*O Criador, vendo que
a terra era boa,
plantou um jardim
de jabuticabeiras
nas terras roxas
de São Paulo
da banda Oeste.
(1990, p. 35)*

- Cora Coralina

Neste primeiro capítulo realizaremos um trajeto histórico expondo, segundo a ordem do tempo, alguns fragmentos itinerários do Espiritismo na Europa e, mais tarde, no país onde mais cresceu que é o caso do Brasil; a menção dos precursores que idealizaram o plano pedagógico de evangelização espírita no país e em São Paulo; os propósitos finais; e as ações nas esferas interestaduais e municipais. Apontaremos brevemente determinadas personagens conhecidas internacionalmente, envoltas com o surgimento do Espiritismo, como indicadores de uma abordagem religiosa-educativa posto que não é o foco deste trabalho a investigação detalhista que o empreendimento de tais vultos teve na consolidação e na propagação do Espiritismo, porém meramente descrever uma conjuntura, e o contexto de sua importância na realidade espiritista.

1. 1. O surgimento do Espiritismo na América do Norte, na França e no Brasil

Consideráveis foram os pioneiros do Espiritismo no exterior - o polímata e espiritualista sueco Emmanuel Swedenborg⁵ (1668-1772), o sensitivo norte-

⁵ Experenciador dos fenômenos supranormais, cientista e inventor.

americano Andrew Jackson Davis⁶ (1826-1910), o espiritualista britânico Daniel Dunglas Home⁷ (1833-1886), o químico e físico britânico William Crookes⁸ (1832-1919) entre outros que trouxeram à baila a intercomunicação entre os que já partiram para outra esfera além da Terra e os que aqui permanecem. No Brasil, apresentaremos sinteticamente alguns inovadores e inovadoras do campo religioso espírita para visualizarmos o panorama preparatório para a culminância da evangelização em São Paulo. Não é o nosso foco tratar sobre eles, todavia apresentaremos apenas algumas personagens que criaram uma narrativa de experiência religiosa e educacional para a nossa abordagem.

Apesar do objeto dessa pesquisa ser a evangelização espírita, em si, esta só acontece porque há seres humanos que a divulgam, conhecem, defendem e a valorizam. As ideias e os projetos são resultados de mentes pensantes, de relações entre os pares que com ela, a evangelização, se identificam e comungam. Desse modo mencionaremos brevemente sobre algumas personalidades do meio espírita que diretamente influenciaram e contribuíram para a criação, a disseminação e a manutenção da prática de evangelização.

América. Uma criança. Ano de 1848. Distância de trezentas milhas ao norte de Nova Iorque situava-se um humilde vilarejo, Hydesville, não mais existente, porém pertencente ao município de Arcadia em Wayne County, um condado do estado de Nova York, nos EUA. Neste vilarejo mudou-se uma família protestante com três filhas⁹ para residirem em uma cabana de madeira. Essa família tornou-se conhecida na história do Espiritismo por vivenciar um fenômeno paranormal de pancadas na parede, produzidos por um ser desencarnado, isto é, alguém sem o corpo físico popularmente nomeado “do outro mundo”. A filha caçula dessa família, Katherine (Kate) Fox (1837-1892), que tinha entre nove ou onze anos de idade, foi quem protagonizou o intercâmbio com o estranho ser, descobrindo tratar-se de um homem que viveu naquela casa, ganhando notoriedade junto das irmãs, pois o fato foi noticiado nos periódicos da época, chegando à Europa.

⁶ Conhecido por desenvolver conceitos espiritualistas e por estudar o mesmerismo – método do médico alemão Franz Anton Mesmer (1734-1815), o qual se utilizava do hipnotismo e do magnetismo animal no tratamento, e cura, de doenças.

⁷ Possuía a rara habilidade de levitação e era dotado de quatro tipos de mediunidade ostensiva (DOYLE, 2013, cap. IX).

⁸ Realizou experiências sobre materialização - aparição de matéria de fontes desconhecidas - com a médium inglesa Florence Cook, entre 1871 e 1874 (LUCENA, 1982, p. 217).

⁹ Katherine "Kate" Fox, Leah Fox e Margaret "Maggie" Fox.

Há várias publicações literárias contra ou a favor do fenômeno de tiptologia¹⁰, sendo que alguns dão crédito à mediunidade das irmãs¹¹, outros refutam alegando manipulação delas em busca de fama.

Europa. Um aprendiz. Um castelo. À margem do Lago Neuchâtel, na Suíça. Antes, um convento, abandonado. Em 1805 tornou-se o Instituto de Yverdon, localizado na cidade Yverdon-les-Bains. Não foi a primeira instituição de ensino do educador suíço Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), porém sob sua direção, durante vinte anos, marcou uma reforma educacional ao implantar o seu método pedagógico. O professor francês de Filosofia e História da Pedagogia Michel Soëtard assim apresenta o método pestalozziano:

Sem dúvida, se houvesse que explicar aos que praticam a pedagogia como se aplicava esse espírito do método nos institutos de Pestalozzi se poder-se-ia estudar de que maneira se articulam, no centro do processo, três elementos: o coração, a cabeça e a mão (Herz, Kopf, Hand). Não se trata de três “partes” do homem, nem sequer de três “faculdades”, mas de três pontos de vista sobre uma mesma e única humanidade em ação de autonomia. Para Pestalozzi, a cabeça representa o poder que tem o homem, graças à reflexão, de separar-se do mundo e suas impressões confusas, e de elaborar conceitos e ideias. Mas como indivíduo situado, o homem continua estando completamente submerso em um mundo que, através da experiência, não para de requerer sua sensibilidade e o vincula com seus semelhantes na luta empreendida para dominar a natureza por meio do trabalho: essa é a dimensão do coração. O homem, provocado deste modo pelo que é e requerido pelo que deve ser não tem outra solução nesse conflito sempre aberto e plenamente assumido, que fazer de si mesmo uma obra: essa é a dimensão da mão.

Estes três elementos concorrem assim na produção da força autônoma em cada um dos interessados: a parte razoável garante a universalidade da natureza humana, a parte sensível garante sua particularidade radical, ainda que a contradição entre ambas libere por sua vez o poder essencialmente humano de levar a cabo uma ação que constitua a personalidade autônoma. Cabe assinalar também que este processo se desenvolve integralmente dentro do contexto da sociedade, na medida em que esta modela a razão humana e é objeto da insatisfação essencial dos interessados. (SOËTARD, 2010, p. 25).

¹⁰ No Espiritismo, comunicação dos Espíritos por meio de pancadas.

¹¹ As Irmãs Fox tiveram um importante papel na gênese do Moderno Espiritualismo Ocidental.

Cristão devotado e adepto do Protestantismo, Pestalozzi quase entrou para o sacerdócio, contudo mudou de intenção ao preferir pôr em prática suas ideias à respeito da educação tendo como convicção a manifestação da divindade no ser humano e na prática da caridade que ele exerceu junto aos mais necessitados, principalmente aos órfãos que acolheu ao longo de sua jornada.

Em 1815 um de seus alunos, Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804-1869), foi para lá encaminhado para estudar, por se tratar de uma escola de referência na época, conforme a pesquisa da jornalista e escritora Dora Incontri. Em nossas investigações deparamo-nos com esta descoberta da citada autora:

Informa o Centro de Documentação e Pesquisa Pestalozzi, de Yverdon: “Hippolyte-Léon-Denizard Rivail (1804-1869) vem em dezembro de 1815, com idade de 11 anos, acompanhado de sua mãe ao Instituto Pestalozzi de Yverdon. Ele vem se formar na arte do ensino. Ficará aqui alguns anos, depois volta a Paris, onde se consagra ao método Pestalozzi”. (INCONTRI, 1997, p. 135).

Passados quase quatro anos de internato já era admitido como submestre, aos catorze anos de idade, isto é, instruía os seus colegas com dificuldades de aprendizagem. E por isso havia se tornado um dos seus mais conceituados educandos e eficaz divulgador do método pedagógico lá adotado que anos depois o introduziu na reforma educacional na França e na Alemanha.

Um professor pesquisador. 1864. Quase meio século o cenário transfere-se para Paris, na França. Nesse período aconteciam os fenômenos das “mesas girantes” ocasionando um bizarro passatempo à sociedade parisiense. Um ano depois o já renomado educador Hippolyte Léon Denizard Rivail presenciou uma dessas sessões na casa da sonâmbula senhora Roger em companhia do senhor Fortier, seu magnetizador. Antes desse primeiro contato, Denizard considerava como causa das mesas girarem o magnetismo animal sobre o qual havia se inteirado pelas pesquisas do médico alemão Franz Anton Mesmer¹² (1734-1815).

Duas irmãs. No mesmo ano, maio de 1865, o professor Rivail assistiu uma das sessões semanais realizadas na residência da família Baudin cujas duas jovens

¹² Fundador da teoria do magnetismo animal chamada Mesmerismo.

filhas¹³ transmitiam comunicações de pessoas de além-túmulo. Foi nessas reuniões que o pedagogo se utilizou da *juventude* e começou os estudos sobre os fenômenos espirituais que mais tarde compilou em uma doutrina, isto é, um conjunto de ideias básicas contidas num sistema, cujo aspecto foi por ele caracterizada como científico, filosófico e religioso, chamado de Espiritismo.

Um petiz. Em 1861, Denizard, então conhecido pelo pseudônimo que havia adotado, Allan Kardec, compareceu a uma sessão espírita realizada na morada dos Delanne¹⁴ e acompanhou o filho do casal, com apenas oito anos de idade que tomou a iniciativa de efetuar a sessão explicando aos presentes o necessário, pois o seu pai havia se ausentado naquela ocasião (KARDEC, 2009b, p. 427). Tratava-se do infante François-Marie Gabriel Delanne¹⁵ (1857-1926) que posteriormente contribuiu com a parte dita científica do Espiritismo escrevendo numerosos livros e artigos científicos e filosóficos sobre a tônica espírita.

Um moço. No mesmo ano de 1861 ingressou na SPPE – *Société Parisienne des Études Spirites* – entidade fundada por Allan Kardec voltada ao estudo e pesquisa do Espiritismo, um jovem de dezenove anos chamado Nicolas Camille Flammarion¹⁶ (1842-1925) que anos mais tarde escreveu dezenas de livros em torno do postulado espírita da pluralidade dos mundos habitados (WANTUIL, 2004, p. 299).

Todos esses protagonistas do surgimento e consolidação do Espiritismo, apresentados nessa exposição sumária, com exceção de Hyppolite, têm algo em comum. Invariavelmente experienciaram fenômenos espirituais numa faixa etária infantil-juvenil que se destaca dos adultos, comumente personagens predominantes de uma explanação. De modo geral, isso nos suscita a questionar como agiriam os mesmos se já tivessem o conhecimento prévio das causas das manifestações espirituais. Hodiernamente, esses fatos são transmitidos aos jovens nas aulas de evangelização juvenil, usualmente, como temática do início do Espiritismo, fenômenos mediúnicos, entre outros.

¹³ Caroline e Pélagie são umas das primeiras médiuns das quais o professor Hippolyte se serviu na sua pesquisa acerca dos fenômenos espirituais.

¹⁴ Alexandre Delanne e Marie Alexandrino Didelot.

¹⁵ Intelectual e pesquisador sobre a mediunidade no contexto do problema mente-corpo.

¹⁶ Pesquisador e popularizador da astronomia, recebeu notórios prêmios científicos e foi homenageado com a nomenclatura oficial de alguns corpos celestes.

Brasil – Bahia e Rio de Janeiro. Gazetas¹⁷. A tradição de publicações espíritas no Brasil culminou, num primeiro momento, no estudo e divulgação da doutrina e, num segundo momento, na aplicação dos conhecimentos adquiridos nas sessões que passaram a ser realizadas nas residências e Centros organizados.

Em meados de 1818 já se comentava no país sobre a homeopatia tanto que o fundador, o médico alemão, Christian Friedrich Samuel Hahnemann (1755-1843) trocava correspondências com o estadista brasileiro José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838). Em 1840 aportaram no Brasil o médico francês Benoît Jules Mure (1809-1858), apelidado de Bento Mure, e o médico português naturalizado brasileiro João Vicente Martins (1808-1854); ambos eram espiritualistas e possuíam capacidades paranormais, o primeiro a da vidência e o segundo a da psicografia¹⁸. Estes últimos foram filantropos e divulgadores dos métodos homeopático e espiritualista, como vemos:

(...) É ainda a Martins que se deve a introdução, em nosso país, das irmãs de caridade e dos princípios vicentinos, nos idos de 1843. Eles sustentavam a divisa "Deus, Cristo e Caridade", devendo-se a ambos a aplicação de passes aos doentes, como um ato religioso e como veículo auxiliar na cura homeopática, conseqüentemente, foram os homeopatas e não os espíritas que começaram a fazer o uso do passe. (SEMEADOR, 1980b, p. 04).

Em 14 de junho de 1853, pela primeira vez, chegaram ao Brasil notícias dos fenômenos das *mesas girantes* publicado pelo “Jornal do Commercio”, do Rio de Janeiro, e enviadas pelo correspondente em Berlim, José da Gama e Castro¹⁹ (1795-1893). Estabeleceu-se o primeiro grupo que se tem notícias, fundado pelo médico e historiador Alexandre José de Mello Moraes²⁰ (1816-1882), para estudos dos fenômenos espíritos. No dia 30 do mesmo mês e ano, a gazeta retratou esses famosos fenômenos que atraíam as pessoas em Paris, Estados Unidos, México, Londres, Viena e Berlim. Outros jornais como o “Diário de Pernambuco”, impresso em Recife, em 02 de julho de 1853, e “O Cearense”, editado em Fortaleza, também propagaram a comunicação dos Espíritos pelas mesas girantes. Percebe-se que o

¹⁷ Do veneziano *gazeta* (do nome de um jornal criado em Veneza, em 1539, a partir de *gazza*, “moeda”), pelo it. *gazzetta*. (FERREIRA, 2010, p. 1021).

¹⁸ Para o Espiritismo é uma das várias possibilidades de expressão mediúnica que existe.

¹⁹ Médico que serviu El-Rei D. Miguel e instalou-se no Brasil a partir de 1838.

²⁰ Notabilizou-se como divulgador da homeopatia.

papel da imprensa na implantação do Espiritismo no país foi verdadeira força social e ativa, como se lê:

Conquanto desde 1853 os jornais do país já registrassem reuniões familiares para a produção de fenômenos mediúnicos, o Espiritismo codificado pelo Allan Kardec só desembarca no Brasil por volta de 1860 com os primeiros exemplares de *O Livro dos Espíritos* (...). Em seguida, neste mesmo ano de 1860, surge o primeiro livro espírita publicado no Brasil: *Os Tempos são Chegados*, do professor francês Casimir Lieutaud, obra pioneira que abriria caminho para a introdução do Espiritismo no Brasil. (GENTILE, 2006, p. 196).

Em 17 de setembro de 1865 o jornalista poliglota Luís Olímpio Teles de Menezes (1825-1893) criou em Salvador o primeiro Centro Espírita do Brasil denominado “Grupo Familiar do Espiritismo” (BARBOSA, 1987, p. 68). E em julho de 1869 lançou “O Eco d'Além-Túmulo”²¹, primeiro periódico espírita do Brasil com circulação em várias capitais brasileiras e estrangeiras, tornando-se assim, ao lado de José da Gama e Castro, Luiz Olympio e Casimir Lieutaud os pioneiros a veicular o Espiritismo no Brasil.

Salientamos o fato de que a publicação do jornal foi anunciada por Allan Kardec na “Revista Espírita: Jornal de Estudos Psicológicos” duas vezes, nos meses de outubro e novembro de 1869, em Paris, na França, conforme verificamos no seguinte excerto:

Num dos últimos números da Revista anunciamos o aparecimento de uma nova publicação espírita em língua portuguesa, na Bahia (Brasil), sob o título de *L'Écho Spirite d'Outre-Tombe (O Eco de Além-Túmulo, monitor do Espiritismo no Brasil)*. (...)

O Eco de Além-Túmulo aparece seis vezes por ano (...) sob a direção do Sr. Luiz Olympio Telles de Menezes, ao qual nos apressamos imediatamente a endereçar vivas felicitações, pela iniciativa corajosa de que nos dá prova. Com efeito, é preciso grande coragem de opinião para criar num país refratário como o Brasil um órgão destinado a popularizar os nossos ensinamentos. (...). A introdução e a análise que o Sr. Luiz Olympio faz, do

²¹ De teor didático, somava 56 páginas a cada edição bimestral reproduzindo artigos da *Revue Spirite*, páginas de *O Livro dos Espíritos* com a finalidade de desmistificar a ideia deturpada que se tinha do Espiritismo. Não possuía propósitos rendáveis, pois parte da sua vendagem reservava-se à causa abolicionista.

modo pelo qual os Espíritos nos revelaram a sua existência, pareceram-nos bastante satisfatórias. Outras passagens, referindo-se mais especialmente à questão religiosa, dão-nos ocasião para algumas reflexões críticas.

Para nós, o Espiritismo não deve tender para nenhuma forma religiosa determinada. Ele é e deve continuar como uma filosofia tolerante e progressiva, abrindo seus braços a todos os deserdados, seja qual for a nacionalidade e a convicção a que pertençam. (KARDEC, 2010 c, p. 474).

No tempo do desencarne²² do codificador²³ (1869), em diversas regiões brasileiras, encontravam-se núcleos particulares com um número considerável de seguidores, mais ou menos cultos.

Em 02 de agosto de 1873 inaugurou-se o primeiro grupo constituído juridicamente, na Capital do Império, a “Sociedade de Estudos Espíritos – Grupo Confúcio”²⁴ que na data de 1º de janeiro de 1875 lançou a “Revista Espírita” - no formato da *Revue Spirite* de Allan Kardec - como difusão mensal de Estudos Psicológicos (BARBOSA, 1987, p. 73), tornando-se esta a segunda gazeta espírita no país e a primeira do Rio de Janeiro.

Este Grupo - dirigido pelo engenheiro Antônio da Silva Neto (1836-1905) e o advogado Francisco Leite de Bittencourt Sampaio (1834-1895) – durou apenas três anos, mas foi o responsável pelas primeiras traduções para a língua portuguesa das obras básicas da Codificação Kardequiana²⁵ sob a elaboração do médico fluminense Joaquim Carlos Travassos (1839-1915), que assinava sob o pseudônimo de Fortúnio, nos anos 1875 e 1876. Ao Grupo Confúcio coube também a vanguarda de prestar as primeiras assistências gratuitas de natureza homeopática no país, ou seja, foi na organização dessa primeira entidade jurídica do Espiritismo no Brasil que entrou o elemento homeopático com preponderância, conforme comentado anteriormente.

Em 1876 desfez-se o Grupo Confúcio porque os estudos priorizavam “O Livro dos Espíritos” (de cunho filosófico) e “O Livro dos Médiuns” (de natureza científica, segundo Kardec) ficando à margem “O Evangelho segundo o Espiritismo” (caráter

²² Vem do verbo desencarnar, passar para o mundo espiritual.

²³ Propagador Allan Kardec.

²⁴ Não era um tributo ao filósofo chinês, mas a um Espírito que comparecia algum tempo nos trabalhos particulares de Francisco Siqueira Dias Sobrinho, transmitindo princípios de moral.

²⁵ Denominam-se Obras Básicas do Espiritismo os cinco livros publicados por Allan Kardec – “O Livro dos Espíritos” (1857), “O Livro dos Médiuns” (1861), “O Evangelho segundo o Espiritismo” (1864), “O Céu e o Inferno” (1865) e “A Gênese” (1868).

religioso). Os adeptos que defendiam o enfoque religioso eram chamados de “místicos” e acabaram por se desligar do grupo formando outro, com o intuito de estudar primordialmente o evangelho, fundando a 26 de abril de 1876 a “Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade” que, por sua vez seria sucedida pela “Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade”, a 3 de outubro de 1879. Nessas sociedades, similarmente, manifestaram-se entendimentos divergentes ocasionando nova cisão entre os “místicos” e os “científicos”, sendo que, mais uma vez, os “místicos” criaram outra instituição, a “Sociedade Espírita Fraternidade”, a 2 de março de 1880. Esta ruptura será oportunamente tratada no capítulo posterior.

Naquele tempo, dentro do movimento espírita, cogitava-se da criação de um Centro em torno do qual deveriam se agrupar os demais núcleos então existentes. Todavia, praticamente todos os grupos aspiravam ser esse organismo diretor de unificação. Nesse contexto, o advogado Antônio Luiz Sayão (1829-1903) tentou agregar ambas as Sociedades chegando a criar a 15 de julho de 1880, o “Grupo dos Humildes”, popularmente conhecido como o “Grupo do Sayão” com duração apenas de um ano. Por fim, antes de seu encerramento, este grupo veio a se chamar “Grupo Ismael”²⁶ convertendo-se então na Federação Espírita Brasileira.

A FEB – Federação Espírita Brasileira - surgiu a 02 de janeiro de 1884 no Rio de Janeiro pela iniciativa do fotógrafo português Augusto Elias da Silva (1848-1903), integrante da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, e que no ano anterior, a 21 de janeiro de 1883, lançou a revista “Reformador” (NUNES, 2007, p. 66). O referido periódico tornou-se o veículo oficial de todo o movimento espírita da época e, apesar de modesta tiragem com somente quatro página de texto, quinzenalmente vinha à público. Parte da impressão era expedida, via marítima, a Lisboa. Lançar um periódico espírita na Corte do Brasil, em 1883, era um ato de coragem. Posteriormente, e por vinte anos, a revista ficou sob a direção do escritor Leopoldo Cirne (1870-1941).

Em 1889, ainda idealizando a união dos espíritas, o médico e deputado Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti²⁷ (1831-1900) elegeu-se presidente da FEB fortificando a assistência aos desvalidos, exortando reuniões de estudos doutrinários

²⁶ Ismael teria se apresentado como guia espiritual do país, pela primeira vez em 1873, na reunião do “Grupo de Estudos Espíritos Confúcio”.

²⁷ Apontado como exemplo para muitos seguidores do Espiritismo por sua natureza humanitária remodelou o movimento espírita no país.

e instituindo um Congresso, no qual foram lançadas as bases do movimento federativo espírita brasileiro.

A história das publicações espíritas no estado de São Paulo inicia-se com a pioneira “Verdade e Luz”, na capital paulistana, a 20 de maio de 1890, impressão quinzenal criada pelo comerciante português António Gonçalves da Silva (1839-1909), apelidado de Batuira, em referência à ave de mesmo nome, pois como naquela época não havia bancas de jornais nos lugares públicos, ele fazia a entrega de casa em casa muito célere e a distribuía pelas ruas, às tardes, “muito ativo, correndo daqui para acolá”. Um dos diretores da revista foi o advogado Pedro Lameira de Andrade (1880-1938) “tendo sido um dos pioneiros na fundação de escolas e ginásios espíritas em São Paulo” (O SEMEADOR, 1974, p. 8), entre eles o Liceu Espírita Brasileiro, na capital.

O farmacêutico e filantropo carioca Cairbar de Souza Schutel²⁸ (1868-1938) criou a 15 de julho de 1905, o Centro Espírita "Amantes da Pobreza" na cidade de Matão, interior de São Paulo e, em agosto do mesmo ano, fundou o jornal "O Clarim" (ainda em circulação), assim como a “Revista Internacional de Espiritismo” lançada vinte anos depois, a 15 de fevereiro de 1925, (antes quinzenal e depois mensal) a fim de complementar a divulgação do primeiro periódico. A partir de 2005 a instituição passou a denominar-se Centro Espírita O Clarim (FERNANDES, 2011, p. 196). Ainda se dedicou à criança, instalando escolas em Matão e entre suas obras, figura "Espiritismo para as Crianças" (1918).

O jornalista português Inácio Bittencourt (1862-1943) fundou o semanário "Aurora" disseminado em todas as direções do país, alcançando tiragem e penetração apreciáveis, além de dirigir a "Tribuna Espírita", fundar em 1º de janeiro de 1919 o "Abrigo Teresa de Jesus", o "Centro Cáritas", a "União Espírita Suburbana", o "Asilo Legião do Bem" e presidir o "Centro Humildade e Fé" (WANTUIL, 1981, p. 385). Observamos o quanto se desenvolveu a imprensa especializada no Espiritismo, também constituindo-se em força ativa, linguagem característica do social e, igualmente, construída historicamente:

A imprensa espírita desempenha um papel de relevante importância no campo da difusão do Espiritismo. Vários vultos espíritas de renome dedicaram-se com afinco a esse propósito: Allan Kardec ("Revista Espírita"),

²⁸ Prefeito por dois mandatos, de 1898 a 1900.

Cairbar Schutel (jornal "O Clarim" e "Revista Internacional de Espiritismo"), Bittencourt Sampaio, J. Herculano Pires, Guillon Ribeiro, Carlos Imbassahy, Deolindo Amorim, Luiz Monteiro de Barros, Inácio Bittencourt e muitos outros.

Centenas e centenas de jornais e revistas espíritas já surgiram no Brasil, muito deles de vida efêmera; entretanto, todos contribuíram na ingente tarefa de disseminação da Doutrina dos Espíritos. (GODOY, 1994, p. 2).

Digno de menção a revista "O Revelador", em circulação nas décadas de 1930 a 1940, pela União Federativa Espírita Paulista; o jornal "A Aliança", fundado em 1937 pelo professor Sebastião Maggi da Fonseca e o jornal "Unificação", órgão da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo - USE, lançada em março de 1953 com o propósito de propugnar os ideais do movimento de unificação dos espíritas.

Não obstante em 1933 já houvesse em São Paulo "um organismo de caráter federativo", a União Federativa Espírita Paulista, tornava-se imprescindível a formação de uma Federação legalizada visando aproximar significativa parte dos espíritas que se mantinha afastada e sem uma orientação embasada sobre os princípios sólidos do Espiritismo. Nessa época a "A Associação Espírita São Pedro e São Paulo" localizada na rua Paranapiacaba nº 07, a "Sociedade Metapsíquica de São Paulo" situada na rua José Bonifácio, nº 41, ambas no centro do município, a "Celestino dos Santos" e a "Nova Revelação" se uniram para a fundação de uma Congregação Espírita de São Paulo buscando promover uma entidade de âmbito estadual que pudesse agregar o disperso movimento espírita paulista.

Desse núcleo, com a presença de setenta e nove confrades, conforme registro de presença, a 17 de maio de 1936, houve a primeira reunião para tratar da unificação da Congregação dos Espíritos de São Paulo, contudo passados curtos dois meses, a 12 de julho, mudou-se definitivamente a denominação para Federação, termo esse mais apropriado aos intentos a que se propunha. Na data solene foi eleita e empossada a primeira diretoria da Federação, cuja composição foi a de Patrício Pinto de Miranda como o primeiro presidente (12/07/1936 a 20/11/1938); o médico homeopata Augusto Militão Pacheco (1866-1954), um dos fundadores da tradicional Associação Espírita São Pedro e São Paulo, como Vice-Presidente; 1º Secretário, Hernani Rangel Policeno; 2º secretário, Eugênio Carlos Monteiro; 1º Tesoureiro, Heráclito Rocha; 2º Tesoureiro, João Batista Dinola;

Procurador, Pedro de Monte Ablas e Orador oficial Pedro Lameira Andrade. Referido evento foi devidamente documentado, destacando-se o excerto abaixo:

Um pugilo de denodados seareiros, no entanto, sentia a profundidade do problema e, para isso, no dia 17 de maio de 1936, reunindo-se em comissão, lançou as bases da fundação da Congregação Espírita de São Paulo. (...)

No dia 12 de julho de 1936, instalou-se a sessão decisiva, tendo sido apresentado o Estatuto, ficando, porém, estabelecido que o nome da nova instituição não seria mais Congregação Espírita do Estado de São Paulo, mas Federação Espírita do Estado de São Paulo, nome esse mais compatível com as finalidades da nova instituição. (SEMEADOR, 1981, p. 11).

No site da FEESP, seu Estatuto Social, aprovado em Assembleia Geral Extraordinária, tendo como última data a 12 de setembro de 2011, declara ser uma “associação civil, de direito privado, com caráter religioso, filantrópico e de assistência social e educacional, sem fins econômicos”. Em seu artigo 2º, item 1, está estabelecido que são finalidades da Federação “o ensino, o estudo, a prática e a difusão do Espiritismo no seu tríplice aspecto - religioso, filosófico e científico - de conformidade com as obras da Codificação de Allan Kardec, para todas as faixas etárias”. Em síntese assume como posição estratégica o “acolhimento, a orientação e a educação do Espírito”.

Em 31 de maio de 1939 a FEESP - registrada no Serviço de Medicina Social nº 331 e no Departamento de Servidor Social sob o nº 335 - instalou-se na rua Maria Paula, nº 158 (av. Irradiação²⁹), a seiscentos e cinquenta metros do marco zero da capital, com o dístico de “Casa dos Espíritas do Brasil”³⁰.

Na inauguração estiveram presentes o advogado João Baptista Pereira, como o segundo presidente da Federação (20/11/1938 a 10/12/1939 quando renunciou); o professor Américo Montagnini (1897-1966), presidente da “Associação Espírita S. Pedro e S. Paulo” e, posteriormente, o terceiro presidente da Federação por vinte e sete anos (10/12/1939 a 29/11/1966 quando veio a falecer); Carlos Gomes de Souza Shalders (1931-1933), diretor da “Sociedade Metapsíquica”, da Escola Politécnica

²⁹ A Rua Maria Paula fazia parte do complexo chamado Perímetro de Irradiação (1930-1954) sendo uma das avenidas de Irradiação, complexo este que facilitava a circulação do trânsito.

³⁰ Impresso desse modo até 1941 no jornal “O Semeador”.

da USP e o primeiro presidente da ACM - Associação Cristã de Moços; além de autoridades federais, estaduais, imprensa, representantes das Federações Espíritas de outros estados e quatro mil espectadores.

Em seus primórdios a FEESP ofereceu serviços, todos gratuitos, de Assistência: Médica sob a direção de Luiz Monteiro de Barros que foi o quarto presidente, de 26/11/1966 a 04/06/1970; Dentária, a cargo dos cirurgiões dentistas João Batista Dinola e Braz L. Giannini; Farmacêutica Homeopática; Judiciária; Mutuária; Social a desvalidos com distribuição de roupas, gêneros alimentícios e demais socorros, além do Departamento das Damas Espíritas de Caridade³¹ e, diariamente, os passes mediúnicos.

A partir de março de 1950 o comandante Edgard Pereira Armond³² (1894-1982), requisitado a exercer a posição de secretário-geral e enfrentando críticas dos espíritas apegados “a sessões mediúnicas sem o mínimo de conhecimento doutrinário e regras” (SILVA JUNIOR, 2010, p. 216) reestruturou os trabalhos introduzindo, a 06 de maio de 1950, as Escolas de Aprendizes do Evangelho, as Escolas de Médiuns, atualmente curso de Educação Mediúnica, e o de Passes , em 1951, tornando-se ele um marco divisor na Casa, “antes e depois”.

A Federação permaneceu no endereço da rua Maria Paula até 11 de janeiro de 1981, quando transferiu-se temporariamente para a nova sede, adquirida em meados de 1947, na rua Santo Amaro, nº 370 com fundos para a rua Japurá, nº 211, pois a sede antiga não comportava mais o crescente ritmo de atividades no reduzido espaço precisando ser demolida e erguida outra construção no local. No cinquentenário da Federação, a 12 de julho de 1986, houve o lançamento da pedra fundamental da criação dessa “nova sede” numa área total construída de 10.429 m² num terreno de duas frentes medindo 1.748 m².

³¹ Maria Augusta Ferreira Puhlmann, Nair Ambra Ferreira – mãe e tia de Nancy Puhlmann, presidente do Instituto Beneficente Nosso Lar - e Elisa Andreucci criaram o primeiro Departamento de Assistência Social da Federação que, no começo, se denominava Departamento das Damas de Caridade Vicente de Paulo cuja atividade era visitar as casas de gestantes pobres e distribuir enxovais aos recém-nascidos.

³² Estruturou o estudo do Espiritismo na FEESP, e depois na Aliança Espírita Evangélica (São Paulo), em termos evangélicos e concebeu cursos para contribuir no aperfeiçoamento de médiuns.

E, finalmente, a 14 de outubro de 1994 reabriu a FEESP³³ durante a realização do Congresso Feespírita, de volta à rua Maria Paula³⁴ em nova numeração, 140, no bairro da Bela Vista.

Por ora, esse foi o percurso do movimento espírita brasileiro com a origem das instituições e suas respectivas publicações oficiais. No que tange à Federação, temos que, em 1º de março de 1944, a mesma lançou como seu órgão oficial o jornal “O Semeador”³⁵. Este teve, primeiramente em sua direção, a jornalista Marta Cajado de Oliveira³⁶ (1896-1989) e na sequência o educador e divulgador espírita Pedro de Camargo (1878-1966), pseudônimo Vinícius, como o diretor-gerente por mais de uma década. Outros prosseguiram na coordenação do periódico como Antônio Rodrigues Montemor; o violonista e professor Manoel Pelicas São Marcos³⁷ (1909-2004); o comandante Edgard Pereira Armond; o jornalista e escritor Paulo Alves Godoy (1914-2001); o professor Francisco Rubens Castelo Branco, entre outros.

Pedro de Camargo, além de atuar como conselheiro da FEESP, foi um orador que empregou a sua vida intelectual ao aprofundamento do evangelho sob a ótica espírita realizando aos domingos pela manhã “Tertúlias Evangélicas” sobre os conceitos doutrinários (WANTUIL, 1981, p. 603). Orador, evangelizador espírita e autor de livros³⁸, colaborou na difusão do Espiritismo por mais de cinquenta anos estreando em 1940 “a primeira estação dos espíritas” (extinta), a PRH-3 – Rádio Piratininga e sendo presidente do IEE - Instituto Espírita de Educação até 1962.

Junto do educador Pedro de Camargo, o IEE foi criado pelo jornalista, filósofo, escritor e tradutor José Herculano Pires (1914-1979), pelos professores Fausto Lex (1878-1950), Emílio Manso Vieira e Luíza Peçanha Camargo Branco com o propósito de dispor de escolas infantis com base no Espiritismo:

³³ A Instituição é composta das seguintes Áreas: Assistência Social e Educacional; Divulgação; Ensino; Federativa; Financeira; de Infância, Juventude e Mocidade com quatro subsedes – Santo Amaro; Casa Transitória Fabiano de Cristo; Casa do Caminho e a de São José dos Campos.

³⁴ Em maio de 1894, a rua foi aberta pela D. Francisca de Paula Souza e Mello, Baronesa de Limeira, em terrenos de sua propriedade, homenageando a avó, D. Maria Paula Machado. (NUNES, 2007, p. 102).

³⁵ O logo original foi modificado em julho de 1955 e em maio de 2004.

³⁶ A mãe de Marta Cajado de Oliveira era protestante e tinha muita amizade com Anália Franco, que frequentava a sua casa, quando Marta era bem pequena. Ela conheceu pessoalmente o escritor (...) Monteiro Lobato, que assistia a reuniões mediúnicas em sua casa. (O SEMEADOR, mar 1994, p. 09).

³⁷ Idealizador e fundador do Curso de Filosofia Espírita no Brasil.

³⁸ “Nas pegadas do Mestre (1933)”, “Em torno do Mestre” (1947), “Na seara do Mestre” (1951); “Na escola do Mestre” (1954), “Em busca do Mestre” (1966) e “O Mestre na Educação” (1976).

O Instituto Espírita de Educação é fruto do 1º Congresso de Educação Espírita Paulista, promovido pelo Departamento de Educação da USE – União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, realizado de 16 a 18 de janeiro de 1949. (OLIVEIRA, 1989, p. 06).

Seis anos após o exposto Congresso, a 09 de março de 1955, efetuou-se o registro da primeira escola espírita na capital paulistana, mantida pelo IEE, denominada Externato Hilário Ribeiro – em homenagem ao professor e escritor porto-alegrense (1847-1866), conhecido por palestrar em muitas cidades brasileiras sobre a educação. Na ocasião o médium Francisco Cândido Xavier³⁹ (1910-2002), ao ser noticiado sobre a iniciativa, escreveu uma carta, em 1956, ao professor Emílio Manso recomendando o seguinte:

Meu caro Prof. Emílio, não poderá, por exemplo, o Externato oficializar uma aula de Doutrina Espírita, fácil, leve e acessível, às crianças, com base no Evangelho em cada sábado da Semana? (IEESP, 2009, s.p).

A primeira sede do IEE situava-se num espaçoso sobrado na rua Guarará, 158, no Jardim Paulista, depois mudou-se para a r. Abílio Soares, nº 678, no bairro Paraíso, e após enormes esforços em 1983 foi inaugurada a terceira sede, um prédio de dois andares, na r. Leopoldo Couto Magalhães Jr, 695, no Itaim Bibi. Somente nos anos de 1988 a 1990, sob a direção da pedagoga e psicopedagoga Eliana de Souza Franco, reiniciaram as atividades com a proposta de evangelização espírita. Ela conseguiu concretizar a recomendação do médium Francisco Cândido Xavier ministrando as aulas de evangelho à luz do Espiritismo aos alunos da escola, uma vez na semana, tendo como objetivo a formação moral dos estudantes - uma escola filantrópica, “uma escola espírita para a educação cristã dos jovens” (OLIVEIRA, 1989, p. 6).

Em 1999 encerrou-se o ensino curricular, isto é, a escola fechou as portas por causa de sérios problemas financeiros. Em 06 de junho de 2011 o IEE se mudou

³⁹ Psicografou mais de 450 livros, tornando-se o escritor de maior êxito comercial da história sempre abrindo mão de todos os direitos autorais, em cartório, para instituições de caridade, além de psicografar cerca de dez mil cartas sem reivindicar algo do destinatário. Conhecido filantropo e humanitário, recebeu diversas homenagens e condecorações, entre elas a do *maior brasileiro de todos os tempos*, em 2012, pela BBC - British Broadcasting Corporation - e pelo SBT – Sistema Brasileiro de Televisão.

para a nova sede, na rua Prof. Atílio Innocenti, 669 na Vila Olímpia, para a melhor utilização dos recursos filantrópicos da instituição dedicando-se exclusivamente ao atendimento espiritual e cursos de Espiritismo aos adultos.

Conforme observamos, essas primeiras instituições mencionadas, surgidas nos três estados brasileiros, Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo, o movimento espírita se estruturou de forma a que se pudesse estudar, de maneira integral e contínua, o conjunto de princípios espíritas, classificado por Allan Kardec, em ordem filosófica, científica e moral, e na subsequência praticar a fraternidade entre todas as criaturas. Desta forma, entendemos que a cultura espírita tem a instrução e a educação como recursos intransferíveis de aprimoramento moral, buscando-se atender à razão e à educação, não a formal, a dos livros apenas, mas a que visa aprimorar o caráter como chave preponderante de esclarecimento e de desenvolvimento do ser, aspecto este que a evangelização espírita está inserida.

Constatamos, assim, que o legado de Allan Kardec, de estudo e formação das novas gerações, publicação de livros em linguagem didática e acessível ao público leigo, somado ao trabalho dos demais vanguardistas do final do século XIX no Brasil influenciaram algumas personalidades ligadas à educação-evangelização espírita.

O objetivo aqui não é restabelecer uma galeria histórica e sim alinhar as personagens e suas ideias influenciadoras, seja no campo da palavra ou da atitude, para se ter uma perspectiva daquelas que se estruturaram no campo religioso, segundo o conceito do sociólogo francês Pierre Bourdieu, do qual abordaremos no segundo capítulo, e suas contribuições à evangelização espírita.

O bairro Jardim Anália Franco, em São Paulo, é uma homenagem a essa professora, Anália Franco Bastos (1853-1919), que ao defender a causa da educação dos negros, filhos de escravos, de mulheres solteiras, pobres, negras, enfim, das mais excluídas, erigiu mais de setenta escolas, vinte e três asilos aos órfãos, dois albergues, um espaço profissionalizante para mulheres além de várias oficinas em vinte e quatro cidades do interior e da capital.

Alguns historiadores, como o professor Alessandro Cesar Bigheto, a classificam como “missionária da educação”. O fato é que a filantropa e militante espírita garantiu uma proposta engajadora ao “acolher e educar crianças negras,

marginalizadas, quando da Lei do Ventre Livre e depois da Abolição⁴⁰ (BIGHETO, 2007, p. 105). Também nos pautamos em outro historiador, Eduardo Carvalho Monteiro para recolhermos dados desta filantropa brasileira que, segundo ele, era uma educadora não de palavras, mas de ações, demonstrando no seu dia a dia a fé que tinha no amparo divino. Lemos em sua obra:

(...) Se me perguntassem sobre os regulamentos internos desse asilo ou se perguntassem, especialmente, qual era ali a religião dominante, eu ficaria um pouco pensativa... Um mundo de considerações tomaria o meu pensamento e eu responderia – bastante admirada: - Caridade!

(...) As criancinhas, os jovens, os anciãos, todos os que viviam sob o teto abençoado desse 'Lar' aprenderam, desde o início da sua fundação, a estarem sempre em contato com as forças espirituais por intermédio das preces. (MONTEIRO, 1992, p. 186).

Segundo o mesmo historiador, Anália tinha o hábito de estimular o estudo e, principalmente, a prática do Espiritismo como este excerto de uma carta enviada a uma de suas alunas, Maria Omiéres:

(...) Peço-lhe encarecidamente que nunca deixe de estudar os santos Evangelhos de Kardec, seguindo sempre essa bela e santa doutrina que tanto nos fala à alma e ao coração (...). (MONTEIRO, 1992, p. 192).

Conhecida defensora da liberdade e da tolerância religiosa, Anália Franco acolhia em suas instituições mulheres e crianças de todos os credos. Recebia críticas e perseguições por essa conduta aberta, porém havia os que exaltavam os seus projetos por serem portadores do “amar ao próximo”. Sua pedagogia era liberta de partidatismo, não ensinava Espiritismo em suas creches. De acordo com o estatuto da Associação Feminina Beneficente e Instrutiva de São Paulo, a 17 de novembro de 1901, inicialmente instalada no Largo do Arouche⁴¹, números 58 e 60, defendia-se no artigo II, 7º que “a associação é leiga, respeitando todas as crenças das suas sócias e protegidas” (MONTEIRO, 1992, p. 76). No entanto exortava uma

⁴⁰ Para aprofundar a importância da Lei nº 2040/1871, conhecida como a Lei do Ventre Livre 1871, que há 150 anos foi promulgada ver ALBUQUERQUE (2009), OLIVEIRA (2021) e SCHWARCZ (1993, 2019).

⁴¹ Mudou-se posteriormente para outros cinco endereços sendo o último em Tatuapé, permanecendo ainda em funcionamento.

religiosidade universal motivando as crianças à oração, o entendimento da imortalidade da alma, de Deus e da fraternidade humanitária. A partir de 1934, o advogado, farmacêutico e médico Silvino Canuto de Abreu (1892-1980), um dos diretores da Sociedade Metapsíquica de São Paulo e expositor da primeira turma de Aprendizes do Evangelho, na FEESP, tornou-se colaborador da Associação Feminina Beneficente e Instrutiva, além de empreender reformas e construções em internatos à infância abandonada.

Eurípedes Barsanulpho (1880-1918), professor na cidade de Sacramento, MG, e conhecido pelas redondezas de outras cidades próximas e de estados como São Paulo e Mato Grosso, fundou em janeiro de 1907 a primeira escola brasileira com bases na pedagogia espírita, denominada Colégio Allan Kardec⁴². Essa escola possuía algumas peculiaridades que a diferenciavam do método usual na época, como verificamos:

Em sua escola, Eurípedes não queria formar espíritas ou religiosos. (...) No Colégio Allan Kardec não havia aulas obrigatórias de espiritismo, pois não era uma escola confessional, no sentido tradicional do termo. (...) havia no colégio estudos comparados de religião, em que se estudava o espiritismo e todos os sistemas religiosos existentes. (BIGHETO, 2007, p. 172).

Conforme este autor, Eurípedes abraçava uma concepção espiritualista universal, abrangente. Seu método educacional respeitava a opção espiritual do indivíduo buscando evitar qualquer atividade proselitista, dogmática ou o doutrinamento vinculado à confissão religiosa. Sua prática pedagógica destinava-se a formar o ser humano livre, com senso crítico, autor de si e não reles observador sem expressividade para proceder, respeitando individualmente o desenvolvimento físico e psicológico. Seu método teve grande repercussão por se tratar de uma 'pedagogia do amor':

O educador de Sacramento confiava na essência humana boa e divina, enraizada no Espírito e foi um otimista em sua proposta pedagógica. Demonstrava através de sua prática, que, através da educação, o ser divino

⁴² Fundado em 1907, o colégio foi criado inicialmente com o nome de Liceu Sacramento, em 1902. Atualmente é a sede do Grupo Espírita Esperança e Caridade, que fora fundado em 1905, também por Eurípedes Barsanulfo.

e suas potencialidades poderiam ser trazidos à tona. (BIGHETO, 2007, p. 242).

Ainda, segundo este autor, Eurípedes promovia um sistema de ensino baseado na educação espírita do ser, de seu caráter mediante princípios éticos, objetivando com isso que o aprendiz pudesse participar da vida social condignamente.

Tomás Novelino (1901-2000), médico cirurgião, homeopata, fundador do Educandário Pestalozzi, em 1º de agosto de 1944, em Franca, São Paulo, conviveu tanto com a educadora Anália Franco quando ficou internado, por orfandade, no Asilo, em São Paulo, dos seis aos dez anos (1908 a 1912) quanto se relacionou com o educador Eurípedes Barsanulfo no Colégio Allan Kardec, em Sacramento, MG, dos treze aos dezesseis anos (1915 a 1918). O Educandário consistia numa escola livre na qual as crianças de quaisquer religiões pudessem se instruir sem preconceito, todavia “tratava-se também de uma escola com orientação espírita, não sectária, pois o Espiritismo bem compreendido jamais é sectário” (NOVELINO, 2001, p. 17). A instituição trabalhava com dezenas de professores das mais variadas inclinações religiosas, contudo “todos os dias, havia passes⁴³ para os alunos do lar-escola” (NOVELINO, 2001, p. 25). Em 1972 foi criada a Faculdade Pestalozzi de Ciências, Educação e Tecnologia de Franca e em 1975 passou a ser a UNIFRAN – União das Faculdades Francanas – atualmente Universidade de Franca.

Aos noventa anos de idade, Tomás Novelino, em sua extensa atuação educativa espírita, exprimiu-se nessa significativa afirmação:

Há uma correlação estreitíssima entre os métodos de Pestalozzi, os métodos de dona Anália e os métodos de Eurípedes Barsanulfo. (...) Educar, como dizia Pestalozzi, é o desenvolvimento harmonioso dos poderes anímicos do ser. É a educação integral. Poderes anímicos são poderes do espírito, portanto não é uma educação materialista. A educação de Eurípedes, Anália Franco e Pestalozzi tem cunho espiritualista, com o desenvolvimento integral da criatura. Desenvolvimento da inteligência, educação da vontade e do sentimento. A cultura do sentimento do bem e do amor. Essa era a escola de Pestalozzi, essa era a escola de Anália Franco, essa era a escola de Eurípedes Barsanulfo. (INCONTRI, 2006, p. 192).

⁴³ Transusão de energias da natureza física, biológica, psíquica e espiritual, de uma pessoa para a outra, fazendo-se isto, geralmente, estendendo-se as mãos.

Foram esses quatro educadores, incluindo Tomás Novelino, que prepararam as bases de uma formação moral espírita no Brasil, no início nomeado livremente e ao longo dos anos anunciadas como educação ou evangelização espírita.

José Herculano Pires (1914-1979), jornalista, filósofo (licenciou-se em 1957 pela USP em Filosofia), educador, tradutor, autor de oito dezenas de livros, empregou na imprensa o pseudônimo de Irmão Saulo tornando-se um crítico resoluto de tendências do movimento espírita brasileiro combatendo os transvios e logros de “igrejificação” do Espiritismo. Não é possível aqui abordarmos sobre esses aspectos, pois o nosso foco é sobre a evangelização espírita. Em uma de suas obras, “Pedagogia Espírita”, ele afirma:

Não poderíamos dizer que O Livro dos Espíritos⁴⁴ é um tratado de Pedagogia, pois o seu objetivo específico não é a Pedagogia. Mas, é evidente que se trata de um verdadeiro manual de Educação, no mais amplo e elevado sentido do termo. Seu objetivo explícito é ensinar e educar. (PIRES, 2008, p. 130).

Para Herculano o estudo da obra em questão abarca o legado dos novos entendimentos trazidos pela ciência espírita, através da observação e pesquisa, a respeito do Universo, da Natureza, da vida e do ser. Alega que o Livro dos Espíritos não é meramente um conjunto de referências à função da didática espírita, mas um guia de Educação Integral ofertado às novas gerações para formação moral e espiritual na escola terrena. Assim destacava ele este aspecto:

A Educação espírita é inerente à Doutrina. Quem estuda os livros básicos do Espiritismo estará recebendo essa educação. (...) Quem estudar o Livro dos Espíritos verá que a ajuda espiritual é permanente para tôdas as criaturas em tôdas as idades. (PIRES, 1970, pp. 86-87).

Segundo o raciocínio do professor a educação espírita pode ser apreendida como modo de transmissão dos princípios espíritas à humanidade, como toda sociedade humana que constrói uma cultura a ser transmitida às gerações

⁴⁴ O primeiro livro da Codificação Espírita - publicado por Hippolyte Léon Denizard Rivail, sob o pseudônimo de Allan Kardec - contém os princípios do Espiritismo sobre a imortalidade da alma, a natureza dos Espíritos e suas relações com os homens, as Leis Morais, a vida presente, a vida futura e o porvir da humanidade.

posteriores. Nesse intento ministrou seis aulas, com duração média de duas horas, sobre o Espiritismo na PUC de São Paulo, em 17 e 18 de novembro de 1971, nos períodos da manhã, tarde e noite, no curso "Grupos religiosos e sua posição em face do homem brasileiro" promovido pela Cadeira de Problemas Filosóficos e Teológicos do Homem Contemporâneo, dirigido pelo padre e professor Dr. Mauro Baptista (1934-1995), primeiro brasileiro doutorado em Missiologia pela Universidade Gregoriana, com a colaboração do professor Dr. Marcos Tarciso Masetto e outros, todos professores universitários. A Pontifícia Universidade Católica de São Paulo contava, desde então, com estudantes de diversos campos religiosos e por tal realidade podia-se emoldurá-la numa abertura ampla ecumênica ao destinar cada aula a cerca de quinhentos alunos do primeiro ano do Ciclo Básico, num total de três mil, sempre seguida de diálogo com o auditório. Para discorrer sobre cada grupo religioso foi selecionado, por nomeação dos próprios grupos, uma personalidade bem integrada ao público jovem e, principalmente, pelo conhecimento e vivência. A ocasião serviu a Herculano como possibilidade de esclarecimento aos leigos sobre diversos temas atinentes ao Espiritismo, como segue:

Expondo inicialmente a Doutrina Espírita, o professor historiou o aparecimento e desenvolvimento do Espiritismo no Brasil, focalizou o conceito espírita do homem, sua historicidade e transcendência, tratando ainda das repercussões da atividade espírita no plano social e cultural do País. Entre as numerosas perguntas que os alunos formularam por escrito, destacaram-se as referentes à mediunidade, à reencarnação e às relações de Espiritismo e Parapsicologia. No tocante à mediunidade foi grande o interesse pelo caso Chico Xavier em seus vários aspectos, permitindo às aulas espíritas do curso uma tonalidade mais fortemente existencial. Chico é o exemplo concreto do homem como *interexistente*, do homem que vive entre duas formas ou planos de existência. (GENTILE, 1973, p. 229).

Nos cinco exemplares de sua lavra "Revista Educação Espírita", Herculano Pires reforça o aspecto da educação moral ser um movimento de integração das gerações na cultura do tempo, como também de ser um recurso de desenvolvimento das potencialidades do indivíduo na existência. Sem impor ou coagir, utiliza uma linguagem apropriada a cada faixa etária uma vez que, para ele, o Espiritismo apregoa a liberdade de consciência, a cada um em seu momento evolutivo.

Por último, é credor de se mencionar o projeto pedagógico empreendido pelo filósofo Ney Correia de Souza Lobo (1919-2012) que, no ano de 1970, construiu em Curitiba uma cidade-mirim, uma reprodução em miniatura dentro da própria instituição escolar, a qual possibilitava às crianças do Ensino Fundamental I, antigo primeiro grau, como parte complementar do currículo, vivências educativas em variadas áreas: política, financeira, comercial, comunicação e divulgação, social, segurança e espiritual com espaços de oração ecumênica e meditação espiritual. Essa iniciativa tornou-se um diferencial por sua proposta de ampla inclusão, envolvendo no centro do processo formativo todos aqueles que a compunham:

Na escola espírita, todos os funcionários e artífices que nela trabalham são considerados como tendo encargos educativos a cumprir junto aos alunos nos seus contatos eventuais. Por outro lado, todos (diretores, professores, funcionários e trabalhadores) são considerados educandos de conformidade com os princípios da doutrina espírita. (LOBO, 1990, p. 76).

De certo modo, tanto Eurípedes Barsanulfo e Anália Franco quanto Tomas Novelino e Ney Lobo protagonizaram experiências educativas embalados pelos preceitos espíritas que abraçavam. Já Herculano Pires se destacou pelo trabalho da escrita, imprimindo em suas páginas o que viria a ser a continuidade do desenvolvimento da educação espírita do ser.

Outra atividade muito difundida e atuante dentro do movimento espírita são as chamadas “Mocidades Espíritas”, concebidas como núcleos juvenis que se reúnem nos Centros em encontros regulares para o estudo do Espiritismo, trocas de experiências e atividades artísticas ou lúdicas. Nessas Mocidades busca-se fortalecer a ação jovem preparando-lhe a sua integração nas atividades do Centro Espírita. Por certo que nem todos os jovens prosseguem nesse caminho, contudo, será no terceiro capítulo que abordaremos os desafios em relação à continuação destes nas instituições espíritas. A juventude, em sua fase de construção de personalidade, sente-se mais à vontade com seus pares, criando vínculos de amizade, revelando uma linguagem própria e uma visão diferente da dos adultos. Os encontros nessas Mocidades visam educar e direcionar essas características típicas dessa faixa etária para que haja o engajamento dos jovens em eventos fraternos, visitas assistenciais às creches ou asilos, na especialização de colaboradores para a

evangelização infantil, além da divulgação dos princípios espíritas e de campanhas de solidariedade.

O periódico “Anuário Espírita”, de Araras, São Paulo, órgão de divulgação doutrinária com características populares, que funcionou de 1964 a 2017, divulgou, em sua edição de 1981, a informação de que em Bebedouro, interior do estado de São Paulo, encabeçou-se a formação da primeira Mocidade espírita no país, em 20 de maio de 1931, inicialmente chamada de “Associação de Moços Espíritas de Bebedouro”, acompanhada de uma foto da primeira página da ata de fundação, como a pioneira das Mocidades Espíritas do Brasil. O Anuário também anunciou o surgimento da “Mocidade Amaral Ornelas”⁴⁵ por Diamantino⁴⁶, a 06 de setembro de 1936, no estado do Rio de Janeiro e ainda a fundação da UMESP – União das Mocidades Espíritas do Estado de São Paulo, um ano depois, em 1937, pelo jornalista Leopoldo Machado de Souza Barbosa (1891-1957), o engenheiro Artur Lins de Vasconcelos Lopes (1891-1952) e o professor Romeu de Campos Vergal (1903-1980).

Por outro lado, no Jornal “Reformador”, órgão da Federação Espírita Brasileira, encontra-se a revelação de que a primeira entidade de jovens espíritas no Brasil se deu no bairro de Santana, um dos bairros mais antigos de São Paulo:

Conforme se acha registrado à página 259 da coleção do *Reformador* de 1936, a primeira União de Juventude Espírita que se fundou, no mundo, surgiu em 22 de Maio de 1932, na sede do Centro "Maria de Nazaré", no distrito de Sant'Ana, da capital paulista, por um grupo de centros adesos à Federação Espírita Brasileira. (...)

Quatro anos depois da realização desse sonho, fundou-se no Rio, em 6 de setembro de 1936, no Centro "Amaral Ornelas", também adeso à Federação, a União da Juventude Espírita "Amaral Ornelas" (*Reformador* de 1936, pág. 356), e, logo depois, em 18 de Outubro de 1936, fundava-se a União da Juventude Espírita de Nova Iguassu, também germinada dentro de um centro adeso à Federação Espírita Brasileira - o "Fé, Esperança e Caridade" (*Reformador* de 1936, pág. 445).

Antes da fundação dessas duas últimas, já existiam a Associação dos Moços Espíritas, com sede em Santos, em S. Paulo, a Juventude Ateneu

⁴⁵ Gustavo Adolfo do Amaral Ornellas (1885 - 1923), poeta e dramaturgo, autor da peça intitulada “O Gaturama”, premiada pela Academia Brasileira de Letras e diretor da revista *Reformador*.

⁴⁶ Talvez Diamantino Coelho Fernandes. Cf. BRANCO, 1997.

Espírita de Madrid, fundada em Abril de 1936, e a Juventude Espírita de Porto Rico, fundada em 8 de Maio desse mesmo ano. (REFORMADOR, 1947, p. 291/23).

Por último, encontramos também no jornal “O Semeador” a seguinte referência:

Antes de 1936, era quase que desconhecida a participação ativa de jovens nas atividades artísticas e doutrinárias dos Centros Espíritas. Foi, então, que surgiu em 1937, nesta capital a União da Mocidade Espírita de S. Paulo, e, logo depois, alguns núcleos juvenis no interior. (...) A ideia inicialmente sofreu críticas severas e mesmo impedimentos, devido às incompreensões daqueles que julgavam ser o Espiritismo uma doutrina secreta e por isso só poderia ser praticada pelos mais velhos. (...). (SEMEADOR, 1954, p.5).

Em 05 de junho de 1947 ocorreu o I Congresso Espírita do Estado de São Paulo no qual oficializou-se a criação da USE - União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo. Cinco meses depois, em novembro de 1947, a USE fundou o “Departamento de Juventudes Espíritas” liderado por Hermínio da Silva Vicente, Nancy Puhlmann Di Girolamo⁴⁷ (1924-2018) e Ari Lex (1916-2001). Posteriormente, em 1954, sucedeu-se o “2º Congresso de Mocidades Espíritas do Estado de São Paulo” concedendo autonomia às Mocidades ao ponto de obterem caráter jurídico. No ano subsequente a “União das Mocidades Espíritas de São Paulo” viabilizou a primeira Exposição do Livro Espírita, no município paulistano:

A USE através do seu departamento de Mocidades realizou, após sua instalação em 1947, como entidade unificadora estadual, duas reuniões: em Julho de 1949 e Maio de 1954, com excelentes resultados; nelas foram elaborados os estatutos e regimento interno padrões para formação de Mocidade e aprovadas em plenário interessantes resoluções. O “Unificação”, órgão da USE publicou em Maio último as resoluções sobre

⁴⁷ Enfermeira, socióloga e jornalista, presidente da Instituição Beneficente Nosso Lar, fundada por sua mãe, e criadora do Método DIPCE, em 1967 – Desenvolvimento Integral das Potencialidades da Criança Excepcional - o qual (re)habilita pessoas com deficiência intelectual, associada ou não a outras deficiências. Em 19 de maio de 2004 recebeu o Diploma de Gratidão da Cidade de São Paulo e a Medalha Anchieta numa homenagem pública promovida pela Câmara Municipal de São Paulo. (Correio Fraternal, ano 50, nº 482 – jul./ago. 2018, p. 7). Autora dos livros “O Castelo das Aves Feridas” (1983), “As Aves Feridas na Terra Voam” (1985), “Theóphilos, o Menino e o Presidente” (1995); e coautora das obras “A Mulher na Dimensão Espírita” (1986) e “Olhai as Aves do Céu” (1992).

Doutrina, Arregimentação, Organização, Assistência e Assuntos Sociais do 2º Congresso Estadual de Mocidades, realizado nesta Capital. (SEMEADOR, 1954, p. 5).

Por mais que os dados divirjam segundo cada procedência, provavelmente pela dificuldade de comunicação e intercâmbio no início do século XX, uma vez que cada periódico procedia de uma região – Rio de Janeiro, São Paulo e Araras – e o acesso era difícil, afirmamos que o aparecimento de núcleos juvenis espíritas iniciou-se nos anos trinta, no Estado de São Paulo.

1.2. O aparecimento das aulas de evangelização espírita no país

Uma vez estruturadas as Casas espíritas e as federativas, conforme acima exposto, o movimento espírita passou à ação evangelizadora de crianças e jovens.

A primeira atividade nesse sentido, de que se tem registro, ocorreu na Sede Histórica da Federação Espírita Brasileira (FEB), em 14 de junho de 1914, localizada na av. Passos, 30, no Rio de Janeiro, sob a administração do advogado e presidente Aristides Spínola (1850-1925) junto do engenheiro militar e vice-presidente Pedro Richard (1853-1918) inaugurou-se a Escola Dominical de Doutrina Cristã cabendo a Ilka Maas⁴⁸, a primeira evangelizadora da FEB, a aula inaugural e a coordenação do projeto.

Manoel Vianna de Carvalho (1874-1926), planejador e responsável pela campanha em prol da criação de Escolas de Evangelho à infância, no começo do século XX, contou com o apoio da educadora Anália Franco e do educador português Jerônimo Ribeiro (1854-1926). Antônio Lima (1864-1946), jornalista, também se lançou à campanha escrevendo vários artigos para o “Reformador” e articulando palestras sobre os benefícios do ensino espírita-cristão à criança.

Em meados de 1932 havia cerca de meia centena de grupos, Federações e Centros que mantinham aulas de moral-cristã, porém de 1940 a 1946, por carência de colaboradores, houve uma interrupção das aulas infantis, sendo retomadas e conduzidas, por quatorze anos, pelo dentista e farmacêutico Carlos Lomba (1886-

⁴⁸ Ilka Mass e sua filha Ilkita Maas estiveram à frente das aulas de evangelização durante um ano, seguidas da educadora Maria Eugenia de Lima, e depois da professora Ritília Moreira de Sá.

1958) e, posteriormente, pelo professor e escritor Alberto Nogueira da Gama⁴⁹ (1918-2003).

Em dezembro de 1950 foi lançada pela FEB o “Programa de Ensino de Educação Cristã da Infância”, segundo o Espiritismo, e a Escola de Evangelho passou a ser denominada de “Escola de Evangelho Maria de Nazaré”.

No começo dos anos 1960 criou-se a “Reunião de Pais e Orientadores” como desenvolvimento natural e, principalmente, como imprescindível complementação à formação e capacitação das novas gerações. Por sua vez, o Programa foi aperfeiçoado para que os jovens pudessem vincular-se às Mocidades ou Juventudes Espíritas do Brasil.

A partir de 1970, Aglaée de Queiroz Carvalho assumiu a coordenação da Escola de Evangelho Maria de Nazaré. Cinco anos mais tarde, em 1975, Maria Cecília Paiva Barros (1912-1995) encarregou-se da coordenadoria e a antiga denominação, Escola Dominical de Doutrina Cristã, foi retomada.

A pedagoga Cecília Rocha (1919-2012) contribuiu na Federação Espírita do Estado do Rio Grande do Sul com a disseminação de escolas evangelizadoras infanto-juvenis. Em 1980, já aposentada, fixou residência em Brasília e incumbiu-se, na FEB, da direção do DIJ – Departamento de Infância e Juventude - sendo que por três décadas se dedicou à organização e desenvolvimento da área de Estudo, particularmente no que tange à implantação e aperfeiçoamento das escolas de evangelização e estudos doutrinários para adultos nas federativas. Com sua experiência, elaborou e implantou Campanhas de Evangelização Espírita Infanto-Juvenil. Não bastasse isso, ainda promoveu inúmeros cursos e seminários de treinamento nestas duas áreas, em todo o país e no exterior.

Por último, não menos importante, registre-se que de 14 a 18 de abril de 1965, em Marília, São Paulo, logrou-se a 1ª Confraternização de Mocidades e Juventudes Espíritas do Brasil – COMJEB - congregando cerca de mil jovens de dezenove estados brasileiros.

No início do século XX, as escolas de evangelização espírita adotaram os seguintes compêndios à formação das crianças e dos adolescentes: “De Jesus para as crianças” (1901), de Frederico Pereira da Silva Junior (1858-1914); “Catecismo

⁴⁹ Diretor da FEB em 1953 e de 1959 a 1965; diretor do DIJ - Departamento de Infância e Juventude da FEB, de 1966 a 1969; primeiro presidente da União das Juventudes Espíritas do Distrito Federal, e a partir de 1950, o fundador, diretor e relator do periódico Brasil Espírita, órgão mensal do DIJ da FEB.

espírita” (1936), de Léon Denis (1846-1927); o resumo didático de conhecimentos complementares da obra de Nicolas Camille Flammarion (1842-1925) “Iniciação astronômica” (1910); “Espiritismo para as crianças” (1918), de Cairbar de Souza Schutel; “Manual prático do professor de catecismo espírita” (1950), de Eliseu Rigonatti e “Sementeira cristã”, em três tomos (1939, 1940 e 1942) de Sebastião Clóvis Tavares (1915-1984) - escritor e fundador da “Escola Jesus Cristo de Evangelização para Infância”, no município de Campos (RJ), posteriormente intitulada “Instituição Espírita Escola Jesus Cristo”.

Em abril de 1946, o médium Francisco Cândido Xavier psicografou os dois primeiros livros dedicados à fase infantil⁵⁰, de autoria do Espírito Veneranda: “O caminho oculto” e “Os filhos do grande rei”. A partir dessa data, vários livros do gênero foram psicografados⁵¹ pelo médium, entre eles: “Mensagem do pequeno morto” (1946), do Espírito Neio Lúcio, e “Pai Nosso” (1952), do Espírito Meimei⁵².

Na década de cinquenta, formou-se na FEESP o Departamento de Infância e Juventude⁵³, coordenado pelo farmacêutico Carlos Jordão da Silva (1903-1985) e pela secretária executiva Alvina Gonçalves Pereira (nome de solteira), filha⁵⁴ do diretor comercial José Gonçalves Pereira⁵⁵ (1906-1989) e Luiza Miranda Gonçalves Pereira (1911-2004). Antes desse período, nos anos 1948 a 1953, já se realizava, aos domingos de manhã, três estágios de evangelização “Moral Espírita-Cristã”: a “Escola Infantil” sob o encargo de Ivone Romão, Hilda Silva e Vitória dos Santos; a “Escola Juvenil” sob a responsabilidade de Nancy Puhlmann, Péricles de Souza Lima, e Neide Gandolfi, e a “União da Mocidade Espírita” sob a incumbência de Dante Gandolfi e Apolo O. Filho. Uma pequena nota foi publicada no órgão oficial da instituição:

O Departamento mais antigo, do qual nasceu e se desenvolveu todo o trabalho de evangelização da FEESP é o DIJ - Departamento de Infância e

⁵⁰ Abordaremos mais adiante, no terceiro capítulo.

⁵¹ Mensagens ditadas por Espíritos aos médiuns que possuem a faculdade psicográfica.

⁵² Pseudônimo de Irma de Castro Rocha, educadora brasileira que após o falecimento manifestou-se através de mensagens psicografadas pelo Francisco Cândido Xavier.

⁵³ Posteriormente transformado em AIJM - Área da Infância Juventude e Mocidade - constituída de assessoria de Comunicação, Secretaria e por quatro Departamentos, a saber: de Pais; de Formação e Orientação Evangélica; de Mocidade, e de Infância e Juventude.

⁵⁴ Junto das irmãs Jeny e Eny.

⁵⁵ Médium de psicofonia (fenômeno no qual se transmite a comunicação de um Espírito através da voz) por mais de quarenta anos e médium de psicografia por mais de trinta anos.

Juventude, o qual objetiva à formação espírita-cristã. (SEMEADOR, 1980a, p. 25).

Quando Carlos Jordão da Silva assumiu a presidência da instituição - o quinto presidente a ocupar o mandato de 04 de junho de 1970 a 24 de maio de 1979 (reeleito três vezes) – Fábio Dutra (1930-2002), bancário, assumiu a direção do Departamento de Juventude. Em outros termos, o Departamento da Infância e Juventude configura-se desde 1955 e o casal Fábio Dutra e Alvina Gonçalves Dutra o dirigiu de 1955 a 1976. Nos anos seguintes ocuparam essa diretoria: Avildo Fioravante (1977 a 1979), Elisa Vicença Imperatrice (1979 a 1982), Avildo Fioravante (1982 a 1988) e Pedro Baudin Nakano (1988 a 1997).

A partir de 1997, com a eleição da nova diretoria da AIJM – Área da Infância, Juventude e Mocidade – implantaram-se outras diretrizes, uma filosofia educacional controversa, geradora de divergências e discordâncias, a qual resultou na dispensa de muitos trabalhadores voluntários do setor e no desligamento definitivo de cerca de noventa por cento desses voluntários. Tais acontecimentos remetem-nos ao entendimento do campo social, como “um microcosmo dotado de (...) leis próprias”, ou seja, “um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças” (BOURDIEU, 2004, pp. 22-23). Um ano depois, parte desses colaboradores inaugurou o GECAM, entidade que será objeto de nossos estudos a seguir.

1.3. O nascimento do GECAM - Núcleo de Evangelização da Família

Em 1997, esse grupo de ex-evangelizadores da FEESP, cerca de cem integrantes, junto aos pais se reuniram aproximadamente durante um ano a fim de decidirem qual rumo a seguir, cogitando-se de início compor um trabalho de evangelização até chegarem ao desfecho de se criar um Centro Espírita. Nesse interim, outras reuniões foram necessárias, às vezes mensais, algumas com maior intervalo de tempo, realizando-se em residências dos componentes ou espaços comerciais cedidos por conhecidos. Muitos residiam em bairros distantes do centro da cidade, alguns em outros municípios e os encontros tinham de ser combinados para se realizarem num dia da semana e num local que fosse viável à maioria. Meses foram gastos à procura de local para alugar e formar equipes para a busca

do imóvel. Outros participantes ficaram encarregados de formular o estatuto culminando em sua aprovação e na formação da primeira diretoria, a 18 de outubro de 1998; na sequência ocorreu a primeira reunião conjunta de colaboradores a 15 de novembro de 1998.

O nome escolhido em votação se deu em referência a uma música, “Caminheiros do Amor” (Anexo E), composta por um dos componentes (Ruberman), que traduzia a união e o companheirismo dos membros interligados há décadas. E igualmente por votação foi determinado que junto à sigla GECAM fosse acrescentado o dístico “Núcleo de Evangelização da Família”, evidenciando o objetivo primordial da instituição, característica única e singular dos motivos por que nasceu essa Casa Espírita. Dito de outro modo, em sua generalidade os Centros surgem ou por causa dos fenômenos mediúnicos ou devido ao carisma de um(a) médium, geralmente, do(a) fundador(a), ou, ainda, em razão do atendimento e auxílio espiritual aos que os frequentam. No caso do GECAM, seu surgimento é fruto da intenção evangelizadora de seus integrantes preocupados com a questão da educação moral da família.

De acordo com o Estatuto Social, protocolado e prenotado no 1º Oficial de Registro de Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Capital, o “Grupo Espírita Caminheiros do Amor” é definido como uma organização religiosa e em seu Artigo 1 estabelece como finalidade:

- I - O Atendimento à família, com ênfase para o trabalho de evangelização, baseado nos princípios da Doutrina codificado por Allan Kardec;*
- II - O estudo, prática e divulgação do espiritismo codificado por Allan Kardec e a propaganda ilimitada dos seus ensinamentos doutrinários por todos os meios ao seu alcance;*
- III - A prática da caridade espiritual e moral por todos os meios ao seu alcance.*

E no Artigo 2, para efetivação dos itens acima a instituição elenca as seguintes práticas, entre outras:

- A - Atividades de Evangelização para a infância, juventude, adultos e idosos;*

B - Reuniões Públicas, nos dias e horários determinados pela Diretoria, para o estudo da Doutrina Espírita sob seus aspectos filosófico, científico e religioso;

Identificamos nessa trajetória do nosso objeto de estudo um campo religioso constituído de particularidades de múltiplos aspectos, isto é, um domínio que é em si mesmo o social. Como afirma Maria Laura Cavalcanti (1983, p. 134): “o Espiritismo é antes uma experiência social na qual se produz e se problematiza um determinado comportamento individual”. É, em outras palavras, uma religião existente no mundo sendo por ela influenciada e havendo, inexoravelmente, a inter-relação entre ambos. Nos próximos capítulos analisaremos esse sistema religioso em suas concepções e práticas que o compõem.

1.4. O legado à formação de evangelizadores em inúmeros Centros espíritas

O primeiro Curso Intensivo de Preparação de Evangelizadores foi promovido pela Federação Espírita do Estado do Rio Grande do Sul, em 1955. Com o decorrer dos anos agregaram-se à equipe do Rio Grande do Sul, alguns integrantes de São Paulo, da Bahia, Espírito Santo Pará e Paraná.

Em janeiro de 1959 realizou-se o primeiro curso de Preparação de Evangelizadores do Estado de São Paulo, na FEESP, mantendo-se até os anos noventa a divulgação para as cidades do interior e até de outros estados. A seguir a transcrição da página de rosto (Anexo B), da pasta, do inédito curso:

A ideia de um Curso Intensivo de preparação de Evangelizadores partiu do Serviço de Evangelização e Orientação Educacional das Gerações novas, da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, quando presidida por Francisco Spinelli.

Um grupo de evangelizadores da Federação Espírita do Estado de São Paulo teve a feliz oportunidade de participar do IV Curso, realizado em Pôrto Alegre, em janeiro de 1958. Entusiasmados com o alcance do empreendimento, decidimos levar a efeito um curso semelhante, em São Paulo. Para esse fim, aproveitamo-nos da experiência dos confrades gaúchos, sendo que algumas das matérias desta pasta, como Psicologia e Didática, são transcritas, na íntegra, do trabalho da Federação Espírita do

Rio Grande do Sul. Outras partes foram adaptadas e algumas novas introduzidas, de acôrdo com as peculiaridades e necessidades locais.

Devemos deixar consignados nossos sinceros agradecimentos à professora Cecília Rocha, da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, que organizou e expos as aulas de Didática e sem cujo apoio dificilmente teríamos podido levar a efeito êste Curso.

Testemunhamos também nossa gratidão a D^a Clara Ferreira Prado, de Cachoeira Paulista, que se encarregou da exposição das aulas de Psicologia.

Cumpre também ressaltar a cooperação e a tarefa coordenadora da USE, seu apôio decisivo e entusiástico e sua boa vontade ao assumir a responsabilidade de encargos necessários à realização do Curso. Ainda fica, pois, a nossa homenagem ao Departamento de Educação e Conselho Metropolitano da USE e ao Instituto Espírita de Educação.

Embora não estejam aqui citados, outros confrades contribuíram para que êste Curso pudesse ser uma realidade e a êles ficamos profundamente reconhecidos.

É motivo de júbilo que, para a concretização dêste objetivo, se hajam unido diversos órgãos e entidades, que souberam aliar seus esforços, coerentes com os ideais de unificação que hoje constituem as aspirações dos espíritos conscientes em todo o Brasil.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO ESTADO DE SÃO PAULO
DEPARTAMENTO DA INFÂNCIA E JUVENTUDE
1959

Em dois formatos, o primeiro, o CEPE – Curso Extensivo de Preparação de Evangelizadores - era anual e ocorria uma vez por semana na própria sede da FEESP, na Rua Maria Paula, Centro. E, o segundo, o CIPE – Curso Intensivo de Preparação de Evangelizadores intensivos – tinha a duração de seis dias com aulas de manhã, tarde e noite em regime de internato realizado na subsede da Área de Assistência e Serviço Social nomeada de Casa Transitória Fabiano de Cristo⁵⁶, na Marginal esquerda do Rio Tietê, no bairro Belenzinho, em São Paulo. Numa rara entrevista, a diretora Alvina Gonçalves Dutra descreveu os propósitos desse último:

Em um curso Intensivo procura-se reunir os conhecimentos indispensáveis àqueles que pretendem se iniciar na tarefa de evangelização das novas

⁵⁶ João Barbosa (1676-1747), mais conhecido pelo nome religioso de Fabiano de Cristo, frade da Ordem dos Frades Menores, bem jovem emigrou de Portugal para o Brasil onde propagou uma tarefa de entrega e amor ao próximo.

gerações. Dão-se noções de Psicologia, Didática, Literatura Infantil, Doutrina Espírita, Organização de Escolas de Evangelização, Aulas Práticas, de Material Didático, Música e Recreações. (SEMEADOR, 1969, p. 5).

O grupo de voluntários criador do GECAM, por quase quatro décadas, ministrou esses cursos na época em que integrava os quadros da FEESP. Ano a ano novas atividades surgiram com o intuito de se alcançar a evangelização de toda a Família, do recém-nascido à terceira idade. Atualmente estão compreendidas nesse núcleo as seguintes ações: palestras, passes, atendimento fraterno, orientação ao evangelho no lar; assistência espiritual; estudos da Codificação e das obras de André Luiz⁵⁷; e trabalho social junto às famílias (mães que fazem o “curso de gestantes”) da comunidade próxima ao Jardim Botânico.

1.5. O contexto social do movimento espírita no século XX

Em 1901 a FEB estabeleceu a organização dos instrumentos à filiação das instituições espíritas de todo o território brasileiro dando importância à unificação, em conformidade a forma federativa, concretizando, três anos depois, de 1º a 03 de outubro de 1904, conferências, encontros e inauguração de cursos, reunindo no encerramento cerca de duas mil pessoas com representantes espiritistas de onze estados além das Casas Espíritas de Brasília.

Destacamos que de acordo com a pesquisa do advogado Fernandes (2011), dezoito instituições espíritas, além da que citamos anteriormente – a FEB - foram fundadas no país, no século XIX, e ainda encontram-se ativas. Contudo, em sua totalidade, surgiram ou por causa do carisma do(a) fundador(a), ou pelo fenômeno mediúnico, no caso, algum(a) médium com mediunidade ostensiva, ou pela oferta de assistência espiritual, sendo que o GECAM, enfoque do nosso objeto de pesquisa, tem o caráter excepcional de ser concebido objetivando primordialmente a evangelização espírita de toda a família.

Outros tantos Centros, Associações, Grupos e Sociedades espíritas surgiram no começo do século XX, completando em 2018, ano de conclusão da pesquisa de

⁵⁷ Pseudônimo adotado por um Espírito que havia sido médico na última experiência terrena, conforme relato do médium Francisco Cândido Xavier.

Fernandes (2011) um século de atividade, e dessas trinta e seis instituições algumas delas, quase a maioria, implementaram a evangelização espírita infanto-juvenil em suas práticas.

Dos anos de 1930 a 1950, como já explanamos, expandira-se o Movimento Espírita Brasileiro com a criação de numerosos Centros propagados pelo país, assim como a difusão de revistas e jornais reiterando as atividades nas oratórias das Casas espíritas.

Na comemoração do quadragésimo aniversário da FEESP, em sua publicação do órgão oficial “O Semeador”, de julho de 1976, encontramos o seguinte cenário:

(...) nas décadas de 1930 e 1940, a situação do Espiritismo no Estado de São Paulo refletia, em escala reduzida, o que se passava em todo o Brasil. O ambiente era de dispersão generalizada, notando-se em alguns setores até indícios de desintegração, tudo motivado pela ação de uma minoria que acima das instituições fazia prevalecer a sua vontade.

Observava-se também uma tendência para o desvirtuamento da Doutrina Espírita, por força de interpretações capciosas e individualistas e práticas nocivas, objetivando satisfazer interesses e ambições pessoais, com manifesto menosprezo pela Codificação Kardeciana.

Paralelamente proliferava a disseminação de práticas exóticas, com a conseqüente introdução de rituais e formalismos de outros credos religiosos, alguns deles de fundo extravagante (...).

Como observamos, a dispersão de Casas espíritas se fazia, muitas vezes, com a interpretação pessoal de dirigentes sobre o que seria o Espiritismo, algo desprovido de uma ideia mais uniforme ou consentânea com o ideal preconizado por Allan Kardec.

Em 1932 surgiu a publicação do primeiro livro do médium Francisco Cândido Xavier intitulado “Parnaso de Além Túmulo”, o qual gerou enorme repercussão nos meios culturais, desconcertando os incrédulos e satisfazendo os simpatizantes, tornando-se um marco de profusão de obras psicografadas.

Em 05 de outubro de 1949, materializava-se oficialmente a Unificação entre a FEB e várias Federações e Uniões Estaduais num encontro conhecido como Grande Conferência Espírita do Rio de Janeiro contendo na ata os princípios da autonomia e da igualdade em todas as instituições, isto é, sem qualquer subordinação ou

privilégios. Quinze representantes de várias Federações, assinaram um documento, afamado no meio espírita como o “Pacto Áureo” – termo designado pelo engenheiro agrônomo Artur Lins de Vasconcelos Lopes (1891-1952) - visando a união do movimento espírita brasileiro com a intenção de propagar a ciência e a moral espíritas. O aludido documento é referência de conciliação entre os cultores do Espiritismo e, ainda que naturais divergências existam, em pormenores doutrinários, o fato é que o mesmo pretende promover o entendimento fraterno e a aproximação das instituições vinculadas.

Após um mês da assinatura do Pacto Áureo, a 13 de novembro de 1949, estabeleceu-se o “Ato de Unificação das Mocidades e Juventudes Espíritas” dando início ao Departamento de Juventude da FEB.

Em 1949 José Gonçalves Pereira foi designado diretor do Departamento de Assistência Social da FEESP, trabalhando em um terreno atrás da instituição na rua Maria Paula, depois na rua Santo Amaro, nº 370. Somente em 25 de janeiro de 1960, a Federação recebeu um terreno doado pelo governador Jânio Quadros, no qual foi lançada a pedra fundamental da Casa Transitória Fabiano de Cristo. Esta entidade - "braço social" da Federativa tendo como lema “amparar a criança reajustando-lhe a família” (PEREIRA, 1996, p. 17) - foi idealizada e concretizada graças aos esforços envidados pelo sr. Gonçalves. Além de fundador e diretor da Casa, por três décadas, criou a 18 de abril de 1953 o Grupo "Os Mensageiros" com a finalidade de distribuir mensagens⁵⁸ espíritas impressas, dirigindo-o por trinta e seis anos, e dirigiu a “Campanha da Fraternidade Auta de Souza”⁵⁹ que arrecada mantimentos para as famílias assistidas pelo Departamento de Assistência Social.

A instituição está situada à Avenida Condessa Elisabeth de Rubiano, nº 454, nas margens do rio Tietê, na zona Leste do município e mantém atividades nas Áreas de Assistência Espiritual, de Ensino, Infância, Juventude e Mocidade e na Área de Assistência Social e Educacional com os seguintes projetos sociais: curso de gestantes; corte e costura; artesanato; marcenaria; creche; cursos profissionalizantes administrados em parceria com o SENAI; serviço social com orientação do IFL - Instituto Fraternal de Laborterapia - para atendimentos aos

⁵⁸ Distribuídas para todo o território nacional e quarenta e um países em seis línguas diferentes.

⁵⁹ Primeiramente nomeada Campanha de Fraternidade, criada por Nympho de Paulo Corrêa, a 3 de março de 1953, em São Paulo. A Campanha de Fraternidade Auta de Souza acontece em centenas de Centros espíritas em todo o país e no exterior.

dependentes químicos; biblioteca; grupos dos Mensageiros; campanha do Ceasa com grupo de funcionários que vão semanalmente ao local para receberem doações de alimentos; Lar Batuira, moradia de idosos em extrema vulnerabilidade, entre outros projetos.

No ano de 1984 ocorreram alguns diálogos entre a academia e o Espiritismo através de dois eventos. O primeiro, a 30 de agosto daquele ano quando o professor da Escola de Comunicação da USP, Alberto Henrique de Arruda e Miranda, graduado pela Faculdade de Direito da mesma instituição, discorreu acerca da "Comunicação Espírita", na FEESP, cujo introito destacou a relevância de se divulgar o Espiritismo aos jovens. O segundo, a 13 de novembro, quando o diretor das Escolas de Expositor da FEESP, Manoel P. São Marcos proferiu, na PUC-SP, uma palestra para cerca de trinta e cinco alunos, além da presença dos professores titulares, na cadeira de "Problemas Filosóficos e Teológicos". Entre os temas propostos articulou sobre a visão espírita de Homem e de mundo; os postulados que embasam a fé segundo o Espiritismo; como este define a salvação e qual a ação do espírita na sociedade, afirmando-o ser uma célula positiva nesse complexo organismo.

Para terminar, importa acentuar a comunicação entre o Espiritismo e o meio acadêmico, como por exemplo, o VIII Encontro de Teologia tendo como temática a "Teodiversidade", realizado pelo Departamento de Teologia e Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, a 19 de setembro de 1994.

Neste evento contemporâneo, coordenado pelo professor José J. Queiroz promoveu-se de maneira livre e ampla o conhecimento das diversidades das religiões, entre elas, "Expressões Religiosas na Modernidade" colocando em discussão o Espiritismo, o qual foi representado pelo diretor do jornal "O Semeador", Durval Ciamponi, que anos mais tarde assumiu a presidência da FEESP (1999-2002).

Concluindo, o nosso objetivo neste primeiro capítulo foi traçar um panorama geral do Movimento Espírita, desde o surgimento do Espiritismo, propriamente dito, até a sua presente configuração. Para isso, começamos destacando algumas personalidades históricas na Europa envoltas com a fenomenologia espiritista, nos primórdios do século XIX, na fase infanto-juvenil. Prosseguimos, no Brasil, com a chegada e a divulgação desses fenômenos pelos periódicos, e junto à criação dos

primeiros Centros e sociedades espíritas organizados. Na sequência, elencamos alguns dos precursores que entenderam o Espiritismo em seu aspecto moral-educacional e fizeram uso disso em seus campos de atuação, fosse o jornalismo, o ensino ou a benemerência social. Dando continuidade, apresentamos o surgimento das Mocidades Espíritas, resultado dos primeiros trabalhos de evangelização moral cristã dos jovens. Complementando, relatamos a institucionalização da evangelização espírita para a infância, agente da sociedade do futuro, até chegarmos ao nosso objeto específico que é o estudo da evangelização concebida por um grupo de voluntários que iniciaram na FEESP e formaram o GECAM. Por último, apontamos para os aspectos sociais relevantes sucedidos no seio do movimento espírita brasileiro.

Capítulo 2

A proposta pedagógica e a aplicação do projeto pedagógico religioso do GECAM

Para um homem se ver a si mesmo, são necessárias três coisas: olhos, espelho e luz. Se tem espelho e é cego, não se pode ver por falta de olhos; se tem espelho e olhos, e é de noite, não se pode ver por falta de luz. Logo, há mister luz, há mister espelho e há mister olhos.

(Pe. Antônio Vieira, Sermão da Sexagésima – III, 1655)

Depois da exposição panorâmica, estabeleceremos uma discussão com os nossos referenciais teóricos, neste segundo capítulo, por promoverem fundamentos às concepções que elucidam a composição do campo social espírita brasileiro em sua tríplice vertente filosófica, científica (consoante os seus seguidores) e religiosa; os subsídios pedagógicos de Pestalozzi e Piaget como experiências educativas complementares presentes no GECAM; os objetivos, em geral, de se evangelizar; um ritmo e uma amostra da evangelização espírita nesta entidade.

2.1. As diretrizes teóricas adotadas nesta pesquisa

Preliminarmente, importa enfatizarmos que o referencial teórico dessa pesquisa está pautado num dos principais conceitos⁶⁰ desenvolvidos pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002) que vem a ser a concepção de campo. A noção de campo bourdieuana é definida como um espaço de relações entre agrupamentos com específicas posições sociais, e mais amplamente, a sociedade formada por numerosos espaços munidos de certa autonomia, contudo governados por normas particulares. Nessa extensão, ele se propõe a investigar a dinâmica de funcionamento do *campo*, a disposição dos grupos e os interesses característicos entre eles evidenciando os liames entre seus agentes, suas esferas de pertencimento, assim como seus processos de movimentação e decisão de determinado segmento do campo social.

⁶⁰ *Habitus*, campo e capital cultural são constitutivos da teoria sociológica bourdieuana.

O conceito de campo religioso não deve ser interpretado como uma realidade inalterável, em razão de haver uma concepção estrutural do campo religioso relativa às transfigurações da estrutura social, mas como um sistema integralizado de combinação entre os posicionamentos dos agentes religiosos. Para ilustrar, transcrevemos a seguinte citação da socióloga Célia Arribas: “o intenso diálogo entre o Espiritismo e a então religião oficial do Brasil, que acabou, (...), por conceder ao Espiritismo um espaço de atuação no campo religioso ao colocar *no* e *em* jogo os conceitos e noções da teoria espírita” (ARRIBAS, 2013, p. 6). De onde se segue que em seus primórdios o Espiritismo era entendido no país como sendo uma revisão aos dogmas católicos e não como uma religião precisamente declarada.

Ao declarar a sociedade organizada em diferentes campos, Bourdieu depreende que os mesmos não são estagnados, mas vivos, sendo factualmente remodelados. Exemplificamos, conforme citamos no capítulo anterior, o conflito dentro do movimento espírita brasileiro desencadeado entre aqueles que defendiam apenas o estudo do "O Livro dos Espíritos" chamados de "científicos" e outros que se restringiam somente ao lado da moral cristã denominados de "religiosos". Tal divergência referia-se à predominância de um grupo ou outro na divulgação do Espiritismo:

Os espíritas de olhar mais filosófico, denominados de Espiritismo Puro, poucas forças tiveram na defesa de sua posição. Talvez por serem mais tolerantes, não investiram pesadamente nesse jogo assim como o fizeram os científicos e os místicos. Além disso, o campo filosófico era bastante precário no Brasil, não chamando o Espiritismo a atenção dos quase inexistentes adversários filósofos, diferentemente dos muitos adversários cientistas e católicos. A polarização nos primeiros anos de história do Espiritismo no Brasil deu-se basicamente entre os espíritas científicos e os espíritas religiosos. (ARRIBAS, 2013, p. 15).

Assim surge, no dizer bourdieuano, a divergência que, “em todo campo e em todas as dimensões do estilo e do estilo de vida” (BOURDIEU, 2006, p. 120), instaura uma divisão entre as habilidades dos dominantes e as dos concorrentes, sendo que os primeiros “só precisam ser o que são, sobressaem e distinguem-se pela recusa ostensiva das estratégias vistosas de distinção” (BOURDIEU, 2006, p. 120), e os segundos estão mais envolvidos com a liberdade e a novidade, inserindo

uma vitalidade e ao mesmo tempo um ar de reformador, formando um campo que reúne tradicionalistas e progressivos. Isso gerou o surgimento de estudiosos, dentro do movimento, que passaram a estruturar a mundividência espírita:

Os agentes encarregados da defesa de suas posições – os intelectuais espíritas – passaram a se posicionar feito partículas num campo de forças, e suas trajetórias e disposições foram determinantes nesse processo. (ARRIBAS, 2013, p. 8).

Verificamos que o processo de formação do Espiritismo historicamente desenrola-se e continua por lutas em investidas de adquirir respaldo, defendendo discursos representativos que se enfrentam, emergindo, destarte, os cismas e a formação de novos grupos que empregam o discurso que mais preferível lhes serve ou que concebem como mais cabível.

Bourdieu, reiteramos, entende o conceito de campo como uma rede de vinculações, um autêntico espaço estruturado onde acontece o processo de decidir sobre algo importante, e em que os integrantes nele incorporados altercam, deliberam sobre as disputas, as práticas e as dominações de um determinado campo social. Para esclarecer, aludimos à dissensão, por motivos políticos internos, verificada na Área da Infância, Juventude e Mocidade da FEESP, nos fins dos anos noventa, que culminou no afastamento de quase todos os colaboradores da Área, extinguindo-se praticamente todas as atividades que existiam, em seu aspecto pedagógico e educativo. Isto expõe uma questão recorrente dentro do movimento no sentido de que: “As hierarquias de posição (...) nunca são objeto de discussão explícita entre os espíritas. (...) são treinados, no entanto, a identificar tendências ao conflito ou atitudes reprovadas como *sinais de baixa evolução espiritual*.” (LEWGOY, 2004, p. 257). Como todo e qualquer campo religioso, esta instituição não está imune a este tipo de problema.

Esse espaço, acima mencionado, corresponde a um campo específico no qual é delineada a função social dos elementos bem como onde eles se evidenciam. Dessa forma existem no espaço social estruturas objetivas que controlam, impelem a atuação e o desempenho dos chamados agentes, entretanto tais estruturas são instauradas socialmente bem como os planos de ação e pensamento, numa relação dialética. A transparência da relação de modo algum está absolutamente manifesta

na forma como ela se mostra imediatamente. Tais agentes, rotineiramente, são capazes de modificar ou perpetuar essas estruturas, quer dizer, ao absorverem a estrutura social, conjuntamente, instituem-na, validam e a retratam.

Em vista disso, religião, como um fenômeno cultural, consiste num campo onde a comunicação entre sujeitos e corpo social também ocorre. Na própria estrutura do campo a forma e o conteúdo do discurso enunciado pelo agente habilitado a empreendê-lo fundam-se na posição social do interlocutor. “O poder das palavras não reside nas próprias palavras, mas nas condições que dão poder às palavras criando a crença coletiva” (BOURDIEU, 2006, p. 162). Em qualquer estilo de fala precisam ser examinadas as circunstâncias institucionais de elaboração e receptividade do discurso. Dessa forma a linguagem ritual está limitada ao conjunto de situações interdependentes que integram o ritual social.

Quanto às palavras, a antropóloga Maria Laura Cavalcanti, segunda referência teórica desta pesquisa, expande a dimensão bourdieuana, ao propor que é preciso indagar não pelo o que é falado, o que se relaciona ao sistema de representações, porém pelo modo como o proclamam.

Depreendemos das leituras desses pesquisadores as investigações feitas nos campos em relação aos conteúdos transmitidos, aos procedimentos e as intenções dessas divulgações. Em Bourdieu a produção social da realidade resulta dos ajustes que os sujeitos criam com seus pares e a práxis religiosa é um fenômeno da natureza humana que cria significados e compõe as relações e a estruturação interna dos grupos envolvidos, como vemos:

Se a religião cumpre funções sociais, tornando-se, portanto, passível de análise sociológica, tal se deve ao fato de que os leigos não esperam da religião apenas justificações de existir capazes de livrá-los da angústia existencial da contingência e da solidão, da miséria biológica, da doença, do sofrimento ou da morte. Contam com ela para que lhes forneça justificações de existir em uma posição social determinada, em suma, de existir como de fato existem, ou seja, com todas as propriedades que lhe são socialmente inerentes. (BOURDIEU, 2005, p. 48).

Verificamos que os campos religiosos desempenham sentido individual e social, pois comungam a mesma visão de mundo entre si, oferecem explicação à existência, promovem a integração social e incentivam práticas filantrópicas. Ainda

que haja uma uniformidade na prática ritualística nos campos religiosos, o adepto sempre acrescentará sua interpretação pessoal, criando um entendimento totalmente próprio. Assim ele o diz:

A religiosidade reveste-se de um caráter intensamente pessoal muitas vezes considerado parte integrante da essência de qualquer experiência religiosa. (BOURDIEU, 2005, p. 49).

Em função disso, a religião não é simples credo, mas um conjunto de sistemas culturais que possuem significados, elaborados, conservados ou transformados por agentes sociais identificados com a organização religiosa. Assim o crente, além do que o ato de crer, em si, precisa identificar o que tem significado de crer, e como se crê (WIRTH, 2013, p.140). Disso resulta uma sobreposição que, no dizer da antropóloga seria:

A dicotomia que se estabelece entre religião e sociedade tem o perigo de fazer-nos tomar o religioso e o social como realidade excludente que implicam a percepção dos sistemas religiosos como expressões ou traduções de outras realidades mais básicas – a trajetória de vida, a posição de classe, a rede social, e, em suma, a estrutura e organização sociais mais abrangentes. (CAVALCANTI, 1983, p. 09).

Desse modo, para ela o campo religioso não está à parte do social, está numa inter-relação com outros campos sociais, seja político, econômico, entre outros, cada qual com suas particularidades. “Evidentemente uma religião existe no mundo, é influenciada por ele e seus adeptos, no seu dia-a-dia, atravessam diversos domínios da sociedade” (CAVALCANTI, 1983, p. 10). Com isso o social se concebe da especificidade dos muitos aspectos sob os quais os assimilamos. Dito de outro modo, o campo religioso é em si mesmo um campo social; de um lado, é por ele instigado e seus seguidores permeiam por diversificados campos sociais, de outro lado, o campo religioso institui fonte de criação de preceitos, de formas de raciocinar e de coexistir com a realidade social mais globalizante, não se circunscrevendo a relatar ou deduzir somente a existência real.

Cavalcanti contribui para essa discussão ao descrever os sistemas de crenças espíritas, em suas formulações, legitimação e manutenção de

institucionalização ao ponto de se tornar parte do campo religioso específico, isto é, da tradição religiosa espírita. No próximo capítulo exemplificaremos o empréstimo do termo catecismo, do Catolicismo, nas primeiras publicações espíritas para a formação de crianças e jovens, alterado para catecismo espírita. Entendemos que, apesar do cruzamento do uso da terminologia em campos religiosos distintos, os tópicos relativos à fé divergem. Em outras palavras, por meio dos discursos e das ideias promulgadas, mediante empenho e robustez, tanto quanto competência e autoridade, que os agentes sociais particularmente comprometidos com o processo de pertencimento, reproduzem as determinações sociais do campo religioso a que pertencem e são produto do mesmo.

Vale mencionarmos que entre os sistemas de crenças espíritas, considerados pelos próprios como princípios primordiais, estão a existência de Deus como a Causa Primária de todas as coisas; a imortalidade da alma, esta entendida como o Espírito⁶¹ num corpo físico; a reencarnação, o renascimento em outro corpo físico; a pluralidade dos mundos habitados e a comunicação entre o mundo visível com o mundo invisível, dentre outros⁶². A respeito dessa relação entre ambos os mundos, a acadêmica em questão assim se expressa:

O Mundo Invisível é “eterno e preexistente a tudo” e o Mundo Visível é “secundário, poderia deixar de existir ou nunca ter existido sem alterar a essência do mundo espírita”. (...) os dois mundos complementam-se, o Mundo Invisível transcende, engloba e confere sentido ao Mundo Visível. A realidade religiosa espírita nasce dessa permanente relação. (CAVALCANTI, 1983, p. 35).

Dessas aceções, podemos ressaltar que, para os espíritas, no eixo da relação entre os dois mundos, e demais princípios do Espiritismo, há uma Lei Divina ou Natural que dirige o Cosmo, sendo de caráter progressivo, conhecida como Leis Morais, conforme a Lei do Progresso e a Lei de Justiça, Amor e Caridade, dentre outras. Assim, segundo Cavalcanti, todos os seres, dos dois mundos, estão sujeitos às mesmas Leis e, conseqüentemente, aos seus próprios níveis de consciência e entendimento, todos evoluem gradativamente na eternidade. Todos os seres

⁶¹ No Espiritismo, ‘Espírito’ é o ser humano individualizado e o ‘espírito’ é o princípio inteligente do universo.

⁶² Evolução espiritual, esquecimento de vidas pretéritas, causas atuais e anteriores das aflições, etc.

humanos, em sua origem e criação, são iguais, dotados de livre-arbítrio, e governados por Leis Divinas imutáveis, e é neles que o intercâmbio se realiza, como ela diz:

A pessoa é o ponto de convergência de todo esse sistema. Ela é o lugar no qual e através do qual Mundo Invisível e Mundo Visível se conectam. Nela, os dois eixos que ordenam a relação entre os dois mundos se cruzam. (CAVALCANTI, 1983, p. 42).

Deste modo, entendemos que o ser humano na concepção espírita é trino, constituindo-se de:

- (I) Espírito, o ser dotado de razão, livre-arbítrio, consciência, vontade, sentimento e moralidade;
- (II) Perísprito, isto é, o corpo fluídico, matéria menos densa e intermediário entre a alma e o corpo material;
- (III) E o corpo físico, carnal, matéria mais densa.

A partir desses levantamentos, inferimos que o Espiritismo concebe o ser humano como Espírito imortal sem deixar de reconhecer os fatores biológicos, psicológicos e socioculturais a que ele está submetido, contudo o Espiritismo amplia a visão para os fatores espirituais que o Espírito carrega em si, isto é, na lei de Causa e Efeito, as virtudes amealhadas em outras existências físicas junto de outras qualidades morais que ainda precisa desenvolver, além do que não somente é influenciado pelo meio social como igualmente o é pelo meio espiritual, inter-relacionando-se com ambos os meios. E sobre eles e sua influência, o codificador assim pontuou:

O Espiritismo está, pois, na natureza, e no mundo invisível, formado pelos seres incorpóreos, que povoam o espaço e que outra coisa não são senão as almas das pessoas que viveram na Terra ou em outros globos, onde deixaram seus envoltórios materiais. Esses são os seres que designamos pelo nome de Espíritos e que nos rodeiam incessantemente, exercendo sobre os homens, à sua revelia, uma grande influência. Na parte moral e até certo ponto na física desempenham um papel muito importante. (KARDEC, 2011, p. 76).

Pelo que foi trazido até este ponto, tanto no campo social como no campo religioso, depreendemos que o agente primordial das ações e transformações que ocorrem é o Ser, aquele ente que tanto influencia quanto é influenciado, no mundo físico como no extrafísico, que ao mesmo tempo gera e é fruto de seus próprios atos, ele o centro do conhecimento e “medida de todas as coisas” no dizer de Protágoras⁶³.

2.2. Os parâmetros basilares do Espiritismo

Consideramos importante destacar que os preceitos espíritas estruturantes estão pautados em “O Livro dos Espíritos”, a obra fundamental do Espiritismo. Nela estão contidos os seus princípios filosóficos, as suas premissas, os seus conhecimentos acerca da vida espiritual e o possível destino futuro da humanidade ante os preceitos éticos que oferece como auxiliar na consecução de um mundo melhor. Em sua folha de rosto, o autor, Allan Kardec, a anuncia como:

Contendo os princípios da Doutrina Espírita sobre a imortalidade da alma, a natureza dos Espíritos e suas relações com os homens, as leis morais, a vida presente, a vida futura e o porvir da humanidade (...). (KARDEC, 2000).

Assim entendemos que o Espiritismo é o conhecimento e a aplicação dos fundamentos da Doutrina⁶⁴ dos Espíritos revelados à humanidade para aplicabilidade na existência, como Filosofia Espiritualista. Para elucidar e acrescer a discussão referimo-nos ao ex-professor titular do Instituto de Psicologia da PUC-Campinas, Zalmino Zimmermann (1931-2015), que delinea o Espiritismo como o:

Sistema de conhecimentos que revela a natureza espiritual do ser humano, sua realidade interexistencial e o processo de sua evolução.

O conjunto dos princípios que o caracterizam é o que se conhece como *Doutrina Espírita*. (ZIMMERMANN, 2013, p. 11).

⁶³ Filósofo sofista da Grécia Antiga (490 a.C. - 415 a.C.) .

⁶⁴ O conjunto de princípios que servem de base a um sistema religioso, político, filosófico, etc. (FERREIRA, 2010, p. 742).

Esse autor sustenta ser o Espiritismo um conjunto de conhecimentos reunidos, organizados, estruturados e correlatos entre si sem, contudo, pertencer a um sistema hermético ou enigmático. Trata-se de uma doutrina aberta, livre dos preconceitos de sistema, de inabaláveis alicerces, por estar pautada na razão, além de agregar ideias novas, revitalizando-se constantemente em seu progresso evolutivo.

Posto isto, salientamos que Allan Kardec em várias de suas obras reforçou que o corpo doutrinário contido em seus pilares tinha como finalidade promover uma reforma ética humana: “[Espiritismo] seu objetivo é o aperfeiçoamento moral da humanidade” (Kardec, 1993, p. 374) e que tal mudança sucede individualmente, num processo de autoconhecimento, de estudo das Leis Morais e do esforço para se tornar uma pessoa mais íntegra. Enfatizou ele este caráter pedagógico ao afirmar que:

O Espiritismo não cria uma nova moral, mas facilita aos homens a compreensão e a prática da moral do Cristo, ao dar uma fé sólida e esclarecida aos que duvidam ou vacilam (...). Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que faz para domar suas más inclinações. (KARDEC, 2018, pp. 223-224).

Nesse sentido, o que examinamos é que o Espiritismo, considerado cristão por seus seguidores, propaga uma fé raciocinada na qual é da responsabilidade de cada indivíduo a conversão, a modificação da própria conduta chamada, no meio espírita, de “reforma íntima” tendo como modelo ético Jesus e o seu evangelho. Para os seus adeptos conversão implica mudança de postura, de consciência, perante a própria existência, não significando, necessariamente, mudança de religião, como lido na Revista Espírita:

O Espiritismo é uma doutrina moral que fortalece os sentimentos religiosos em geral e se aplica a todas as religiões; é de todas, e não pertence a nenhuma em particular. Por isso não aconselha a ninguém que mude de religião. (KARDEC, 2009a, p.63).

Um enfoque relevante registrado por Kardec é que o conhecimento do Espiritismo pode consolidar a religiosidade do indivíduo em sua religião específica,

deixando claro não se opor a nenhuma manifestação religiosa, sendo cada um livre para optar pela que mais se identifica. Observamos também que ele desassocia a religião e o Espiritismo em campos diferenciados, sem adversidade, porém integrantes. A religião é deslocada de lugar para a esfera privada do indivíduo (DIX, 2007, p. 11). A religião, sendo uma dimensão do cotidiano, um fato social nitidamente subjetivo, optativo, e restrito a grupos particulares, mantém-se no domínio de validade restrito ao seu agrupamento de fiéis. Ou seja, existe um cruzamento entre práticas religiosas e convicções, modernidade e tradição, continuidade e descontinuidade.

Como dito antes, visa o Espiritismo educar os sentimentos dos seres, promovendo o desenvolvimento de todas as potencialidades latentes, e respeitando as demais expressões religiosas capazes de promover a transformação moral dos indivíduos, ou seja:

Todos os caminhos espirituais são legítimos quando conduzem ao bem. Todas as religiões são legítimas na medida em que são capazes de transformar as pessoas em melhores seres humanos. (PEREIRA, 2011, p. 26).

Partindo dessa lógica, o Espiritismo compreende também uma visão pluralista das religiões, não possuindo nenhum plano de reprovar, ofender, opor-se ou perseguir a qualquer que seja, tornando-se um campo aberto ao acolhimento e ao diálogo inter-religioso.

Vale lembrarmos o postulado kardequiano de que o Espiritismo constitui-se de um processo triplo de conhecimento:

- (I) O caráter filosófico quando questiona as causas, pergunta sobre os fatos e os fenômenos - físicos e extrafísicos;
- (II) O caráter “científico” quando busca explicar e comprovar o que está além do aparente, do visível e mensurável;
- (III) O religioso quando agrega os seres em laços de irmandade.

Face esta distinção ternária, encontramos em aparente semelhança a dimensão do fisiologista francês Claude Bernard (1813-1878) de que há “três graus no conhecimento do homem’: a religião, a filosofia e a ciência. Ou, em outras palavras, acredite, raciocine, experimente” (BERNARD apud POULAT, 1987, p. 02).

Tais conhecimentos carregam em si domínios de validade, sem que um predomine sobre os outros; ao contrário, todos são possibilidades e não apenas a verdade estratificada definitiva. E essa é uma característica presente no Espiritismo, como vemos:

Todas as reuniões religiosas, seja qual for o culto a que pertençam, são fundadas na comunhão de pensamentos; com efeito, é aí que podem e devem exercer a sua força, porque o objetivo deve ser a libertação do pensamento das amarras da matéria. (KARDEC, 2010b, p. 487).

Contudo, ressalta-se que o caráter filosófico do Espiritismo baseia-se no estudo sistemático das indagações cruciais da humanidade, tais como a procedência, o sentido e a finalidade da existência, ou seja, da origem, natureza e destinação do Espírito; os princípios constitutivos do Universo; a existência de Deus e suas Leis Divinas, abrangendo os objetos de conhecimento além da experiência sensível. Por essas razões é o Espiritismo assim classificado por seus adeptos:

Como especialidade “O Livro dos Espíritos” contém a *Doutrina Espírita*; como generalidade, liga-se ao *Espiritualismo*, do qual apresenta uma das fases. Essa a razão porque sobre o título as palavras: *Filosofia Espiritualista*. (KARDEC, 2000, p. 25).

Podemos compreender com base no autor que o Espiritismo é filosofia⁶⁵ ao refletir e responder sobre o “por que”, o “como” das causas de (in)felicidade humana, procurando conceituar e entender como as realidades se apresentam subjetivamente, numa incessante e interminável busca de saber. Sobre essa categoria filosófica seu codificador diz:

Seria fazer uma ideia bem falsa do Espiritismo acreditar que a sua força decorre da prática das manifestações materiais e que, portanto, entretendo-se essas manifestações, pode-se minar-lhe as bases. Sua força está na sua filosofia, no apelo que faz à razão e ao bom senso. (KARDEC, 2000, p. 345).

⁶⁵ “A Filosofia Espírita, como disse Kardec, pertence genericamente ao que costumamos chamar Filosofia Espiritualista, porque a sua visão do Universo não se prende à Matéria, mas vai até o Espírito, que considera como causa de tudo o que percebemos no plano material”. (PIRES, 1989, p. 59).

Como observamos, a expressividade do Espiritismo não advém dos fenômenos, como ingenuamente, se supõe, mas da sua concepção da realidade. Sem exclusividade de ‘verdade’, uma vez que “a ciência não descreve o mundo real, mas constantemente o cria”. (GUERRIERO, 2010, p. 57). Nessa compreensão, Kardec alude que o Espiritismo possui o aspecto “científico” por basear-se no método experimental que se apoia em uma primeira observação do objeto em estudo, do fenômeno em si, acompanhado de experimentação, de maneira regulada e ordenada, para que se possa conhecer e entender o objeto que esteja sendo investigado, tornando válida ou não a hipótese formulada *a priori*. Vejamos:

Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma maneira que as ciências positivas⁶⁶, isto é, aplica o método experimental. Se fatos de ordem nova se apresentam, que não podem ser explicados pelas leis conhecidas, ele as observa, compara, analisa e, partindo dos efeitos às causas, chega à lei que os rege; deduzindo as consequências e buscando aplicações úteis. O Espiritismo não estabeleceu **nenhuma teoria preconcebida**; assim, não se apresentam como hipótese nem a existência e a intervenção dos Espíritos, nem o perispírito, nem a reencarnação, nem qualquer dos princípios da doutrina. Conclui-se pela existência dos Espíritos porque essa existência resultou como evidência da observação dos fatos, e assim os demais princípios. Não foram os fatos que vieram posteriormente confirmar a teoria, mas foi a teoria que veio subsequentemente explicar e resumir os fatos. É rigorosamente exato, portanto, dizer-se que o Espiritismo é uma ciência da observação e não o produto da imaginação. (KARDEC, 2014, pp. 26-27).

Vemos dessa maneira que Kardec ao categorizar o Espiritismo em seu tríplice aspecto transita da filosofia à pressuposta ciência, e posteriormente à consequência religiosa, sem suspender a razão uma vez que se pauta na fé raciocinada. Ciência

⁶⁶ No contexto do século XIX predominava o Positivismo, do filósofo francês Augusto Comte (1789-1857), por isso Kardec emprega a expressão “ciência positiva”. Para os pós-modernos carece de subsídios estipular o Espiritismo de científico:

- (I) Pela falta de informes dos médiuns participantes na primeira edição do “O Livro dos Espíritos”, e por se utilizar apenas de três médiuns na segunda edição, número módico para se conceber num processo científico;
- (II) Pela ausência de informações sobre o tempo de intercomunicação com os(as) médiuns participantes e apuramento das mensagens;
- (III) Pela inexistência de alusões às entidades ou médiuns estrangeiros para obter o caráter de universal.

aqui concebida como o tentame de estreitar rigor e cuidados empíricos, regularidade lógica e teorias compatíveis ao objeto de estudo (CRUZ, 2018, p. 68). Ela deve conter teorias resistentes que suportem a testes empíricos. Percebemos que Kardec desenvolveu método de investigação totalmente próprio, de acordo com o objeto de estudo que se propôs desvendar. No sentido estrito do termo, o Espiritismo “ciência” não pode ser simultaneamente Espiritismo “religião” porque enquanto o primeiro investiga o mundo fenomênico, o segundo parte da inferência de um mundo espiritual⁶⁷, além do plano material. Sobre isto, encontramos na Revista Espírita:

Por que, então, temos declarado que o Espiritismo não é uma religião? Em razão de não haver senão uma palavra para exprimir duas idéias diferentes, e que, na opinião geral, a palavra religião é inseparável da de culto; porque desperta exclusivamente uma idéia de forma, que o Espiritismo não tem. Se o Espiritismo se dissesse uma religião, o público não veria aí mais que uma nova edição, uma variante, se se quiser, dos princípios absolutos em matéria de fé; uma casta sacerdotal com seu cortejo de hierarquias, de cerimônias e de privilégios; não o separaria das idéias de misticismo e dos abusos contra os quais tantas vezes a opinião se levantou.

Não tendo o Espiritismo nenhum dos caracteres de uma religião, na acepção usual da palavra, não podia nem devia enfeitar-se com um título sobre cujo valor inevitavelmente se teria equivocado. Eis por que simplesmente se diz: doutrina filosófica e moral. (KARDEC, 2010b, p. 491).

Não obstante, para os seus adeptos, no sentido convencional do termo, o Espiritismo não se enquadra como religião por não possuir corpo eclesiástico nem culto material como outras religiões tradicionais. Os espíritas entendem que ele trata de questões profundas da existência ao propor um conteúdo moral unindo todos os seres entre si como pertencentes à mesma humanidade; sem deixar, inclusive, de questionar sobre a própria noção de verdade. No entanto, no aspecto “filosófico”, eles o concebem com consequências de religiosidade:

O laço estabelecido por uma religião, seja qual for o seu objetivo, é, pois, essencialmente moral, que liga os corações, que identifica os pensamentos, as aspirações, e não somente o fato de compromissos materiais, que se

⁶⁷ Do mesmo modo que a ciência propriamente dita tem por objeto o estudo das leis do princípio material, o objeto especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual. Ora, como esse último é uma das forças da Natureza que reage incessantemente sobre o princípio material, e reciprocamente, disto resulta que o conhecimento de um não pode ser completo sem o conhecimento do outro. (KARDEC, 2014, p. 27).

rompem à vontade, ou da realização de fórmulas que falam mais aos olhos do que ao Espírito. O efeito desse laço moral é o de estabelecer entre os que ele une, como consequência da comunhão de vistas e de sentimentos, *a fraternidade e a solidariedade*, a indulgência e a benevolência mútuas. É nesse sentido que também se diz: a religião da amizade, a religião da família.

Se é assim, perguntarão, então o Espiritismo é uma religião? Ora, sim, sem dúvida, senhores! No sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião, e nós nos vangloriamos por isto, porque é a Doutrina que funda os vínculos da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre bases mais sólidas: as próprias leis da Natureza. (KARDEC, 2010b, pp. 490-491).

Pelo que verificamos, a prática religiosa proposta é a de uma religiosidade natural, voluntária, e despreziosa que ultrapassa as visões particularistas de rituais, dogmas e idolatria, pois “respeita todas as crenças, tendo como um de seus efeitos despertar os sentimentos religiosos nos descrentes, fortalecendo-os nos vacilantes (...)” (KARDEC, 1993, p. 36), ou seja, valida os demais credos religiosos enquanto manifestações do ser em suas subjetividades, afinidades e prioridades, conforme lemos:

Seu verdadeiro caráter (...) não [é] o de uma religião. E a prova é que conta como aderentes homens de todas as crenças, os quais, nem por isso, renunciaram às suas convicções: católicos fervorosos, que praticam todos os deveres de seu culto, protestantes de todas as seitas, israelitas, muçulmanos e até budistas e bramanistas. (KARDEC, 2010a, p. 160).

À vista disso, Kardec não prescreve a ninguém que substitua de religião, uma vez que valida a autonomia de pensamento, além de pontuar um prisma de secularização⁶⁸ quando enuncia que o ser humano é livre para escolher a religião⁶⁹ que mais lhe apraz. Afinal de contas “os seres humanos sempre e necessariamente produzem religiões (ou coisas que se assemelhem a elas), por assim dizer; o que

⁶⁸ Fenômeno histórico dos últimos séculos, pelo qual as crenças e instituições religiosas se converteram em doutrinas filosóficas e instituições legais (FERREIRA, 2010, p. 1903).

⁶⁹ A discussão sobre o Espiritismo ser religião ou não é complexa, e exigiria uma abordagem específica sobre essa questão, o que não é a finalidade deste estudo. Registre-se que, segundo o Censo 2010, os espíritas representam o terceiro maior grupo religioso no Brasil, onde o Espiritismo tomou rumos muito mais religiosos, mas também com Kardec não era plenamente filosófico / científico.

vale tanto para o ‘homem das cavernas’ como para o nosso ‘homem moderno’.” (CRUZ, 2018, p. 78). Nota-se, nesta assertiva, que naturalmente o sentimento de religiosidade existe, porém seu meio cultural faz surgir a religião que fica sujeita a posteriores atualizações, conforme o entendimento humano avança.

2.3. Os referenciais educacionais que alicerçam a evangelização do GECAM

Em linhas gerais, até aqui apresentamos o Espiritismo inseparável em suas três vertentes estruturantes e convergentes ao alvo principal que vem a ser o aspecto educativo e consciencial do ser visando o seu progresso moral. Mais do que instruir, educar. A vinculação do Espiritismo com a educação moral é interativa:

(...) Não a educação intelectual, mas a moral, e nem ainda a educação moral pelos livros, mas a que consiste na arte de formar caracteres, aquela que cria os hábitos, porque educação é conjunto de hábitos adquiridos. (KARDEC, 2000, p. 239).

Em virtude disso, o ensino doutrinário espírita à infância e à juventude considera as características de cada fase em seu desenvolvimento intelectual e a maneira como se relaciona com os demais e com o meio. Para isso, a evangelização espírita tem como referências pedagógicas alguns ilustres pensadores, dos quais elencamos três, a começar pelo pedagogo suíço Pestalozzi.

Como já citamos no capítulo anterior, Hippolyte Léon Denizard Rivail, vulgo Allan Kardec, foi discípulo de Pestalozzi⁷⁰, no Instituto de Yverdon, e em sua prática educativa empregou o método⁷¹ do pedagogo suíço que concebia cada pessoa dotada de qualidades e potencialidades sendo a educação imprescindível no processo de desenvolvimento natural e progressivo dessas faculdades. Educação

⁷⁰ Autor dos livros “*Cartas sobre educación infantil*” (1982), “*El canto dos cisnes*” (2003), “*Leonard et Gertrude: un livre pour le peuple*” (2015), “*Los destinos de mi vida y otros escritos*” (2005), “*Mis investigaciones sobre el curso de la naturaleza en la evolución de la humanidad*” (2003), “*Opiniones, experiencias y medios para fomentar un estilo de educación adecuado a la naturaleza humana*” (2008) e “*Sobre la idea de educación elemental*” (2006) entre outros.

⁷¹ Consiste no princípio de que o conhecimento parte do mais fácil e simples ao mais difícil e complexo, do sabido ao novo e do tangível ao filosófico, no ideal de *aprender fazendo*. Também denominado de método intuitivo, fundamenta-se no axioma pestalozziano de que a intuição é o recurso dinâmico da inteligência sobre a criação de conhecimento. Ademais, enunciava o educador que o amor é a única força possível de conduzir o ser à absoluta conquista moral e que cada um consegue conscientemente descobri-la em si. Essa força é a essência divina que lhe propicia liberdade.

genuína, como a que “só o que alcança o homem na integridade de sua natureza, isto é, seu coração, seu espírito e sua mão a um tempo, só isso tem valor, só isso é apropriado a cultivá-lo efetivamente e conforme à natureza.” (PESTALOZZI apud CHATEAU, 1978, p. 257). As potencialidades inerentes no ser são trabalhadas para que se desdobrem e aspirem à realização das mesmas em sua totalidade. Este preceito fica claro quando se depara com o seguinte pensamento de Pestalozzi:

O homem não desenvolve o germe de sua vida moral, o amor e a fé, senão pelo próprio ato de amar e de crer segundo a natureza. Igualmente, o homem não desenvolve o germe de sua faculdade mental, de seu pensamento, senão pelo próprio ato de pensar segundo a natureza. E, da mesma maneira, desenvolve o germe de suas faculdades técnicas e profissionais, seus sentidos, seus órgãos, seus membros, apenas pelo fato de servir-se deles segundo a natureza. (CHATEAU, 1978, p. 218).

Dessa forma, a evangelização espírita do “Caminheiros do Amor” se fundamenta nessa proposta educativa, porquanto adota uma perspectiva integral do indivíduo em seu desenvolvimento moral, intelectual e físico, de maneira harmônica e equilibrada entre os três. Relembrando o que anteriormente mostramos no primeiro capítulo, procura aprimorar os princípios pestalozzianos, de maneira gradativa e progressiva, a afetividade, o intelecto, e os sentidos – “coração, cabeça e mãos” – na interação com o meio físico, e extrafísico. “Saber, sentir e querer formam a síntese evolutiva da educação do futuro, a educação que a Doutrina Espírita nos apresenta, e que Pestalozzi já antevia (...)” (ALVES, 2000, p. 54). Em outras palavras, o sentimento, a razão e os sentidos são estimulados integralmente ao ser que pensa, sente e age.

Em relação ao desenvolvimento moral, a evangelização espírita no “Caminheiros” por nortear-se nas teorias⁷² de Pestalozzi, encara o ser humano fundamentalmente como um ente moral, em razão de portar no âmago a essência divina. Melhor dizendo, a ênfase se dá no desenvolvimento dos valores morais. Nesse prisma, considera o sujeito como portador de uma natureza humana, social e

⁷² A essência filosófica de sua teoria resume-se no fato do ser humano passar por três estados, a saber, o ser natural, o ser social e o ser moral. Estado Natural: refere-se aos instintos de sobrevivência, comprazendo-se nas necessidades básicas. Estado Social: refere-se à moral social, a que se adquire e se exercita na sociedade. Estado Moral: refere-se à capacidade de se edificar sua própria moral, não surge do externo, mas do interior.

espiritual. Em virtude disso, a evangelização espírita ensina a pessoa a ser solidária. Pestalozzi exprime a sua metodologia, abraçada pela evangelização espírita, nos seguintes termos:

Como produto da natureza, sinto-me livre de fazer o que me agrada, e no direito de fazer o que me é útil.

Como produto da sociedade, sinto-me obrigado e ligado por meio de relações e contratos, os quais me impõem certos deveres.

Como produto de meu próprio eu, sinto-me independente do egoísmo de minha natureza animal e dos laços de minhas relações sociais, tendo, a um tempo, o direito e o dever de fazer o que me enobrece e o que é vantajoso para meus semelhantes.

Tenho, pois, em mim, uma verdade animal, isto é, a faculdade de considerar todas as coisas do mundo do ponto de vista dum animal, que não existe senão por si mesmo.

Tenho uma verdade social, isto é, a faculdade de considerar todas as coisas desse mundo independentemente de minhas necessidades animais e de minhas relações sociais, no único ponto de vista daquilo que pode contribuir para meu enobrecimento interior.

Aperfeiço-me a mim mesmo, quando faço, daquilo que *devo*, a lei do que *quero*. (CHATEAU, 1978, p. 215).

Entendemos que essas concepções pestalozzianas vão ao encontro do que a evangelização espírita empenha-se em concretizar no íntimo de seus evangelizando.

A segunda referência basilar nos procedimentos pedagógicos da evangelização espírita do GECAM refere-se ao biólogo e psicólogo suíço Jean William Piaget⁷³ (1896-1980) que criou uma espécie de epistemologia da inteligência, sobre as formas de organização do pensamento, segundo a qual o ser humano desenvolve a própria inteligência através das vivências que experimenta. Para isto emprega as estruturas mentais⁷⁴ que possui e, como consequência, constrói novas estruturas mentais num desenvolvimento progressivo de assimilação.

⁷³ Escreveu mais de quinhentos artigos científicos e cerca de cem livros, dentre eles “A formação do símbolo na criança” (1971), “A linguagem e o pensamento da criança” (1959), “A representação do mundo na criança” (1926), “Da lógica da criança à lógica do adolescente” (1976), “Gênese das estruturas lógicas elementares” (1970), “O juízo moral na criança” (1932), “Psicologia e epistemologia: para uma teoria do conhecimento” (1973) e “Seis estudos de psicologia” (1967).

⁷⁴ Trata-se da capacidade de execução e não de conhecimentos armazenados ou mera informação.

“Uma verdade aprendida não é mais que uma meia verdade, enquanto a verdade inteira deve ser reconquistada, reconstruída ou redescoberta pelo próprio (...) [sujeito]”. (PIAGET apud MUNARI, 2010, p. 17). Para ele, o conhecimento resulta da interação entre o sujeito e o meio, desenvolvendo-se cognitivamente devido à maturação biológica.

Tais afirmações vêm ao encontro do que sustenta o Espiritismo no sentido das vivências individuais ocorrerem na interação entre o ser e o ambiente físico, ampliando esse entendimento ao estabelecer que o inter-relacionamento acontece simultaneamente com o ambiente extrafísico. E vai mais além ao anunciar que as estruturas mentais, já construídas em existências anteriores, se aprimoram em múltiplas experiências terrenas numa contínua síntese de formação do arcabouço espiritual.

No que se segue, embora o ser carregue em si imensurável bagagem evolutiva, na nova existência física reconstrói e aperfeiçoa as próprias estruturas interiores no intercâmbio com o mundo visível e, concomitantemente, ao invisível. Por isso, segundo o Espiritismo, aparecem diversidades significativas no processamento de elaboração de esquemas mentais. A plena ou mínima aptidão para determinadas áreas cognitivas, as destrezas manifestadas, as vocações e habilidades espontâneas explicam as experiências transcorridas.

Para os espíritas os pequenos gênios que desde cedo exteriorizam os próprios talentos seja na arte, na música, no cálculo mental, na atividade física, entre outras qualificações, indicam a conquista de competências no ontem. De acordo com o Espiritismo, o indivíduo ao reencarnar, isto é, nascer num novo corpo físico, enfrenta o esquecimento provisório de seu pretérito, apesar de suas estruturas mentais manterem-se operantes, demonstrando-se paulatinamente, em forma de capacidades, inclinações e tendências. À proporção em que a constituição física, com o decorrer do tempo, torna-se madura e se relaciona com o meio, os esquemas mentais do passado são vivificados ou reativados, demonstrando o potencial adquirido do ser reencarnado.

Segundo Piaget, o desenvolvimento do ser humano acontece em etapas distintas e amadurecem em suas funções sensoriais, motoras e mentais. Na evangelização espírita tais etapas são consideradas no sentido de se respeitar as fases do desenvolvimento, proporcionando os estímulos pertinentes a cada faixa etária, ou ciclo de idades. Tanto os bebês quanto os jovens são direcionados às

circunstâncias e experiências que resultem na assimilação das aprendizagens desafiadoras das fases em que se encontram. Conforme admite Piaget: “É necessário estabelecer entre as crianças, sobretudo entre os adolescentes, relações sociais, apelar para a sua atividade e para a sua responsabilidade” (PIAGET apud MUNARI, 2010, p. 20). A evangelização espírita leva, assim, o(a) evangelizando(a) a despertar e desenvolver, em si, a inteligência e qualidades que possibilitem a sua interação com os meios e as situações mais complexas, conforme avança.

Vale lembrar ainda que, enquanto a teoria piagetiana nega as ideias inatas, o Espiritismo as confirma, porém ambos têm em comum que as inteligências são construídas na interação entre os meios, e progressivamente.

E por último, a terceira referência pedagógica, aproveitada em algumas práticas educativas na evangelização espírita do “Caminheiros”. Trata-se da pedagogia Waldorf⁷⁵ criada pelo filósofo austríaco Rudolf Steiner⁷⁶ (1861-1925), a qual busca integrar de modo holístico o desenvolvimento intelectual, físico, artístico e espiritual dos seres. Tal abordagem é aplicada apenas nas duas primeiras turmas de Jardim com o intuito de estimular o agir, o *querer*, por meio de atividades corporais; o *sentir*, através de atividades artesanais; e o *pensar* incentivado mediante leituras cujo escopo é o desenvolvimento do raciocínio desde a imaginação, nos anos iniciais, à abstração, na adolescência e juventude. Pois bem, o fato do GECAM tomar emprestado alguns elementos do universo Waldorf, expõe o cuidado em oferecer um espaço benfazejo e favorável ao mundo infantil. Não há confusão entre os campos waldorfiano e espírita, mas aclimatação e adaptação pelos integrantes do grupo em análise da pedagogia utilizada para a realidade do Grupo.

Levando em conta que a evangelização espírita busca o desenvolvimento integral do indivíduo, como ser espiritual, e por se tratar a doutrina espírita de um sistema aberto, livre do espírito de sistemas, traz o “Caminheiros do Amor” para o campo religioso essas metodologias integrativas de modo a que o resultado final, que é o despertamento do sentimento de religiosidade, aliado ao aprimoramento moral, preceito capital no seio do Espiritismo, resulte no objetivo último que é o de

⁷⁵ Originária da concepção antroposófica de desenvolvimento integral do ser humano.

⁷⁶ Publicou cerca de quatrocentos livros, entre eles: “A arte da educação” (2003), “A arte de educar” (2013), “A filosofia da liberdade” (1984), “A história universal à luz da Antroposofia” (2019) e “A prática pedagógica” (2013).

entregar para a sociedade um ser contributivo e, acima de tudo, ético em suas atitudes.

2.4. Os alicerces do trabalho de evangelização da família

Ao se indagar por que evangelizar, se é útil e qual a vantagem ao se começar na infância, as famílias espíritas que encaminham as crianças, adolescentes e jovens à evangelização têm em vista que eles possam conhecer e aprender os ensinamentos de Jesus junto aos seus pares (na mesma fase escolar) adquirindo singulares experiências nas quais aprimorem o mundo íntimo e, conseqüentemente, colaborem no aprimoramento do mundo exterior.

Destacamos aqui que em 1862, no decorrer de seis semanas, Allan Kardec, empreitou três viagens por cerca de vinte cidades na França, e nas mais de cinquenta reuniões das quais participou, expôs questões referentes ao caráter moral do Espiritismo, além de outros itens relativos à orientação de como administrar os núcleos de estudo. No transcorrer dessas viagens pôde colher entre vários depoimentos os referentes à educação dos filhos testemunhando a mudança operante na transformação dos mesmos:

É notável verificar que as crianças educadas nos princípios espíritas adquirem uma capacidade de raciocinar precoce, que as torna infinitamente mais fáceis de serem conduzidas. Nós as vimos em grande número, de todas as idades e dos dois sexos, nas diversas famílias onde fomos recebidos e pudemos fazer essa observação pessoalmente. Isso não as priva da natural alegria, nem da jovialidade. Todavia não existe nelas essa turbulência, essa teimosia, esses caprichos que tornam tantas outras insuportáveis. Pelo contrário, revelam um fundo de docilidade, de ternura e respeito filiais que as levam a obedecer sem esforço e as tornam responsáveis nos estudos. Foi o que pudemos notar, e essa observação é geralmente confirmada.

Se podemos analisar que os sentimentos que a crença espírita tende a desenvolver nas crianças, facilmente conceber-se-ão os resultados que pode produzir. (KARDEC, 2012, p. 33).

Por conta disso, podemos reconhecer que para ele os valores espíritas são basilares à formação do ser, e os espíritas se pautam pela interpretação que há um

planejamento anterior ao renascimento no qual cabe a família a responsabilidade de verdadeiros educadores de seus filhos, valendo-se da evangelização espírita como diferencial no processo educativo do ser imortal, conforme consta na seguinte questão de “O Livro dos Espíritos” (KARDEC, 2000, p. 159):

383. Qual é, para o Espírito, a utilidade de passar pela infância?

Encaminhando-se com o fim de se aperfeiçoar, o Espírito é mais acessível durante esse tempo às impressões que recebe e que podem ajudar o seu adiantamento, para o qual devem contribuir os que estão encarregados da sua educação. (*)⁷⁷

Recorremos também à pergunta 385 da mesma obra para reforçar essa noção espírita de receptividade da idade em formação e das descobertas com a seguinte resposta que claramente afirma o caráter educativo da existência do ser milenar:

A infância tem ainda outra utilidade: os Espíritos não ingressam na vida corpórea senão para se aperfeiçoarem, para se melhorarem; a debilidade dos primeiros anos os torna flexíveis, acessíveis aos conselhos da experiência e daqueles que devem fazê-los progredir. É então que se pode reformar o seu caráter e reprimir as suas más tendências. (...). (KARDEC, 2000, p. 161).

Nesse aspecto, sob a ótica espírita, é no ambiente doméstico que estão reunidos os seres afins, ou não, ligados por convivências pretéritas, para avançarem nas conquistas intelectuais e morais. É nesse laboratório familiar, qual um cadinho onde são buriladas as questões morais, que se torna crucial o papel de todos(as) compromissados(as) com a formação de caráter dos seres, conforme:

A educação, se for bem compreendida, será a chave do progresso moral, quando se conhecer a arte de manejar a arte dos caracteres como se conhece a de manejar as inteligências, poder-se-á endireita-los, da mesma maneira como se endireitam as plantas novas. Essa arte, porém, requer

⁷⁷ Os pais e os professores espíritas devem ponderar sobre este item e os que se lhe seguem. O Espiritismo vem abrir um novo capítulo da psicologia infantil e da pedagogia, mostrando a importância da educação da criança não apenas para esta vida mas para a sua própria evolução. (N.do T.)

muito tato, muita experiência e uma profunda observação. (KARDEC, 2000, p. 301).

Por agora, cabe lembrarmos que, no entendimento dos espíritas, durante o processo biológico, emocional, intelectual e social das crianças emerge a diversidade de tendências e impulsos apresentados desde a tenra idade, entendidos no Espiritismo como conquistas espirituais. Com todo o exposto, verificamos que no movimento espírita a fase infanto-juvenil é compreendida como um período em que o ser está aberto às orientações que podem aprimorá-lo moral e intelectualmente. É o que se compreende da literatura produzida dentro do campo espírita, como segue:

A criança é o ser que recomeça a existir na Terra e está temporariamente e parcialmente adormecido, tornando-se receptível às sugestões de uma nova educação. Ser inteiro, livre, interexistente que se manifesta em corpo frágil de criança, para retomar as experiências no mundo em moldes diversos dos que já experimentou no passado e poder integrar essa nova personalidade em formação às múltiplas personalidades já vividas, que constituem o seu eu integral. (INCONTRI, 2006, p. 243).

Ou seja, há o entendimento de que a criança se enriquece com as experiências dos contextos familiares e socioculturais conhecendo, assimilando e construindo os referenciais morais que sedimentarão, nas fases seguintes da adolescência à de maior idade, a formação positiva de seu caráter. Buscamos na citação seguinte reiterar essa posição espírita da natureza aberta da infância:

Na “roupagem da inocência”, a criança está mais próxima de sua verdadeira essência podendo ser tocada mais facilmente para se tornar nesta vida um ser existencial, plenamente responsável por si e pelo próximo. Em estado de permeabilidade psíquica e moral, é ávida por aprender e agir, por expandir-se em energia e afetividade. (INCONTRI, 2006, p. 244).

Particularmente no campo da evangelização espírita do “Caminheiros” o cerne está na formação integral do ser humano acenando o aspecto doutrinário em consonância com os evangelhos sendo que nas primeiras fases o ser reencarnante está mais propício ao aprendizado:

Para fins de compreensão (...), faz-se necessário o adequado entendimento dos termos “evangelizar” e “educar”, muitas vezes utilizados sob perspectivas opostas, distintas ou mesmo antagônicas. (...)

Concebendo-se Evangelização Espírita Infantojuvenil como toda a ação voltada ao estudo, à prática e à difusão da mensagem espírita junto à criança e ao jovem, identifica-se que o termo “Evangelização” inspira a transformação moral do homem e do mundo por meio dos ensinamentos de Jesus.

Para além de uma transmissão de conhecimentos, a tarefa de Evangelização Espírita objetiva a ressonância dos ensinamentos espíritas nas mentes, corações e mãos das crianças e jovens, fortalecendo-os para o percurso reencarnatório. (CFN/FEB, 2015, pp.14-15).

Ao que tudo indica, no núcleo institucional objeto desta pesquisa, são empreendidos cursos que, apesar de não levarem o nome de evangelização, destaca-se o aspecto formativo do Espírito. Conforme mencionado no capítulo anterior, o GECAM nasceu pelo diferencial de abarcar a evangelização para toda a família. Em sua totalidade, os Centros espíritas abrem suas portas iniciando por oferecer assistência espiritual, mediunidade, assistência social, ou ainda pelo carisma de um(a) médium líder. Porém o “Caminheiros do Amor” se distingue por ter se originado de um grupo de evangelizadores, pais e mães interessados em oferecer a evangelização espírita à família. Enquanto o termo em si, evangelização, comumente, é associado à faixa etária infanto-juvenil, especificamente nesta instituição que adota a bandeira de “Núcleo de Evangelização da Família”, o trabalho evangelizador é aplicado aos demais frequentadores, independentemente da idade física. Podemos, desta forma, afirmar que a atividade da evangelização espírita, no “Caminheiros”, consiste no estudo aprofundado do Espiritismo na faixa acima mencionada.

Em sua norma interna este Grupo espírita tem como escopo:

Atendimento à família, com ênfase para o trabalho de Evangelização, baseado nos princípios da Doutrina dos Espíritos, codificada por Allan Kardec, no seu tríplice aspecto (científico, filosófico e religioso), com vistas à vivência dos valores do Evangelho de Jesus pelos homens, de maneira gradual, voluntária e consciente. (GECAM, 1999a, s.p).

Ao que nos parece a prioridade é a evangelização, no sentido do estudo do Espírito, mesmo sucedendo as assistências espirituais e outras atividades conjuntas, descritas no capítulo anterior. Tem-se delimitado a finalidade do trabalho de evangelização da família sob vários ângulos, como segue:

Este trabalho será estruturado e sistematizado à luz da D.E.⁷⁸, enfatizando-se os seguintes aspectos:

- a – O processo reencarnatório (da erraticidade⁷⁹ às vestes físicas, da infância à velhice e ao desencarne)
- b – O processo de desenvolvimento (da gestação ao nascimento: do nascimento à velhice): uma visão biopsicossocial e espiritual.
- c – A interdependência entre os planos de vida
- d – A visão de Homem: o homem integral e o desenvolvimento de suas potencialidades – as potências da alma. (GECAM, 1999a, s.p).

No sistema de crenças da concepção espírita o ser imortal reencarna numa nova existência para o desenvolvimento das potencialidades inerentes, adquirindo experiências, educando as emoções e aprimoramento intelecto-moral. Os espíritas creem que o Espírito passa a integrar o clima espiritual do lar antes mesmo de nele encarnar. Por isso, os adeptos entendem que a evangelização ocorre nos dois planos, material e espiritual, tanto daqueles seres, por exemplo, que estão se preparando para vir ao mundo físico e podem acompanhar essas práticas para se ambientarem, quanto da família que se prepara para receber o(s) novo(s) membro(s). Com esse trabalho, busca-se conscientizar os seres da sua origem, natureza e destinação, alargando o horizonte para além das contingências mundanas, fazendo compreender a intersecção entre os dois planos, físico e extrafísico. Segundo Wirth (2013, p. 137), o ser humano por possuir consciência pode objetivar ideias, representações; esta faculdade de objetivação da consciência é infinita, conseqüentemente ele é o único ser vivo capacitado de pensar o metafísico como algo real. Justamente esta faculdade de pensar o infinito que elabora uma religiosidade.

Institucionalmente, o “Caminheiros”, em seu regimento, estabeleceu como Objetivo Geral a *“formação espírita-cristã, visando a realização da síntese de Jesus:*

⁷⁸ Doutrina Espírita.

⁷⁹ Estado em que se encontra o Espírito no intervalo entre duas encarnações.

‘Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo’ dentro de níveis compatíveis com as fases de desenvolvimento’.” (GECAM, 1999a, s.p). A evangelização não se limita ao estudo do Espiritismo, mas abarca a própria vivência do evangelho, na relação entre os frequentadores criando vínculos de fraternidade e estendendo essa prática aos demais locais onde o ser atua. Para tanto adotou um parâmetro, transcrito a seguir:

O trabalho de Evangelização da Família tem por objetivo contribuir para a formação espírita cristã da família buscando a vivência da Lei de Deus sintetizada por Jesus nas seguintes palavras: “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”.

(...)

De acordo com as características e necessidades específicas de cada faixa etária são escolhidos os conteúdos mais adequados e desenvolvidos, na forma de temas, segundo uma sequência e didática apropriadas.

Todo esse processo, no entanto, é sustentado por uma concepção abrangente do Homem e de sua missão humana. Esta concepção antecede o trabalho pedagógico. É ela que norteia as decisões, as escolhas, os caminhos a serem seguidos. É ela que dá forma, coerência e unidade às ações pedagógicas. Ao mesmo tempo que alimenta o trabalho, é por ele alimentada.

Concepção do Homem

O Trabalho de Evangelização entende o Homem como Espírito imortal que ingressa no mundo apropriando-se de um corpo físico através de um processo reencarnatório; que apresenta ao longo das idades, da infância à velhice, um desenvolvimento biológico, psicológico e social; que participa, por sua dupla natureza, tanto do mundo espiritual quanto do mundo material, mantendo relação de interdependência entre os dois planos de vida; que possui dentro de si um potencial de desenvolvimento ilimitado manifesto no mundo através das chamadas potências da alma: o pensamento, o sentimento e a vontade; e que, finalmente, pode dispor de todos estes recursos para viver os valores morais do Evangelho de Jesus de maneira gradual, voluntária e consciente, realizando assim, o destino para o qual foi criado. Numa palavra, o Homem Integral. (GECAM, 1999c, pp. 02-03).

Neste contexto, do trabalho da evangelização da família, cada ciclo traz em si uma realidade que lhe é própria, por isso o cuidado, o planejamento de nos

primeiros anos não apresentar “temas teóricos”, mas que sejam vivenciáveis, uma vez que a percepção sensorial e o aspecto emocional preponderam sobre o aspecto intelectual. Nos anos subsequentes os(as) evangelizados(as) são estimulados a observar, comparar, pensar e chegar as próprias conclusões frente à realidade concreta, pelo raciocínio próprio. Assim se dá preferência ao real do que à figura, ficção, fantasia, pois ativando as estruturas do pensar, estimulam-se as habilidades mentais. Descartam-se as repetições de definições verbais ou o decorar respostas prontas sem que haja compreensão do fenômeno ou fato.

Enquanto na fase anterior é mais fácil aprender e apreender através do concreto, na sequente o(a) evangelizando(a) já é capaz de pensar abstratamente, de imaginar probabilidades, formular hipóteses e operar o pensamento científico. A idade não corresponde a uma referência fixa, no sentido da maturidade, tanto que há, com a mesma idade, aqueles maduros, outros imaturos, ou seja, não há uma única turma homogênea, porque é indelével a diversidade dos seres. Num *continuum*, nas próximas turmas busca-se ativar a força criadora do ser que reformula-se para atuar em família, nos círculos de convivência, na sociedade como um indivíduo que sente, pensa e age, isto é, põem em ação as potências do sentimento, da inteligência e da vontade colaborando na direção de um mundo mais ético e solidário.

Depreende-se que essa conscientização não surtirá o mesmo efeito se toda a família não estiver comprometida com o mesmo objetivo final. Desde o início do trabalho de evangelização, entendeu-se o mesmo como auxiliar dos pais a quem, de fato, compete a formação moral dos filhos. Isso resultou na criação de “Reunião de Pais”, inicialmente algumas vezes ao ano, até se tornarem semanais e efetivadas durante as aulas dos filhos. Os objetivos dessas reuniões são:

Conscientizar os pais quanto a sua responsabilidade na formação e educação dos filhos como espíritos em processo de evolução.

Despertar neles o interesse em assuntos que os levem a melhorar o relacionamento familiar, seja com o cônjuge ou com os filhos.

Desenvolver hábitos saudáveis através da busca do auto conhecimento e transformação de si mesmo, conforme orienta a Doutrina. Ex.: o hábito do diálogo, do estudo, da auto análise, entre outros. (FEESP, 1997a, p. 02).

Por tais razões, os temas dessas Reuniões são tratados sob a visão espírita, abrangendo não só os temas doutrinários propriamente ditos, como as variadas facetas dos relacionamentos familiares, dentre os quais podemos elencar:

- (I) Evangelização dos(as) filhos(as), a importância dessa ação, apresentação de aulas práticas das várias faixas etárias;
- (II) Os pertinentes ao núcleo familiar, os de vivência familiar, como o relacionamento entre pais/mães e filhos/filhas, relacionamento entre os cônjuges, diálogo e harmonia familiar;
- (III) Os da área da psicologia, como personalidade, desenvolvimento sequencial e características das fases infantis até a adolescência e juventude, ciúmes, mentira, educação sexual;
- (IV) Pedagogia, como o relacionamento entre o casal e docentes, a adaptação da criança na escola, as tarefas de casa, a leitura e literatura, as brincadeiras e os brinquedos adequados a cada idade;
- (V) Higiene e saúde, com profissionais convidados;
- (VI) Conteúdos espíritas, chamados de doutrinários, como a reencarnação, a lei de causa e efeito, os laços de família e evangelho no lar. Os assuntos propostos, tanto da parte da instituição como aqueles sugeridos pelos frequentadores, são analisados com todo o grupo reunido, entretanto questões particulares são conversadas individualmente, segundo a necessidade e o interesse.

Retomando, outro ponto que deve ser mencionado nesse panorama da evangelização da família no GECAM, é que o “Programa de Evangelização da Família”, Anexo C, (GECAM, 1999b, s.p) se debruça sobre vários objetos pertinentes ao campo religioso, dentre eles a “*visão de Deus*”. O Espiritismo possui um entendimento sobre a natureza de Deus todo próprio, cuja difusão vai fundamentar-se no histórico da tradição de uma cultura, e que nos remete ao sociólogo português José Pereira Coutinho em seus estudos sobre a transmissão religiosa. Seja porque no Ocidente, sobremaneira influenciado pela cultura judaico-cristã, prevalece a ideia do “Deus único e transcendente” (COUTINHO, 2012, p. 176). Seja porque esta assertiva leva a uma segunda: “Dado o vínculo do termo religião com a história cultural e intelectual do Ocidente, não surpreende que muitas vezes ‘Deus’ seja indicado como o elemento fundamental constitutivo (...)”. (HOCK,

2017, p. 23). Ou ainda pelo motivo que se segue, qual seja, além da transcendência e da cultura há a causa da imanência divina:

A tendência universal para acreditar num poder invisível e inteligente, se não é um instinto original, é pelo menos uma coisa que geralmente acompanha a natureza humana e pode ser considerada uma espécie de sinal ou marca que o artífice divino colocou sobre sua obra; e nada, com certeza, pode elevar mais o homem do que ser assim eleito, entre todas as outras partes da criação, para exhibir a imagem ou a impressão do criador universal. (HUME, 2004, p. 125).

Para os espíritas, a crença num Ser Supremo aviva perspectivas acolhedoras e atraentes. A partir das primeiras turmas dos cursos de evangelização do “Caminheiros do Amor”, de seis meses a nove anos, Deus é apresentado como “*Doador. O que Ele me dá. Deus é Bom. O mundo é Bom*”. (GECAM, 1999b s.p) Compreendemos que essa faixa etária não absorve o conceito abstrato de Deus, uma vez que os infantes se encontram na fase pré-operacional piagetiana. Assim, Deus é apresentado no contato com a natureza, e através de histórias, a concebê-Lo como “Pai” de toda a obra.

Em média dos dez aos quinze anos - na fase operatório-concreto e operatório-formal (segundo Piaget) - Deus é apresentado em seu “*Plano Divino*” como Criador na “*gênese dos mundos*”. Interpretamos que para esta faixa etária avança-se no conhecimento dos atributos de Deus, como a Inteligência Suprema. O conhecimento é transmitido de modo a que os(as) evangelizados(as) concluam a existência de Deus pelo raciocínio lógico, a partir dos fenômenos da natureza e da realidade concreta. “(...) É na natureza que devemos procurar a fonte ou as fontes da vida religiosa” (CRUZ, 2019, p. 9). Os fenômenos naturais advêm de causas naturais, e para os espíritas a Causa Primária é Deus. Esse axioma gera nos adeptos do Espiritismo a certeza de que nada é casual.

Do adolescente ao jovem, entre os quinze e os vinte e um anos, fase inicial do pensamento abstrato e intuitivo, propõe-se conceber Deus “*no que posso cooperar com Ele*” (GECAM, 1999b s.p). Entendemos que nessa fase, atingidos a capacidade de raciocinar cientificamente, de trabalhar com o abstrato, e de como funcionam as leis da física e da química, como leis naturais, o(a) evangelizando(a) torna-se um instrumento de mudança nos espaços que convive, sem invadir a liberdade de

pensar e agir das pessoas, ou mesmo forçar crenças e exigir adesões de pensamentos, observando o preceito cristão de “fazer aos outros o que gostaria que lhe fosse feito”.

Dos vinte e um em diante, na fase adulta, trabalha-se a ideia “*posso realizar o que Ele me confia*” (GECAM, 1999b, s.p). Concebemos que nesse período haja a tomada de consciência em se posicionar frente às tarefas cotidianas, apercebendo-se como protagonista de suas escolhas, e desenvolvendo pelo próprio trabalho o seu potencial criador.

E, por fim, aos idosos enfatiza-se a “*gratidão a Ele, Fonte de Amor Sabedoria e Esperança*” (GECAM, 1999b, s.p). Percebemos que, chegado a esse período, amplia-se no ser a intuição indispensável à compreensão verdadeira da realidade e, numa síntese das conquistas ameadas, cria ele uma interação vertical com os planos extrafísicos, mais acentuadamente, recolhendo e doando os frutos essenciais do plantio existencial.

Vemos que embora o tema seja o mesmo em todas as faixas etárias atendidas nos estudos religiosos no âmbito do “Caminheiros”, sua apresentação varia em profundidade, sendo abordado por diferentes ângulos, gradativamente, porque o lugar de Deus foi ocupado na modernidade pela própria sociedade (BURITY, 2001, p. 13). Nessa conjuntura estuda-se um novo olhar sobre a “visão de Deus”, numa dialética para construir, delimitar, ou seja, compreender, conforme a gnosiologia espírita, o objeto da sensação, depois sob o manto do conceito até se chegar à essência da intuição. Com isto, visa a instituição despertar, nos frequentadores e adeptos, a fé como confiança em um “poder superior”, porém uma convicção gerada pelo conhecimento adquirido nos cursos e práticas da Casa, pois “o meio que a religião sugere para conhecer a Deus e viver a partir desse conhecimento é a fé, sendo ela entendida ao mesmo tempo como um dom e como uma condição cognitiva do sujeito humano para a vida religiosa.” (PICH, 2013, p. 146). Nisso reside o que comumente se define entre os seguidores do Espiritismo como fé raciocinada.

Conjuntamente, na evangelização cuida-se, também, de trabalhar as características de cada uma dessas fases na “*visão do outro*”, no que se refere ao “próximo”, atendendo-se aos preceitos religiosos de caridade e amor ao próximo. Nos dois primeiros níveis, seis meses a nove anos, é peculiar o egocentrismo: “*Eu preciso do outro para que me ofereça um ambiente onde, a partir da harmonia*

exterior, eu possa crescer e me ordenar interiormente, desenvolvendo sentimentos de amor e fé” (GECAM, 1999b, s.p). Compreendemos que é a fase do sentir, do emocional, da necessidade de afeto e segurança.

Mais adiante, dos dez aos quinze anos, a tendência do entendimento e comportamento do ser vai no sentido do “*começo a ver o outro, a dar a ele: o que eu desejo; o que eu acho bom para ele; o que eu gostaria de receber*”. (GECAM, 1999b s.p). Interpretamos que é uma fase social na qual se iniciam os vínculos de amizade, por isso pertencer a um grupo é importante.

Na sequência, dos quinze aos vinte e um anos, a perspectiva passa para o “*sinto o outro: o que ele precisa; o que ele quer; o que lhe faz bem*” (GECAM, 1999b, s.p). Entendemos que é a fase na qual o jovem tem necessidade de autoafirmação, quer liberdade, aceitação e aumenta a supervalorização do grupo. Antes acreditava em tudo o que ouvia, recebia ou lia, mas a partir desse período começa a analisar tudo o que ouve, recebe e lê.

Prosseguindo, na fase adulta, dos vinte e um em diante, o ser toma posse de si mesmo, seguro pela maturidade adquirida e se norteia pelo ideal de “eu busco o outro e sinto-me capaz de oferecer: o que ele precisa; o que ele quer; o que lhe faz bem” (GECAM, 1999b, s.p). Tanto começa a arcar com novas obrigações quanto se envolve no ininterrupto processo de transformação interior. Concebemos que o ser encarrega-se de contribuir para o aprimoramento dos espaços em que convive, ciente de que não tem controle da vida e que o desenvolvimento pessoal não prescinde das experiências coletivas.

Até que na terceira idade atinge sua plenitude ao sentir que “*eu vejo o outro e sinto capacidade de ser Luz, Amor e Sabedoria*”. Percebemos que nesse período, apesar das limitações do corpo físico, o ser se mantém ativo, lúcido.

Notamos que as “visões” se interligam, sequencialmente, embora cada fase seja única. Não há nível de entendimento inferior ou melhor do que o outro, cada “visão” carrega valores e significados, alguns deles em comum com outros, seja o sentimento de fé, o respeito à vida, ao próximo e a crença em algo metafísico ou divino.

Importante mencionar os objetivos específicos referentes a cada faixa etária, de forma a que se possa abarcar o processo de desenvolvimento do ser proposto pelo GECAM, mais detalhadamente.

Dos seis meses aos nove anos os ditames de caráter normativo são os seguintes:

- Formação de atitudes e hábitos;
- Desenvolvimento afetivo;
- Cultivo do sentimento religioso; desenvolvimento da vontade;
- Desenvolvimento do amor à família. (GECAM, 1999b, s.p).

Entendemos que para os evangelizadores do “Caminheiros do Amor” o amor afetivo se expressa no amor a Deus através da natureza; no amor aos amigos através dos relacionamentos; no desenvolvimento da vontade, disciplinando ou incentivando os seus impulsos para conseguir o que necessita, na hora mais adequada; e no desenvolvimento do amor à família, através da percepção do seu valor e importância.

Continuando, dos dez aos quinze anos, quando o indivíduo encontra-se no período de moralidade heterônoma, prosseguindo vagarosamente para a autonomia moral, são oferecidos:

- Formação doutrinária, através do conhecimento da Vida e Ensinamentos de Jesus e dos princípios da Doutrina Espírita;
- Consciência da responsabilidade de cada um, perante: Deus; Doutrina; Família; Sociedade; Ele mesmo, com o cultivo da Vontade e do Auto-domínio; Desenvolvimento do espírito de análise. (GECAM, 1999b, s.p).

Depreendemos que, nessa fase de adolescência, a evangelização espírita encara o(a) evangelizando(a) como aquele(a) que gradualmente reaviva a sua bagagem de vidas anteriores, no sentido de sentir mais forte o influxo de predisposições, inclinações e simpatias desvelando o seu eu profundo.

Prosseguindo, dos quinze aos vinte e um anos, período típico de questionamentos e de contestações, numa necessidade sadia de autoafirmação, reforça-se a conscientização do comprometimento de cada um para com as Leis Divinas, à família, à sociedade e a si próprio, ofertando para tanto:

- Vivência Espírita-cristã, através de:
- a) Aprimoramento doutrinário;

b) Aplicação dos conhecimentos adquiridos na solução dos problemas com que cada um se defronta, visando contribuir para a construção de um mundo mais cristão. (GECAM, 1999b, s.p).

Constatamos que nesse período o ser é convidado à reflexão quanto à responsabilidade do livre-arbítrio perante a vida e ao reajuste das decisões, no enfrentamento dos desafios, e alinhadas com os ensinamentos espíritas.

Avançando, ao adulto são ofertados cursos visando a:

Vivência dos princípios espíritas-cristãos como norteadores;

- a) do cultivo da auto-estima;
- b) da formação das relações conjugais e familiares, profissionais e sociais;
- c) da capacidade da co-criação. (GECAM, 1999b, s.p).

Entendemos que nesses estudos, sistematizados, de forma regular e contínua, o indivíduo ao tomar contato com os ensinamentos contidos nas obras de Allan Kardec reavalia e redireciona a rota existencial procurando se coadunar com os valores morais.

Por fim, ao idoso, tendo em vista que a evolução intelecto-moral continua nesta fase, propicia-se-lhe programas que fortaleçam o sentido existencial, constituído como patrimônio a ser levado para a próxima existência, alimentando-lhe a vontade de realizar algo em prol de si e do semelhante. Nessa perspectiva espírita providencia-se:

Vivência dos princípios espíritas-cristãos através:

- a) Do fortalecimento da auto-estima, com o reconhecimento das conquistas realizadas e as por realizar, usufruindo a capacidade de amar e ser amado;
- b) Gratidão a Deus (Pai) – Fonte de Amor e Sabedoria;
- c) Cultivo da alegria de ser e viver. (GECAM, 1999b, s.p).

Verificamos que o GECAM observa a limitação natural da idade quando o corpo envelhece, respeitando a mente do ser que, consciente da sua realidade imortal, prioriza a independência e consegue se manter em condutas sóbrias de confiança e expressividade.

Como vimos, ao longo de todas as fases da existência humana, os(as) frequentadores(as) no GECAM são convidados(as) a visitar a dimensão do

autoconhecimento para o desenvolvimento intelecto-moral de si e do próximo, além de possibilitar o conhecimento da realidade espiritual que os estimulem a atuar com responsabilidade, onde quer que estejam, conquistando virtudes e vivências transformadoras.

2.5. Ritmo e Modelo das aulas de evangelização

Nos limites desta pesquisa, vamos entender o termo ritmo como continuidade necessária à fixação do aprendizado.

No “Caminheiros” as turmas menores de Jardim I e Jardim II seguem um *ritmo*, do grego *rhythmos* - um movimento regulado, aquilo que flui, se move - uma preparação, respeitadas as devidas peculiaridades de cada idade, durante as aulas de evangelização, inspirada na pedagogia Waldorf, mas que foi adaptada à realidade da evangelização, considerando o ritmo de cada faixa etária, uma vez que se preserva o desenvolvimento das potências do ser.

Conforme a “Orientação para o Trabalho de Educação da Vontade – O Ritmo nas Aulas de Jardim”, Anexo D, (FEESP, 1997b, s.p), partindo da premissa de que na natureza há um *ritmo* ao qual todos os seres vivos estão pautados, como por exemplo, a cadência do dia e da noite, os padrões climáticos – primavera, verão, outono e inverno - o alvorecer, entardecer e anoitecer, e que esse compasso se revela perfeito, é proposto para que nos primeiros anos de idade nos quais as crianças estão mais próximas da natureza, haja práticas rítmicas e regulares. Nesse ciclo infantil os pequenos precisam do movimento repetitivo para o desenvolvimento da saúde física e articulação da vontade. No *ritmo* de uma atividade mais introspectiva se segue outra com mais expansividade, e assim continuamente. Esta organização rítmica se mantém em todas as aulas, não variando em sua estrutura maior, porém as atividades que a integram podem receber modificações conforme as necessidades infantis e segundo a sensibilidade do(a) evangelizador(a). Desse modo, habituadas com o *ritmo* das aulas, as crianças necessitam que o mesmo seja mantido, ou seja, uma vez interiorizado o *ritmo* este se torna fundamental ao desenvolvimento da criança.

De acordo com a “Orientação”, mencionada acima, no Jardim II as crianças são recebidas pelos evangelizadores ao adentrarem as salas. Num primeiro momento, são oferecidos materiais de pintura para que elas possam se expressar,

se soltar, manifestar o emocional. Na sequência são deixadas à vontade para se harmonizarem ao ambiente e interagirem com os colegas. Em seguida, canta-se uma música apropriada para guardar os brinquedos, e à medida que a sala estiver arrumada forma-se uma roda para continuarem, todos juntos, algumas músicas condizentes com o tema da aula ou outras variadas. Os momentos subsequentes são executados com músicas, proferidas pelos evangelizadores, para que não haja ruptura, e sim para que naturalmente se passe de uma fase a outra, fluindo, sem que a criança perceba a transição: faz-se uma prece inicial com a participação das crianças e, na sequência, conta-se uma história acompanhada de gravuras. Não há leitura, e sim narração de história, para que se mantenha o olhar à turma, o que cria um ambiente mais intimista. Na continuação, ora são aplicadas perguntas, ou dinâmicas, ou atividades manuais para fixar o conteúdo. Novamente, há outro momento de prece, finalizando a aula de evangelização.

Esse *ritmo* não acontece nas turmas maiores, todavia, todas as etapas da aula de evangelização, em todas as turmas, são elaboradas pela equipe no planejamento semanal contendo diversos passos, segundo a “Orientação quanto à Elaboração de Aulas e Relatórios” (GECAM, 1997, s.p). Nessa direção, mais do que o conhecimento sobre o *modus operandi* da evangelização no GECAM, busca-se resgatar as experiências humanas presentes nessas práticas sociais. Por essa razão os(as) evangelizadores(as) consideram o planejamento indispensável ao se prever e calcular todas as fases do trabalho de evangelização, além de programar de forma racional todas as atividades, de modo a tornar o ensinamento, seguro e eficiente, sem dispersões. A seguir, apresentamos as cinco partes estruturantes do Modelo da aula de evangelização:

1. Objetivos

Objetivo informativo: contém as informações que possibilitam alcançar o objetivo formativo (mudança/ fortalecimento de atitudes, valores, hábitos).

O objetivo formativo é buscado através das informações contidas no objetivo informativo.

Há uma estreita ligação entre os objetivos.

Ex: tema: prece – o que é e como orar.

objetivo informativo: informar que a comunicação entre os dois planos, material e espiritual, é feita através do pensamento. É pelo pensamento que

se comunica com Deus, isto é, através da prece. objetivo formativo: desenvolver o hábito da prece.

2. A incentivação inicial toma pouco tempo, pois é um recurso que se utiliza para atrair a atenção dos alunos. Não há interrupção de um passo a outro da sala. Para entrar no próximo passo o evangelizador faz uso de um “gancho”, garantindo uma sequência harmoniosa.

3. O desenvolvimento deverá conter a síntese da história (quando houver), trazendo seus aspectos essenciais.

4. Há aulas, especialmente com dinâmica de grupo, em que o desenvolvimento já contém em si a avaliação.

A **avaliação** avalia, no geral, o objetivo informativo.

O uso de perguntas é um recurso muito bom, contudo elaborar perguntas é um desafio para que sejam perguntas significativas que levem à reflexão e não a simples repetição de algo já dito. O uso indiscriminado da pergunta enfraquece as aulas, geram indisciplina e limita a criatividade do aluno.

5. A fixação está, no geral, ligada ao objetivo formativo. Ela reforça a ideia central da aula. Ela trabalha em especial o sentimento que conduz ao agir.

Há aulas onde a avaliação e a fixação constituem uma só atividade. O importante para o evangelizador é estar claro a função da atividade que está desenvolvendo (...). (GECAM, 1997, s.p).

Notamos que a evangelização, também entendida como uma atividade educativa, se apoia em um planejamento de aula no qual se estabelecem metas a se atingir, especificando um objetivo informativo, voltado para a informação, o pensar; e um objetivo formativo, voltado para os hábitos e as atitudes, o sentir, o agir. Já a incentivação inicial é um recurso didático para despertar o interesse dos alunos pela aula; por exemplo, uma gravura, surpresa, jogo, música, pergunta, entre outros. O desenvolvimento consiste na apresentação do conteúdo das aulas, de acordo com as técnicas e procedimentos didáticos previstos pelo(a) evangelizador(a), como por exemplo: história, exposição, teatro, estudo em grupo, debate, dentre outros. A avaliação compõem-se da verificação dos resultados, através de questionário, situações, observações, realização de tarefas. E a fixação abrange recursos para fixar a aprendizagem, como música, desenho, modelagem, dramatização, jogo, composições, excursões e visitas. No próximo capítulo serão exemplificados alguns modelos de aulas de evangelização.

Como desfecho, neste segundo capítulo buscamos traçar o diálogo entre os procedimentos adotados pelo GECAM em seu processo evangelizador e os

embasamentos teóricos desta pesquisa, de modo a que se chegasse à compreensão do tríplice aspecto do Espiritismo, segundo os seus seguidores; os subsídios pedagógicos pestalozziano, piagetiano, e parcialmente waldorfiano, como sugestões educativas no sistema de evangelização da Casa; a finalidade de se evangelizar todas as faixas etárias; os objetivos, a metodologia e um ritmo constituintes da evangelização espírita desta instituição.

Capítulo 3

Do livro ao jovem: a evangelização e a propagação do ideário espírita

*Os livros são criaturas.
Cada página um ano de vida,
cada leitura um pouco de alegria
e esta alegria
é igual ao consolo dos homens
quando permanecemos inquietos
em resposta às suas inquietudes.
As coisas não existem.
A ideia, sim.*

*A ideia é infinita
igual ao sonho das crianças.*

(Hilda Hilst, 2017, p. 47)

No terceiro capítulo, debruçaremos sobre a literatura infanto-juvenil empregada como recurso à transmissão de ensinamentos morais; a remodelagem dos aspectos gráfico e lúdico nos livros, indicados às faixas infantil e juvenil, além dos parâmetros escolhidos na triagem de histórias pelos(as) evangelizadores(as) no GECAM. Ainda apresentaremos algumas amostras de planos de aula; trataremos acerca da semelhança ou não entre a prática evangelizadora espírita e a catequese, assim como também sobre a participação do jovem nos Centros e o seu ônus no que tange à disseminação do Espiritismo à posteridade.

3.1. A literatura que direciona a evangelização espírita para seus fins

No contexto do Espiritismo no Brasil, o mesmo pode ser considerado como “uma religião letrada, codificada, na qual o livro, a leitura e o estudo ocupam (...) um lugar de destaque no seu sistema ritual”. (CAVALCANTI, 1983, p. 20). Na grande parte das atividades espíritas, o livro, o estudo e as trocas interpretativas desempenham uma posição fundamental. Segundo o antropólogo Bernardo Lewgoy (2000) o Espiritismo possui a característica distinta de priorizar a relação do adepto com a leitura sistemática, por meio de estudos. Trata-se de um traço histórico, constituído desde a chegada ao país, dada a adesão de seguidores letrados como médicos, advogados, jornalistas, dentre outros, como podemos constatar:

Religião de letrados, o espiritismo kardecista confere um *status* diferenciado – ao lado da caridade e de suas práticas rituais – à leitura e interpretação de uma bibliografia religiosa própria, que se inicia com a chamada Terceira Revelação ou Codificação de Allan Kardec, e que funciona como fonte de autoridade religiosa e constituição de identidades. (LEWGOY, 2004, p. 256).

Como demonstra o autor, a cultura espírita movimenta um mercado editorial e um perfil fiel de leitores, podendo-se constatar que os espíritas, consumindo revistas, jornais e, principalmente livros, sustentam e são sustentados por essas fontes de legitimação do Espiritismo. Dele temos:

(...) a intertextualidade da literatura espírita - dimensão fundamental da cultura e do movimento religioso kardecista no Brasil - não apenas alimenta uma grande discursividade junto ao seu público leitor, mas é também um dos grandes pilares de sustentação e difusão do espiritismo no Brasil. (LEWGOY, 1998, p. 108).

A produção literária espírita destinada ao público infanto-juvenil estampa em primeiro lugar uma síntese histórica de determinada época, como um componente substancial no desenvolvimento moral desses seres junto aos familiares, pois expressa os parâmetros basilares do Espiritismo. Em segundo lugar denota uma mudança no que tange à qualidade dos livros, tanto no aspecto gráfico, visual, quanto, fundamentalmente, na linguagem, aprimorada ao longo dos anos e passando, de fato, a atender às necessidades das crianças, adolescentes e jovens.

Encontramos, nos primórdios dos raros livros publicados a essa faixa etária, o livreto “Espiritismo para as crianças”, de Cairbar Schutel (ed. Clarim). Na primeira edição, de 1918, abordava temáticas de cunho mais adulto do que propriamente infantil, conforme se observa no sumário: “O Homem e a imortalidade”, “Penas e gozos futuros”, “Vícios e pecados”, “As virtudes”, “O trabalho”, “A moral espírita”, “Diversidade de mundos”, e continua. O autor vai além desse contraste e afirma, em “Nota Preliminar”:

Como aqueles amigos, que nos lembraram a publicação deste livrinho, estamos convencidos de que irá ele prestar bons serviços à propaganda e luzes aos noviços que procurarem se orientar no Caminho da Vida. (SCHUTEL, 2019, p. 12).

Aparentemente paradoxal, o conteúdo está mais indicado ao público adulto por reunir os princípios fundamentais do Espiritismo, que pouco dizem ao público infante juvenil. Um livro infantil pressupõe que a linguagem seja claramente escrita para crianças reconhecidas como crianças (HUNT, 2010). De modo geral, em relação à linguagem, observamos uma escrita pomposa, persuasiva e emotiva nas ditas mensagens mediúnicas, nas palestras e nos livros espíritas, fórmula ainda presente como abaixo identificado:

Uma das características da literatura espírita (sobretudo se é do gênero biografia) é o emprego frequente de um tom não apenas edificante, esperado em qualquer literatura de divulgação religiosa, mas também e sobretudo emotivo, exageradamente sentimental e melífluo; não se entende bem porquê, além da dedução óbvia de que essa escrita diz muito tanto daqueles que a produzem quanto daqueles que a consomem. E isso até os dias de hoje. Outra característica corrente nos escritos espíritas, e isso também até os dias de hoje, é o uso de uma linguagem excessiva empolada, afetada, carregada de adjetivos os mais inusitados, conformando um linguajar dominado por uma cultura que se pretende sofisticada, mas é apenas bacharelesca, tamanha é a necessidade de demonstrar no modo de escrever um *status* adquirido de escolaridade superior à da maioria dos brasileiros; quem sabe, tamanha a necessidade de apresentar algo intelectualmente elevado, que se possa reconhecer como digno de respeito e consideração. (ARRIBAS, 2010, p. 205).

Nessa mesma linha, um dos primeiros livros infantis, publicado em 1946, psicografado⁸⁰ por Francisco Cândido Xavier, “O Caminho oculto”, narra a história de um menino em sua trajetória atribulada para captar as lições na direção do bem, do amor e da caridade. Também no mesmo ano, e com a mesma parceria, é lançado “Os filhos do grande rei” cujos contos enfocam a prática do culto no “Evangelho no Lar”⁸¹. Ainda no mesmo ano, porém pelo Espírito Néio Lúcio⁸², o médium mineiro psicografa o livro “Mensagem do pequeno morto” cuja narrativa descreve as impressões de uma criança desencarnada ao irmão encarnado desde o retorno ao

⁸⁰ De autoria do Espírito Veneranda, personagem do livro “Nosso Lar” (ditado pelo Espírito André Luiz) – também psicografado pelo mesmo médium.

⁸¹ Reunião semanal com os familiares no lar, ou individualmente, em horário e dia programados regularmente, de estudo do “Evangelho segundo o Espiritismo”.

⁸² Personagem no livro “Cinquenta anos depois”, segundo o médium Francisco Xavier.

plano extra físico e os familiares encontrados após a vivência terrena, além de outras experiências.

Observamos nessas obras, até aqui citadas, uma linguagem distante do vocabulário comum infanto-juvenil, e, principalmente, sem ilustrações, elemento gráfico indispensável, adquirido ao longo dos anos, afinal elas aguçam a curiosidade e os sentidos sendo, por este motivo, importante que esteja presente no universo lúdico infantil. No entanto, em 1952 é lançado o livro “Pai Nosso”, da lavra de Chico Xavier e o Espírito Meimei, contendo poemas, contos e lendas que explicam didaticamente os conceitos da oração dominical sob a perspectiva do Espiritismo; em sua segunda edição (1968) traz apenas oito gravuras, em branco e preto; já na quinta edição (1974) contemplam-se desenhos coloridos em todas as páginas.

Passado mais de um século, o número de editoras espíritas avolumou-se ao encontrar um terreno propício à divulgação dos valores morais às crianças, adolescentes e jovens. Pululam livros, em sua maior parte escritos por autores do próprio meio espírita, raros são os mediúnicos. Vemos que a relação adepto-leitura se retroalimenta, o que facilita a divulgação dos postulados espíritas e o seu acesso por um público heterogêneo, adepto ou não. Dessa maneira a literatura inaugura uma dinâmica própria sendo difusora e intérprete das tradições e práticas devocionais, dos “fluxos e refluxos” das mudanças e permanências nas obras que tematizam as questões religiosas (PIMENTEL, 2019, p. 02). Nessa nova roupagem, elencamos três publicações para exemplificar a mudança na linguagem, agora mais simples e objetiva, tanto quanto nas ilustrações, coloridas e atrativas. “O castelo de açúcar”, do médium Robson Dias, apresenta o contraste entre o egoísmo e o altruísmo, em torno das aventuras da formiga protagonista ressaltando o valor do perdão e da solidariedade, em páginas fartamente ilustradas e de fácil leitura. Ainda citamos “O cão salva-vidas”⁸³, de Cecília Rocha e Clara Araújo cuja temática versa sobre a relação de amizade entre os animais e os seres humanos. Todos os seis livros citados acima foram lançados pela editora FEB. Já em 1997 a FEESP lança “O pernilongo que não fazia... fium”, de Rosana Fernandes Rios, abordando sobre a diversidade, inclusão e respeito às diferenças com um texto curto e atraentes imagens.

⁸³ Este título faz parte da coleção “Lições de vida”, composta pelos seguintes exemplares: “O coelhinho mexe-mexe”, “Surpresa no campo”, “O gato lindinho”, “Bom Louro”, “A sementinha amarela”, “A gotinha de orvalho”, “A praia do tatuí”, “O mensageiro das boas notícias” e “Antevésperas de natal”.

Ressaltamos que no “Caminheiros do Amor”, raras são as histórias contadas de livros, contudo citaremos, como exemplo, três que foram utilizadas nas aulas de evangelização, aos pequenos de quatro a seis anos e onze meses, como compatíveis aos objetivos gerais (mencionados anteriormente):

- (I) “A margarida friorenta”, de Fernanda Lopes de Almeida (ed. Ática) que trata sobre bondade, zelo com os seres vivos e amor ao próximo, nem que seja a uma flor. É trabalhada no tema “É bom ser bom”;
- (II) “Macaquinho” de Ronaldo Simões Coelho (ed. Lê) que aborda sobre a convivência familiar, especificamente o afeto entre pai e filho; trabalhado no aspecto do “amor à família”.
- (III) “Luas e luas”, de James Thurber (ed. Ática) que mostra os pontos de vista diferentes para coisas idênticas, além do amor paternal que faz todo o possível para ver a filha adoentada recuperar a saúde.

Vale enfatizarmos que o contar histórias, na fase infantil, é um recurso que faz as crianças gravarem os ensinamentos morais implícitos muito mais pela ação das personagens do que, propriamente, pela verbalística. É que ao ouvir histórias, elas tendem a se identificar com uma personagem e suas experiências, embora fictícias, das quais podem extrair algum ensinamento. Paulo Augusto de Souza Nogueira, professor e pesquisador, analisando a questão da narrativa em sua capacidade de remodelar a realidade, alega que as mesmas são direcionadas para um propósito, a construção de nossas identidades como indivíduos, pois “as narrativas fazem parte dessa tendência humana de dar sentido ao mundo” (NOGUEIRA, 2013, p. 447). Para os evangelizadores do Grupo a literatura infanto-juvenil tem influência positiva na formação do caráter da criança e adolescente. Por isso a prioridade em transmitir os valores universais, como o respeito, a liberdade, a cooperação, o amor, a paz e a justiça. E para essa idade, a melhor forma de transmissão desses valores se dá pelas histórias, reais ou não, as quais constantemente reforçam o núcleo social do qual se faz parte. “Narrativas são relacionadas com a construção de nossas identidades como indivíduos e com as memórias elaboradas das comunidades às quais pertencemos”. (NOGUEIRA, 2013, p. 447). E o resultado desse trabalho se manifestará na troca de comentários entre elas, na abertura das impressões desse público que, ao ouvir e refletir o que foi apresentado posiciona-se, manifesta-se e aprende a observar, a questionar, a criar o senso-crítico, a desenvolver o raciocínio, e a educar as emoções.

Adicionando mais um argumento a favor do recurso de se contar histórias, em sua eficiência e efeito, destacamos a singular particularidade do *Homo narrans*⁸⁴ descrita pelo jornalista Jeremy Hsu, também formado em História e Sociologia da Ciência na Universidade da Pensilvânia. Em seu trabalho, Hsu identifica a notável facilidade com que as nossas mentes assimilam conhecimentos quando estamos no que ele denomina “modo-história”, e essa prática, como vimos, é largamente utilizada no GECAM em suas aulas de evangelização espírita, especialmente aos pequenos. Ilustramos esse aspecto da mente com a citação do próprio jornalista:

Porque nosso cérebro parece ser pré-fabricado para ouvir histórias? E como efeitos emocionais e cognitivos de uma narrativa influenciam nossas crenças e decisões no mundo real? [...]

[...] O narrar histórias é uma das poucas características humanas verdadeiramente universais, através das culturas [...] Pessoas em sociedades de todos os tipos tecem histórias, dos contadores de história de tribos “primitivas” até as narrativas presentes nas sociedades modernas. E quando um comportamento característico surge em tantas sociedades diferentes, os pesquisadores passam a dar mais atenção: suas raízes podem nos dizer alguma coisa sobre nosso passado evolutivo [...]

[...] O poder das histórias não para em sua habilidade para revelar o funcionamento de nossas mentes. Narrativas também são uma poderosa ferramenta de persuasão [...] e têm a habilidade de dar forma a crenças e modificar mentes. [...] Estudos como esses sugerem que as pessoas aceitam ideias mais prontamente quando suas mentes estão em um “modo-história”, por assim dizer, ao contrário do que ocorre quando elas pensam em uma perspectiva mental analítica. (HSU apud CRUZ, 2015, p. 320).

Em contrapartida, embora haja uma farta literatura espírita infanto-juvenil, inclusive uma coleção⁸⁵ em parceria com o cartunista e escritor Maurício de Souza, muito poucas obras são utilizadas nas aulas de evangelização no “Caminheiros”. Nas turmas do Jardim I ao Intermediário, basicamente, são transmitidos os ensinamentos de Jesus através de histórias elaboradas pelos próprios evangelizadores, como as parábolas por ele contadas e interpretadas segundo os princípios espíritas, isto é, o estudo do Espiritismo através do entendimento do ser

⁸⁴ Humano contador de histórias.

⁸⁵ Autoria conjunta de Luis Hu Rivas e Ala Mitchell: “Meu pequeno evangelho”; “Magali em outras vidas”; “Chico Xavier e seus ensinamentos”; “Outro lar”; “Allan Kardec – princípios e valores”; “Jesus no meu lar”; “Chico Bento além da vida”; “Violetas na janela com a turma da Mônica jovem”.

imortal; de Deus como Criador; as Leis Naturais que regem o Universo, as Leis Morais; a evolução contínua e progressiva no aspecto intelectual e moral; as consequências éticas do livre-arbítrio; a comunicação mediúnica entre os seres encarnados e desencarnados, dentre outros.

Como procedimento para compreensão dos aspectos evangelizadores no GECAM em relação ao ponto de vista do corpo educativo literário, podemos observar que na dinâmica interna as delineações da linguagem têm finalidades definidas. O cuidado em criar histórias a partir dos postulados espíritas, denota a preocupação com a colocação da mensagem passada e o resultado a ser alcançado:

As experiências religiosas na sua multiplicidade e diversidade encontram na linguagem não apenas formas de representação e de comunicação, mas um suporte para as suas realizações. Recorrem as mais diversas formas como a oral, visual, escrita e digital etc. (BRITO, 2013, p. 439).

Para os evangelizadores do “Caminheiros do Amor” a literatura infantil reveste-se de três finalidades: recrear, educar e informar. Tem-se o cuidado em selecionar histórias evitando-se o moralismo e a puerilidade. Recordemos que os componentes do GECAM integravam a Área de Infância, Juventude e Mocidade da FEESP, e mantiveram em sua nova Casa o mesmo entendimento em relação à função da literatura infantil na evangelização:

É evidente que, como evangelizadores, o nosso objetivo, ao utilizar a Literatura Infantil, é principalmente educar. Entretanto, conseguiremos esse alvo se a criança “viver” a experiência da estória e isto só será alcançado se a estória recrear. (FEESP, 1988, s.p).

Uma das finalidades formativas do Grupo ao oferecer uma história é o de despertar e cultivar sentimentos elevados, tais como a coragem, a justiça e compaixão, o respeito e a gratidão. As manifestações de coragem aparecem muito frequentemente na literatura, contudo na formação deste sentimento a força física não sobrepuja a força moral. Reforçam-se os sentimentos de justiça e compaixão em histórias reais mostrando a recompensa para o bem e a sanção para o mal, banindo vinganças e predispondo o ser ao perdão e à compaixão. Igualmente o

respeito e gratidão são sentimentos trabalhados na formação do caráter do(a) evangelizando(a) de uma maneira sadia e equilibrada.

Além disso, para os(as) evangelizadores(as) do “Caminheiros” a história elaborada deve conter os princípios morais cristãos, numa linguagem simples, de forma implícita e velada; algumas surpresas e imprevistos; um bom clímax e uma conclusão. E tudo isto porque o GECAM tem como principal recurso da evangelização infantil a utilização de histórias, porque estas têm impacto, penetram, gravam na mente e seus ensinamentos permanecem, dada a identificação da criança com uma personagem. Isto abre a possibilidade do processo evangelizador produzir os resultados esperados.

3.2. Pontos demarcadores na esfera da evangelização

Visando identificar o que basicamente define e particulariza o trabalho de evangelização espírita infanto-juvenil salientamos que este é o conteúdo doutrinário, ou seja, os princípios morais-cristãos segundo o entendimento do Espiritismo.

Se levarmos em conta a configuração em que o Espiritismo foi legado por Allan Kardec, perceberemos, primeiramente, que se trata de um sistema vasto, com variados conceitos, alguns mais simples e outros mais complexos, cuja assimilação requer um trabalho de modo sequencial e gradativo em níveis mais altos para que se absorva sua universalidade. De outra parte, o Espiritismo propõe que o ser humano é um Espírito que já viveu muitas existências, e que experimenta mais uma vez a ação do crescimento físico, o que faz com que manifeste determinados traços psicológicos em cada ciclo de seu desenvolvimento biológico, até que tenha condições de exteriorizar integralmente o que realmente é, o resultado atual de todo um caminhar evolutivo. Assim, na evangelização do “Caminheiros do Amor” procura-se considerar esses aspectos evolutivos, dispondo e divulgando os conceitos espíritas de acordo com a facticidade de cada um, para que exista eficácia no processo de aprendizagem. Essa eficiência sempre foi buscada pelos componentes (Anexo A) dessa Casa, que, como mencionamos no primeiro capítulo, se conhecem desde o tempo em que integravam a FEESP nos idos dos anos sessenta, como o atesta este registro:

O trabalho foi desenvolvido da seguinte forma: a diretora Alvina Gonçalves Dutra, com muito senso de organização e firmeza doutrinária, tinha fácil acesso ao médium Francisco Cândido Xavier por meio de quem recebeu as primeiras orientações sobre como planejar o trabalho de evangelização.

Preparado o desenvolvimento do trabalho, passo a passo, remetia a Pedro Leopoldo para a apreciação e a orientação vinha de Meimei. (...)

À medida que o tempo passava e os Jovens avançavam em faixa etária e desenvolvimento, Alvina fez um planejamento para a Juventude e remeteu para Chico Xavier, aguardando a orientação de Meimei, mas surpreendentemente a resposta veio do Dr. Bezerra de Menezes. (...)

Toda e qualquer alteração foi sempre estudada no grupo e quando necessário submetida ao Plano Espiritual sempre através de Chico. (GECAM, 2020c, s.p).

No que diz respeito a esse processo gradativo de transmissão dos conteúdos, a equipe de evangelizadores do GECAM abaliza-se pelas disposições contidas no Manual de Utilização do Conteúdo Programático (FEESP, 1983), documento orientativo do qual sintetizamos os principais pontos:

- (I) O conjunto de informações deve ter encadeamento, cada ideia sendo resultante das precedentes;
- (II) Manifestar um constante aprofundamento, começando sem exceção do que é sabido para o ignorado; ser apresentado conforme com as peculiaridades e as circunstâncias das turmas a que pertence, por isso é necessária a separação de grupos de evangelizando(as) em faixas etárias cujas características sejam as mais similares possíveis;
- (III) Atentar para não deixar 'brechas' na formação doutrinária do(a) evangelizando(a), transmitindo as informações essenciais da forma mais clara e integral possível;
- (IV) Cuidar pela qualidade dos conceitos selecionados para serem expostos, a fim de que os(as) evangelizando(as) recebam as ideias segundo os parâmetros espíritas. Isso inclui então, para os(as) evangelizadores(as), um cuidado com a bibliografia a ser utilizada como base, que deve estar sempre coerente com a Codificação de Kardec.

Quanto à consideração do aspecto evolutivo e à facticidade individual, podemos ilustrar trazendo, dentre todos os ciclos, a didática proposta à faixa etária de quatro a seis anos e onze meses, na qual a linguagem imagética, o brincar, a arte

e o *ritmo* - já citado antes, mas aqui complementando - podem ser úteis no entendimento das estratégias em relação à vivência da evangelização no “Caminheiros”:

O trabalho de Evangelização nesta faixa etária é desenvolvido principalmente através do uso de imagens, pois entende-se que esta é a linguagem mais adequada ao pensamento ainda em formação na criança.

Imagem, neste contexto, não é somente o que impressiona os nossos olhos, mas tudo aquilo que desperta, estimula e alimenta a imaginação. Pode ser uma história, uma música, uma dança, um desenho ou qualquer outro tipo de recurso artístico que fale ao mundo interno da criança. Que a faça sonhar.

A linguagem das imagens, tal como as parábolas de Jesus, falam direto ao sentimento, ao coração. Trabalham os conteúdos de forma intuitiva, do geral para o particular, e exigem do educador grande poder de síntese e concisão.

Dentre as imagens possíveis, serão escolhidas aquelas que sejam, ao mesmo tempo, verdadeiras e belas. (GECAM, 1999c, p. 12).

O texto sugere que a mensagem visual movimentava os sentidos das crianças produzindo atenção e concentração justamente por ser um recurso simples e universal que simboliza, de uma maneira mais atrativa, os eventos expostos do que a palavra escrita. Na sequência, foca nas ações que o(a) evangelizador(a) deve observar:

Os recursos artísticos serão sempre bem vindos e permearão a aula de forma tranquila e natural. O fazer artístico deve ser encarado como um fim em si mesmo não havendo necessidade de se exigir da criança, ao final da atividade, conclusões intelectuais a respeito do tema que está sendo abordado.

O trabalho se desenvolverá sempre num clima de alegria e estímulos positivos. O brincar espontâneo será, não somente respeitado, mas também estimulado como uma das mais importantes atividades internas da criança. Como o fazer artístico, o brincar é percebido por ela como um fim em si mesmo. Ligações abstratas entre este fazer e o tema da aula não produzem efeitos práticos e devem ser evitadas.

Importa, neste momento, a compreensão dos conteúdos de uma forma muito mais afetiva que racional.

Nesse sentido, (...) deve encadear as atividades de modo natural, evitando, sempre que possível, rupturas ou lacunas. Expressões do tipo: “agora vamos cantar” ou “agora vamos sentar na cadeira para ouvir uma história” produzem efeito negativo, pois despertam a criança do seu mundo imaginativo. (GECAM, 1999c, p. 12, 13).

Continuando a propositura, valoriza-se o brincar como um meio de articulação entre a fantasia e a reprodução da realidade, para revelar algo de seu mundo interior, de recriação de conhecimentos, emoções e regras sociais. Na prática da evangelização o brincar é levado a sério, uma vez que a criança imita uma vivência anteriormente experienciada, ao ponto de tomar consciência de si, do outro, socializando-se e tornando-se ativa. Desta forma, o(a) evangelizador(a):

(...) nesta fase, ocupa o centro de gravidade da classe. Suas ações são observadas, seus gestos são imitados. Se desejar despertar sentimentos em seus alunos, deverá sentir profundamente em seu coração os conteúdos. Se quiser estimular a vontade em seus evangelizados, deverá usar a sua própria vontade como estímulo. (...) deve ter sempre em mente que somente o igual atua sobre o igual. (GECAM, 1999c, p.13).

Neste ponto, apreendemos que o maior desafio do(a) evangelizador(a) é exemplificar aquilo que transmite haja vista não serem as palavras que sensibilizam ou convencem, mas em ser, na íntegra, a melhor versão de si. Para os componentes do Grupo, o primeiro compromisso de quem educa começa consigo mesmo no sentido de educar-se. Só educa sendo educado. Compromete-se num contínuo auto aprimoramento de coerência entre o que ensina e o que pratica.

Outra questão importante para a evangelização no “Caminheiros”, é o estabelecimento de um *ritmo*, associado à rotina, especialmente na faixa etária dos infantes, como extraído de seu Roteiro para o Trabalho de Evangelização, nível 2, Jardim:

Outro importante recurso didático é o ritmo, entendido como uma sequência cadenciada de atividades introspectivas e expansivas, com grande ênfase para as repetições de atividades, histórias, músicas, etc.

Entende-se que a criança nesta idade encontra-se ainda em processo de formação de seu corpo físico e, por esse motivo, ainda muito ligada aos

ritmos da Natureza. Esta identificação entre os ritmos internos e os ritmos naturais externos, propiciam à criança um desenvolvimento harmonioso da sua vontade. (GECAM, 1999c, p.13).

Saber do que vai se repetir propicia aos pequenos segurança e confiança, além de compreensão sobre tempo e espaço. Interiorizado o ritmo natural, a criança experiencia e conhece suas variações corporais, adquirindo assim saúde física e emocional, sentindo-se protegida em seu processo de desenvolvimento. Ainda sobre a linguagem é importante que o(a) evangelizador(a):

(...) perceba que, nesta faixa etária, a vivência dos conteúdos deve ser sempre anterior à sua compreensão racional.

Segundo Pestalozzi, “o conteúdo precede a linguagem, que é sempre filha da percepção (...) os sentimentos interiores devem aparecer antes da formulação de qualquer palavra grandiloquente que os traduza (...) o homem bem formado, só fala daquilo que sabe e só sabe aquilo que experimentou, observou, viu ou vivenciou (...) as palavras são como a fumaça: um sinal do fogo, mas não o próprio fogo. Quanto mais puro o fogo, menor a fumaça, quanto mais puro o ensinamento humano, menos palavras.” (INCONTRI, 1996).⁸⁶

De maneira geral, no que diz respeito ao aspecto orientativo deste documento, notamos como norteador a priorização na formação moral sobre a difusão de conhecimentos. Partindo dessa premissa, o trabalho de evangelização no “Caminheiros”, no que se refere aos primeiros anos da infância, faz com que o aprendizado se dê muito mais pela observação e imitação. Por esse motivo a personalidade em desenvolvimento ético resulta em grande parte dos exemplos recebidos. Em outras palavras, o ser humano não é apenas constituído de racionalidade, mas também de emoção e moralidade.

3.3. A materialização dos princípios espíritas pela ação evangelizadora

⁸⁶ Trata-se da primeira edição, 1997, excertos extraídos das páginas 108 a 112.

Em se tratando da elaboração das Unidades Temáticas do Conteúdo Programático, a maioria válida para todas as faixas etárias, são norteadores o que se segue:

- DEUS Fonte de todos os conhecimentos – Leis reveladas à Humanidade;
- PRECE Meio de comunicação com Deus;
- 1a., 2a. e 3a. REVELAÇÕES Informações reveladas progressivamente à Humanidade em épocas diferentes, de acordo com o seu progresso;
- IDEAIS ESPÍRITA-CRISTÃOS Consequências morais das ideias reveladas. (FEESP, 1983, s.p).

Em relação a este último, com base nesse roteiro, concebe-se o altruísmo-bondade; amor aos pais e irmãos – obediência aos pais; amor aos animais e plantas; ao trabalho e ao estudo; à verdade; boas maneiras; colaboração; gentileza e cortesia; fraternidade; gratidão; honestidade; humildade; disciplina; caridade; paciência; obediência; perdão; simplicidade, dentre outros.

Elencaremos alguns planos de aula elaborados pelos próprios evangelizadores para exemplificar os procedimentos adotados para transmitir os ensinamentos morais-cristãos. Não iremos detalhar todos os tópicos constituintes desses planos, já esmiuçados no capítulo anterior, mas somente o teor, como são transmitidos esses preceitos.

Conforme um dos Planejamentos do Jardim I, de seis meses a três anos e onze meses, batizado de “Sementinha de Luz”, o objetivo é a apresentação do nome da turma junto do acolhimento e a sensibilização do processo de crescimento desses pequeninos. No tópico “Desenvolvimento” a equipe compôs um texto cujo conteúdo é reprisado durante algumas semanas em sala no qual cada criancinha é apresentada como um presente que chega à sua família, pois todas são sementinhas de luz que cativam e modificam ao entorno com a sua presença conectando e emanando amor reciprocamente. Com as mães presentes, junto dos respectivos bebês, são mantidas conversas para exporem como foi a semana, sugerindo em momentos mais calmos, na rotina familiar, a repetição da vivência de modo a fortalecer os vínculos afetivos nos quais os(as) filhos(as), “sementinhas de luz a germinar sob os nossos cuidados” (GECAM, 2020b, p.01), se sintam amados(as) e estimados(as) exatamente como são.

Com base no exposto, numa rotina previsível de integração e socialização, inferimos que as criancinhas ambientam-se em um novo espaço, além do lar, e registram de maneira sensorial, emocional e lúdica o ambiente espiritual na proposta de evangelização da instituição, quando se inicia o despertar da consciência do ser. Aos poucos as crianças vão sendo familiarizadas com o universo espírita e seus postulados, apreendendo as ideias de interrelação entre planos, retorno à vida física e progresso moral, valores já esposados por suas famílias. A professora do departamento de psicologia da Bowling Green State University, de Ohio (EUA) Annette Mahoney concluiu, a partir de estudos realizados num inquérito multicultural, que a maioria das famílias reconhece que a religião constitui importante dimensão em suas vidas. Destaca, a professora, que a espiritualidade em si não precisa, necessariamente, envolver entidades ou experiências sobrenaturais organizadas, pois todos os seres humanos são inerentemente “espirituais” por natureza. Deduzimos de seus estudos que, inicialmente, portamos em nós um sentido de espiritualidade, e só posteriormente aderimos a esta ou aquela denominação religiosa por conta do processo cultural. Para ilustrar isso, ela recorre a Boyatzis (2012, p. 153):

"as crianças são seres espirituais primeiro e depois são aculturados (ou não) numa tradição religiosa que canaliza a espiritualidade intuitiva em expressões particulares (rituais, credos, etc.) que tenham passado pela tradição da fé". (MAHONEY, 2021 p. 05).⁸⁷

Prosseguindo, de acordo com um planejamento do Jardim II, de quatro a seis anos e onze meses, denominado “Raio de Sol”, cujo tema “cultivando bons hábitos” aborda o assunto “gentileza”, o objetivo formativo estipulado é o fortalecimento de hábitos e atitudes de boas maneiras, e o objetivo informativo é a noção de que ser educado(a) e gentil é receber em contrapartida o bom tratamento e, concomitantemente, se sentir bem com essa troca. No item “Desenvolvimento” conta-se a história, produzida pela equipe de evangelizadores, “O cãozinho que não gostava de ser gentil”, a qual versa sobre uma família de cães composta dos pais e de três filhotes sendo que o caçula recusava a ser afável com as pessoas. Não apreciava latir, receber afago na cabeça ou abanar o rabo em sinal de

⁸⁷ Esta citação e as demais da autora foram, por mim, traduzidas livremente do inglês.

contentamento. Mas quando passou por dificuldade e fome, devido a esse comportamento indiferente, reviu sua postura ao ser ajudado por uma humana, e a partir daí aprendeu os benefícios da gentileza recíproca.

Como vemos dessa narrativa, a história está ligada ao imaginário infantil e a mesma introduz as crianças no universo dos ideais morais-cristãos ensinando-os de forma lúdica, propiciando-lhes o início do autoconhecimento e a percepção da realidade, abrindo-lhes caminhos para que possam compreendê-la. Nessa leitura de mundo, através da contação de histórias, as crianças ficam concentradas de modo completo, e por possuírem uma sensibilidade muito a florada, vivenciam a narrativa integralmente, cujas ações das personagens desejam mais tarde reproduzir, e com isso aprendem a desenvolver as habilidades cognitivas, afetivas e os relacionamentos interpessoais. Em outras palavras, pelo “mundo da imaginação” presentes nos enredos que trazem lições de vida, assimilam os valores, adquirem comportamentos, desenvolvem variadas áreas de conhecimento, aprimoram as competências e socializam-se ao processar, internamente, todas as etapas desses aprendizados.

Em relação aos grupos Primário - de sete a nove anos e onze meses, chamado “Anália Franco” – e Intermediário, de dez a doze anos e onze meses, intitulado “Paulo de Tarso”, o planejamento evangelizador, a que tivemos acesso, da primeira turma percorreu sobre a vida de Hippolyte Léon Denizard Rivail, e o da segunda versou sobre a incumbência dele a partir da adoção do pseudônimo Allan Kardec.

Verifica-se com esses dados que a biografia de vultos históricos do universo espírita é um elemento importante a ser transmitido, em conformidade com os objetivos de formação doutrinária desse campo religioso, uma vez que “nesse elemento vivenciável está contido todo o valor da vida: é em torno da vida que gira todo o ruído da história, É aí que vêm à tona os fins (...)” (DILTNEY, 2010, p. 172). Portanto, na formação do caráter as ações altruístas, tidas como relevantes aos espíritas, influenciam sobremaneira os(as) evangelizados(as) servindo como lente para comporem em si os valores humanitários. A vida de um(a) protagonista do movimento espírita diferencia-se ao ponto de servir como parâmetro de conduta àqueles(as), reforçando, por exemplo, as práticas virtuosas, o desenvolvimento de talentos, o exercício da caridade e da abnegação, passando a ideia de que a existência terrena não é isolada, mas é formada pelas ações participativas de seres

em planos diferentes que se comunicam entre si, o material e o espiritual, sendo, portanto, interdependentes.

Consoante um dos planos da Juventude I, de treze a quinze anos e onze meses, nomeado “Bezerra de Menezes”, trabalha-se na “Parábola do bom samaritano” o objetivo formativo como o fortalecimento da vontade em fazer o bem, e o objetivo informativo como a reflexão sobre “quem é o próximo nos ensinamentos de Jesus, (todo aquele que está no nosso caminho)”. Em roda de conversa os jovens são instigados a pensar o porquê de Jesus falar por parábolas; a quem se referem os personagens contidos; a diferença entre a lei e a essência da lei e qual a aplicabilidade no cotidiano; como se identificam com os protagonistas e quais exemplos podem citar como práticas próprias.

Em outro planejamento desta mesma turma sobre a prece sugere-se como objetivo formativo a sensibilização dos benefícios resultantes da súplica, e como objetivo informativo que ao orar há uma identificação “com a maior fonte de poder de todo o Universo”, e que se obtém “o concurso dos bons Espíritos que acorrem a sustentar-nos em suas boas resoluções e a inspirar-nos ideias sãs.” No quesito “Desenvolvimento” promove-se uma discussão com variadas questões, das quais podemos citar: “Quem faz prece? É necessário pensar para orarmos? Como se transmite a prece? A quem se dirigir? Por quem se deve orar? Conhecendo Deus as nossas necessidades, para que orar?” De “Fixação” explana-se sobre a única prece ensinada por Jesus, o “Pai nosso demonstrando as três formas de orar: louvar, agradecer e rogar”.

Podemos dizer que, no primeiro plano evangelizador, ressalta-se a análise de uma das parábolas, contextualizando-a em seu sentido de universalidade e atualidade quanto aos ensinamentos contidos. Conceitos espíritas são transmitidos para que o(a) adolescente entenda-se como um ser espiritual, portador de uma bagagem acumulada em seu percurso evolutivo. Com isto, segundo a expectativa dos evangelizadores, devem esses aprendizes conscientizar-se de que ao receberem novas impressões positivas, efetuem uma revisão de seus valores individuais, e assim assumam uma postura mais assertiva, otimista mesmo, frente aos semelhantes, sendo participativos, críticos e agentes de transformação nos ambientes onde se relacionem.

No segundo planejamento, verificamos que a abordagem em relação à prece a torna prática significativa no Espiritismo. Para os espíritas, a prece traz benefícios

a quem crê, sendo dispensáveis quaisquer rituais, fórmulas, imagens, termos, locais ou posições específicas. “(...) ‘crer’ pode ser utilizada com o mesmo significado de ‘pensar’, ‘achar’ ou ‘opinar’” (PICH, 2013, p. 149). Notamos que, para os espíritas, o ato da prece e o “crer” revestem-se de significado diverso de outros credos, uma vez que aqui, o adepto é convidado a aprofundar-se no sentido da prece pelo estudo, e a ponderar sobre a sua importância e influência dela em seu cotidiano. Isso o leva a um entendimento da sua relação com o divino mais como sentimento de religiosidade do que como simples prática ritualística.

Por fim, segundo um dos planos evangelizadores da Juventude II, de dezesseis anos em diante, cognominado “Emmanuel”⁸⁸, ao tratar sobre o livre-arbítrio, tem-se como objetivo formativo a conscientização “da responsabilidade e das escolhas no uso do livre-arbítrio” e como objetivo informativo “a reflexão de como o livre-arbítrio de cada um relaciona-se com o do grupo social”. Reproduzimos os demais itens para melhor entendimento:

INCENTIVAÇÃO INICIAL: Apresentar as seguintes palavras e perguntar qual o significado de cada uma delas: EMPURRAR – PUXAR – ACOLHER – CARREGAR.

Qual desses movimentos vocês mais fazem em suas vidas para as pessoas que estão à sua volta? Como se sentem fazendo isso?

OUVI-LOS.

Qual dessas ações vocês recebem mais? Como se sentem recebendo?

OUVI-LOS.

DESENVOLVIMENTO: Apresentar a Parábola do joio e do trigo. Dividir a turma em dois grupos que deverão conversar sobre a parábola.

Jesus lhes contou outra parábola, dizendo: "O Reino dos céus é como um homem que semeou boa semente em seu campo. Mas enquanto todos dormiam, veio o seu inimigo e semeou o joio no meio do trigo e se foi. Quando o trigo brotou e formou espigas, o joio também apareceu. Os servos do dono do campo dirigiram-se a ele e disseram: 'O senhor não semeou boa semente em seu campo? Então, de onde veio o joio?' 'Um inimigo fez isso', respondeu ele. Os servos lhe perguntaram: 'O senhor quer que o tiremos?' Ele respondeu: 'Não, porque, ao tirar o joio, vocês poderiam arrancar com ele o trigo. Deixem que cresçam juntos até a colheita. Então direi aos encarregados da colheita: Juntem primeiro o joio e amarrem-no em

⁸⁸ Segundo o médium Francisco Cândido Xavier era o seu guia espiritual e autor de boa parte dos livros psicografados.

feixes para ser queimado; depois juntem o trigo e guardem-no no meu celeiro". - Mateus 13:24-30

OUVI-LOS.

Questionamentos:

Vamos falar sobre livre arbítrio? O que vocês entendem por isso?

Se analisarmos a parábola à luz do livre arbítrio, que conclusões podemos tirar?

Não estamos sozinhos no mundo. Assim nossas vidas e, portanto, nossas ações, estão interrelacionadas com as de todos à nossa volta, naquilo que sempre falamos: INTERDEPENDÊNCIA.

Apesar do homem da parábola só haver semeado a boa semente, isso não evitou que outro viesse ao seu terreno e ali semeasse algo ruim.

É curioso também que, apesar do homem da parábola só haver semeado a boa semente, ele tinha inimigos.

Assim na nossa vida. Podemos tomar todos os cuidados para nos mantermos íntegros com relação às Leis de Deus, mas algo pode nos atingir, assim como a semente do joio na parábola.

O homem foi paciente, permitindo que o jogo crescesse no seu campo, mas já sabia como resolver esse problema. Ele não se entregou à lástima, ao desespero de uma possível perda de colheita. Ele sabia que haveria a hora certa de fazer a colheita, momento em que lhe seria possível não só separar o joio do trigo como também queimar o joio e guardar o trigo em seu celeiro. Coisas difíceis podem acontecer e pessoas difíceis também, não é mesmo? Nessa relação de interdependência, aqueles quatro verbos estão sempre presentes.

Empurramos e somos empurrados.

Puxamos e somos puxados.

Acolhemos e somos acolhidos.

Carregamos e somos carregados.

Nosso livre arbítrio convive com o livre arbítrio de todos os que nos cercam, convive com o livre arbítrio de toda a humanidade, encarnada ou desencarnada.

Sendo assim, o que nos cabe fazer quando o joio chega na nossa plantação de trigo?

Como vocês fazem para se manterem relativamente sãos espiritualmente e emocionalmente, pacientes como o homem da parábola? Isso está sendo possível? Sim? Não? Como? (GECAM, 2020a, pp. 3-4).

A partir do exposto acima, podemos dizer que os evangelizadores não só tomam o cuidado em respeitar o momento de transição desses jovens, como

procuram conduzi-los para o bom caminho, relacionando itens referentes ao processo juvenil de maturação psicológica com a formação de valores. Além disso, estimulam a capacidade cognitiva de abstração e a reflexão que os direcionem a agir guiados por regras internas, isto é, com autonomia.

3.4. Evangelização e Catequese: divergências e similaridades

Para os propósitos de nossa discussão, em termos de movimento religioso, a catequese no Catolicismo e a evangelização no Espiritismo, são práticas que, em certo grau, estão eivadas da influência de seus campos sociais. Em outras palavras, são atividades “sempre impuras, ou seja, contêm misturas de elementos diversos” (PASSOS, 2007, p. 52). Pretendem ambas divulgar o evangelho de Jesus, sendo que cada uma delas possui cosmovisões religiosas que sustentam seus princípios de fé. “O crente geralmente admite que sua própria religião é única e suficiente”. (PADEN, 2001, p. 136). Via de regra, a catequese vincula-se “à vivência comunitária da fé (...) numa intencionalidade proselitista, ainda que disfarçada” (PASSOS, 2007, p. 57) e a evangelização espírita se pretende ao estudo e ao viver do evangelho no cotidiano, ou seja, há um esforço em aprofundar-se na interpretação espiritista, entendendo-a do ponto de vista racional e não tão somente fideísta, para que os adeptos possam refletir nas atitudes da vida diária. Em geral, ambas têm como escopo a prática dos postulados das leis morais, como regras de conduta. O professor e pesquisador Sérgio Rogério Azevedo Junqueira ressalta que o aspecto prevaemente nas religiões é a comunhão em espírito de irmandade. Em sua linha de raciocínio, ele apresenta:

A intenção [...] não é o ensino de uma religião e nem da catequese, mas sim uma evangelização ampla e rica de valores existenciais, da pessoa humana, que, por sua vez, é sujeito e agente inserida em uma comunidade de fé e dela participa. Portanto, deve ser respeitada em sua consciência e em sua liberdade. Desse modo, o objeto a ser trabalhado é a religiosidade desse ser humano, compreendida como a atitude dinâmica da abertura ao sentido radical da existência humana. Não seria mais uma atitude, mas a mais profunda de todas, equivalendo-se à totalidade humana. A religião seria a maneira concreta de o homem viver sua religiosidade, o que

normalmente aconteceria em uma comunidade, com todas as contingências históricas (mudanças, expressões culturais). (JUNQUEIRA, 2013, p. 610).

A evangelização, em qualquer de seus sentidos, pode ser entendida como uma semeadura no coração humano. E a evangelização espírita, conforme a introdução que abre esta pesquisa, é essa fertilização que não se perde, e busca guiar o ser ao longo da existência com o arrimo consciencial que lhe dá forças diante dos embates contingenciais.

Ambos, catecismo e evangelização, partem do horizonte educativo como um valor esteado por uma visão transcendente do sujeito, mas naturalmente portam em si, de alguma forma, ainda que não intencional, um mínimo de sectarismo, mesmo porque “a neutralidade sempre esconde algum grau de preferência e de viés” (CRUZ, 2018, p. 75). As instituições preservam e traduzem os conteúdos em novas abordagens enquanto as famílias, comumente, herdaram e reproduzem as tradições religiosas defendendo e reafirmando essas escolhas quando orientam os seus filhos. “Narrativas são relacionadas com a construção de nossas identidades como indivíduos e com as memórias elaboradas das comunidades às quais pertencemos.” (NOGUEIRA, 2013, p. 447) Nesse sentido, criam-se elos, implícitos ou explícitos entre ambos os campos, contudo:

É preciso “por entre parênteses” os próprios conceitos de como o mundo deve ser organizado, a fim de ouvir como os outros o configuram, e temporariamente pôr de lado o que o mundo significa para si mesmo, para ter acesso ao que o mundo significa para os outros. (PADEN, 2001, p. 133).

Por exemplo, em relação aos preceitos, as perspectivas diferem-se consideravelmente. Entendemos que, no Catolicismo, existem alguns tópicos relacionados com a fé que listamos da seguinte forma:

- (I) A Bíblia foi escrita por inspiração divina;
- (II) A crença em mistérios, e milagres operados por Deus;
- (III) Na existência de anjos (num ato único) e demônios (eternos);
- (IV) Maria é a mãe de Deus;
- (V) Basta se arrepender dos pecados para ser perdoado, entre outros.

Segundo Paden (2001, p. 128), a religião não é apenas uma amostra de um grupo social, mas uma produtora de sociedades. Seus vocabulários, símbolos,

hábitos e costumes remodelam o mundo em seus próprios paradigmas. É matriz produtora de formulações de “história, tempo, espaço, cosmologia, natureza e natureza humana”. Ela também delinea mundos e lhes dá um perfil. Não somente pleiteia uma cosmovisão como a introduz e a movimenta.

A linguagem religiosa não se apresenta como fantasia ou imaginação, mas como uma descrição daquilo em que o mundo está fundamentado. Ela estabelece os padrões de comportamento e institucionaliza o poder de fundamentar suas alegações e torna-las plausíveis e viáveis. (PADEN, 2001, p. 128)

Constatamos que a linguagem religiosa possui uma inclinação interativa e invocativa, elucidativa e ilustrativa, pois liga os seres a certas regras morais, apresentando histórias, ensinamentos e exemplos sobre a finalidade da existência, além de fornecer instruções para uma conduta apropriada. “A linguagem religiosa não é só uma explicação do mundo – a ciência também faz isso -, mas um modo, para os seus adeptos, de *habitar* o mundo” (PADEN, 2001, p. 129). Em outras palavras, para este autor, os indivíduos religiosos enxergam o mundo através das “lentes de vocabulários míticos ou escriturísticos” que reinventam e transformam o mundo manifesto, além de comandarem suas escolhas em concordância com os padrões e as regras determinadas por essas tradições.

Em contrapartida, aqueles mesmos tópicos relativos à fé são reapreciados no Espiritismo, resultando em entendimento diverso, cujos pontos elencamos deste modo:

- (I) Por ter sido escrita por pessoas em diversos períodos e contextos histórico-culturais, a Bíblia apresenta contradições textuais;
- (II) Deus não derroga suas leis para fazer milagres, pois as mesmas são eternas e imutáveis. Assim os ditos milagres são naturais, apenas desconhecendo o Homem suas causas dentro das leis;
- (III) A simbologia de que anjos e demônios nada mais são do que seres mais evoluídos, no caso dos primeiros e, entes ignorantes das leis de Deus, no caso dos segundos;
- (IV) Maria é a mãe de Jesus;

(V) O arrependimento é o primeiro passo no resgate da consciência do ser, porém é preciso a reparação dos atos equivocados, em algumas existências se necessário, para que a individualidade avance na senda do aperfeiçoamento moral.

Identificamos que a linguagem de cada campo religioso é, geralmente, bastante particular, e para os não adeptos pode parecer errônea, excêntrica ou incompreensível. A diversidade de linguagens leva à diversidade de entendimentos que, se mal interpretada, pode dificultar a compreensão do sistema religioso do outro. “Passagens de fronteira são sempre visadas apenas desde um dos dois lados” (DIERKEN, 2009, p. 136). Isto significa que cada campo tem visões diferentes da realidade em si, possui termos e procedimentos próprios que podem parecer excepcionais para os seguidores, porém, considerados em uma paisagem universal, comungam aplicabilidades equivalentes com suas contrapartidas em outros universos religiosos, entendidas desta maneira:

Existe um dualismo de fundo na linguagem decorrente do fato de que por detrás das palavras há significados, que por debaixo das frases há estruturas lexicais e sintáticas, de que, portanto, nosso conhecimento do mundo repousa sobre um sistema críptico que só pode ser entendido se compreendermos sua lógica. (NOGUEIRA, 2013, p. 447).

Contudo, a discordância, como a confluência, ocorre em todos os graus dos campos (religiosos):

Existem diferentes tipos de sistemas religiosos em geral, diferentes tipos de conteúdos nos ensinamentos religiosos, diferentes tipos de “pureza” religiosa. Em certo e importante sentido, todo sistema religioso (como toda pessoa) é uma configuração única de elementos culturais e históricos e, como um todo, é diferente dos demais sistemas. Não só os universos religiosos não são iguais, como a cada momento na vida de um indivíduo religioso, ou de uma comunidade, o contexto religioso é diferente de qualquer outro momento assim. Similarmente, a mesma imagem ou ato, como “céus” ou sepultamento, pode ter um valor ou significado diferente, de acordo com seu papel em diferentes culturas. (PADEN, 2001, p. 142).

Notamos que todo campo religioso se renova, de tempos em tempos, por introdução de novos significados e valores nas estruturas, delimitando fronteiras de condutas ético-morais, e adversas. “O comportamento religioso é sempre o comportamento de pessoas específicas em tempos específicos, dentro do contexto de mundos específicos” (PADEN, 2001, p. 151). Dito de outro modo, o comportamento religioso não acontece isolado da cultura e nem pode permanecer sem os seres humanos, uma vez que se reconhece a carga de interculturalidade que transporta:

Aquilo em que o cristão acredita hoje sobre Deus, vida após a morte e o universo, não é aquilo em que ele acreditava há um milênio – tampouco é igual a maneira como ele responde à ignorância, dor e injustiça hoje e naquele tempo. (ASAD, 2010, p. 273).

Observamos que quando o crente varia de concepção religiosa, modifica a si próprio, e, conseqüentemente, alterando seu senso comum, reajusta a sua rota existencial. Todo sistema de crenças religiosas procura ser entendido a partir do seu próprio prisma, ou seja, como ele é assimilado pelo grupo de seus adeptos:

É interessante ressaltar que a religiosidade e a fé explícita não se identificam, não se excluem, mas sucedem-se gradualmente como etapas. Pertencem a um só e mesmo processo, favorecendo a abertura à razão última de sua existência, explícita ou implicitamente deste ser humano ao Transcendente; poderá fazê-lo não só em um momento inicial, mas ao longo de todo o processo de seu amadurecimento explícito ou implicitamente cristão. (JUNQUEIRA, 2013, p. 610).

Há outras oposições entre as visões no âmbito religioso do Catolicismo e do Espiritismo, além das cinco apontadas anteriormente, porém só elencamos como amostragem esses contrastes semânticos e conceituais, de campos religiosos distintos, para não escaparmos ao objeto deste estudo. “As crenças religiosas são antes de mais nada expressões da visão de mundo de alguém, e não proposições a discutir em termos de sua verdade independente” (PADEN, 2001, p. 133). Cada uma dessas concepções traz em si sentidos de existência, sendo cada qual única e inigualável, em sua própria história. “Cada universo religioso é diferente, e no entanto tem coisas em comum com os outros.” (PADEN, 2001, p. 135). Mesmo que

uma tenha surgido como base da que a precedeu, isto é, que tenha se originado do desaparecimento ou não da anterior, por ela foi influenciada, e traz em si elementos que expressam continuidades. Aquele mesmo entendimento da vida pode retornar na religião sucessora, porém não permanece como era, pois ressurgue ressignificado com novas ideias, revitalizadas pelas experiências posteriores e atuais daqueles que as constituem. Joachim Ernst Adolphe Felix Wach (1898-1955), professor alemão de literatura bíblica e estudioso da religião, pesquisador de campos religiosos e suas particularidades, escreve em relação a estes:

O princípio que lhe deu origem, e de onde eles se tornam vivos, sustenta-os desde que possuem uma “força criativa”. Quando essa força se extingue, as formas morrem. Elas podem ser reivindicadas por outros grupos, mas significarão algo diferente. Elas ocuparão um lugar dentro de outro contexto total, em um relacionamento diferente com o princípio organizador da nova religião. Talvez esse novo conteúdo as mude e lhes dê vida nova, e então elas se tornam algo diferente do que eram. Ou elas podem permanecer como traços vestigiais em um novo corpo e serem reconhecidas como tal.

(...)

É um erro começar a história de uma religião com sua aparição no mundo, com a chegada de um fundador ou profeta. Uma religião começa a existir antes. Toda religião tem sua pré-história. Onde a pré-história parece faltar, ela simplesmente não é conhecida, ainda não foi procurada o suficiente. Logo, toda religião é um sincretismo, mas chega um momento em que se torna algo mais do que um conjunto de elementos já existentes, em uma formação que segue suas próprias leis. (WACH, 2018, p. 240).

Wach reafirma a percepção que temos até aqui apresentado de que os campos religiosos, os sistemas, não são estáticos, fixos, reafirmando o conceito de campo bordieuno, por nós adotado como norteador deste estudo. Assim como as pessoas, as ideias mudam, as estruturas são ressignificadas de acordo com a época, o ambiente histórico e sócio-cultural. Ou seja, no dizer do filósofo prussiano Immanuel Kant (1724-1804): “As crenças apenas contêm o veículo da religião, que é acidental e pode variar segundo os tempos e os lugares” (KANT apud ASAD, 2010, p. 271). Havendo um avanço no entendimento humano do universo, da vida, de si mesmo, naturalmente ocorre a reconfiguração do sentido de religiosidade. Conseqüentemente o campo religioso acompanha o passo, revisando velhos conceitos, dogmas e paradigmas, sinalizando um novo rumo para a sociedade.

No presente estudo, especificamente no que se refere aos livros espíritas destinados à evangelização infanto-juvenil, nos primórdios, podemos identificar, um hibridismo nascido com o uso do termo catecismo, originado no Catolicismo e levado ao Espiritismo.

Cabe ressaltarmos que no início do século passado, pelos títulos dos primeiros livros espíritas disponíveis para a evangelização, mencionados anteriormente, revelam um sincretismo religioso conforme se observa na ideia que vigorava no entendimento dos espíritas, como “Catecismo espírita” (ed. FEB), de Léon Denis e “Manual prático do professor de catecismo espírita” (ed. LAKE), de Eliseu Rigonatti (1913-1988). O primeiro, por meio de perguntas e respostas, apresentava uma visão condensada do Espiritismo, ou seja, um resumo de forma metódica, em sua essência para melhor compreensão dos que não o conheciam. O segundo, em sua descrição, “se destina expressamente ao uso dos alunos dos cursos de catecismo mantidos pelos centros espíritas”. Isto vai ao encontro do que diz a antropóloga Sandra Jacqueline Stoll (2002) “o Espiritismo definiu sua identidade elegendo como sinais diacríticos elementos do universo católico”. Também nessa linha Lewgoy afirma: “Os espíritas pensam-se simultaneamente como ruptura e renovação do cristianismo, quando situam a codificação de Kardec como ‘Terceira Revelação’”. (LEWGOY, 2011, p. 94). Como se vê, o movimento espírita brasileiro, em seus primórdios em solo brasileiro, lançou mão de expressões pertencentes ao Catolicismo para poder se legitimar e validar o argumento de que se apresentava como renovação do Cristianismo.

Destacamos aqui um excerto do capítulo sexto do livro do escritor Eliseu Rigonatti, intitulado “Como ensinar o Evangelho” visando mostrar essa repaginada da aula de catecismo para a evangelização espírita:

O primeiro cuidado do professor ao preparar a lição sobre o Evangelho é selecionar os trechos que facilmente possam ser compreendidos e assimilados pelos alunos. Depois deve demonstrar aos alunos que as lições do Evangelho podem e devem ser aplicadas todos os dias e todas as horas. Em suma, deve fazer de acordo com o Evangelho. Os alunos aprenderão que as lições evangélicas precisam de ser vividas, isto é, praticadas, e não apenas lidas e discutidas. Para isso ilustrará suas lições com exemplos práticos, retirados da vida diária e do conhecimento dos alunos. (RIGONATTI, 1950, p. 40).

Na mesma obra, no capítulo sétimo intitulado “Como ensinar o Espiritismo”, nos deparamos com a estruturação dos conteúdos conceituais espíritas necessários para a formação dos(as) evangelizando(as):

(...) As lições de Espiritismo precisam ser preparadas de modo tal que se tornem um complemento das lições do Evangelho.

Por sua vez, as lições do Evangelho devem ser explicadas de conformidade com os ensinamentos espíritas. E sempre que possível, as lições de Espiritismo devem ser ilustradas com exemplos tirados do Evangelho.

(...)

Como ponto de referência para o preparo das lições julgamos de muita importância os seguintes:

A imortalidade da alma: O aluno deve aprender a viver como um Espírito imortal que é.

A reencarnação: Um dos alicerces em que se apóia o Espiritismo é, sem dúvida, a reencarnação. O aluno deve ficar muito bem familiarizado em como funciona a lei da reencarnação.

A Terra como uma escola bendita de educação, de progresso e de lutas gloriosas. Deverá o professor banir da mente do aluno a ideias de que veio ao mundo para sofrer ou para gozar. Deverá ensiná-lo e demonstrar-lhe que está no mundo para atender aos imperativos de sua educação espiritual.

O livre arbítrio: O aluno deverá aprender a compenetrar-se de que é responsável por todos os seus atos. Desenvolver-lhe o senso da responsabilidade; de que não deve agir cegamente, para evitar as péssimas consequências de atos impensados.

E sobretudo desenvolverá no aluno o sentimento da fraternidade, em seu mais alto grau.

São estas algumas sugestões para o preparo de lições sobre o Espiritismo. E como a matéria é vastíssima, o professor tem muito o que escolher para ministrar suas aulas, sempre, naturalmente, dentro de critério de que deve ensinar somente o que o aluno pode compreender.

E por fim observará algumas lições para dar a conhecer aos alunos os grandes vultos do Espiritismo, reverenciando, assim, a memória dos grandes trabalhadores da Luz e da Verdade. (RIGONATTI, 1950, pp. 43-47).

O termo catecismo⁸⁹ significa “o ensino dos dogmas e preceitos da religião; doutrina elementar sobre qualquer ciência ou arte” (FERREIRA, 2010, p. 452), isto é, em uma das definições apresenta-se como instrução religiosa, dos princípios e código moral atinentes a determinada religião. Contudo, em se originando a palavra catecismo do verbo grego para “instruir a viva voz”, temos que esse termo implica instrução de um modo geral, não havendo que se falar em inapropriação da utilização do mesmo pelos espíritas.

Segundo Stoll a questão dessa influência do Catolicismo tradicional no sistema de crenças e práticas do Espiritismo reporta-se ao problema de releitura das especificidades dos campos religiosos:

Uma das lacunas dessa literatura consiste justamente no fato de não se dimensionar como o imaginário e as práticas católicas impactaram o Espiritismo, influenciando de forma significativa o modo de sua expressão no Brasil. (STOLL, 2003, p. 59).

Esse modo de apropriação e reinterpretação de certos preceitos doutrinários e práticas das igrejas popularizou o uso do termo catecismo no Brasil que remete à tradição católica. E estamos falando aqui da sua definição no campo da religião e não no sentido geral de instrução, por isso no Espiritismo deixou de ser adotado por não revestir-se este do caráter de uma religião confessional. O antropólogo Marcelo Ayres Camurça explora o contexto do Espiritismo dentro da perspectiva da religião e modernidade. Em sua temática encontramos a seguinte concepção:

Roger Bastide analisa o Espiritismo, como uma religião que quer se distinguir do Catolicismo, no entanto sem romper com a moral cristã-católica. E por isso “os espíritas brasileiros, ao se converter, não tem a impressão de abandonar o catecismo que receberam quando crianças, mas de ‘praticar’ o que os católicos pregam, sem, contudo, traduzir isto em atos” (1967:14, tradução minha). Se na análise de Lewgoy, os espíritas praticariam “uma espécie de anticatolicismo ‘romanizado’” (2004:109), reproduzindo contra a Igreja Católica o mesmo rigorismo que esta impunha ao catolicismo popular; para Bastide, os espíritas seriam os verdadeiros “católicos praticantes”. (CAMURÇA, 2017, p. 24).

⁸⁹ Do latim tardio *catechismus*, por sua vez originado do termo grego *κατηχισμός*, derivado do verbo *κατηχέω* que significa “instruir a viva voz”.

Sob a ótica de seus adeptos o Espiritismo é considerado o Cristianismo Redivivo, isto é, uma espécie de revigoramento do Catolicismo, pois o entendem como uma interpretação reformulada do Novo Testamento, apresentada como “fé raciocinada”. “Uma forma religiosa nem sempre se transforma completamente em outra forma singular. Ao invés disso, emergem dela inúmeras novas formas, diferentes, contemporâneas, que se desenvolvem independentemente por séculos” (TIELE apud WACH, 2018, p. 235). Os conhecimentos se misturam. Ou melhor, “as ideias evoluem pela história de forma contínua. Um morrem, outras renascem reformuladas, algumas mudam reformadas. Novas ideias não são mais do que velhas ideias recicladas (...)” (Coutinho, 2012, p. 172). Isso nos remete ao pensamento heraclítico da Antiguidade de que tudo está num vir a ser. Esse fluxo de mudanças força os agentes do ensino religioso a reverem os seus paradigmas e valores, tornando necessária a atualização dos mesmos, porquanto:

O ato de ensinar uma religião, por parte das tradições religiosas consiste, precisamente, na dinâmica, de passagem dos significados coletivos para a esfera individual, uma vez que a objetividade social é interiorizada pelo grupo ou indivíduo que está sendo educado. (PASSOS, 2007, p. 30).

Com efeito, há um protótipo de indivíduo e de sociedade que se aspira formar quando os agentes que professam uma fé se entregam na tarefa de educação; o que quer dizer que a crença em determinado escopo de fé norteia aquele que a abraça e produz efeitos nos locais e pessoas com quem se relaciona. Nesse sentido, “(...) ‘a fé é certeza [em grego: *hypostasis*] de coisas que se esperam, a convicção [em grego: *elenchos*] de fatos que não se veem’ (Hb11,1).” (PICH, 2013, p. 151) Em decorrência, a evangelização espírita tenciona não transmitir conteúdos, teorias e conceitos, porém intenciona educar a *ser*. Vertente que não converte totalmente as anteriores, ora permanece à margem delas, ora comparando-as, ora organizando-se a versões modificadas daquelas, complementando-lhes (BURITY, 2001, p. 02). Isto é, mesmo que haja fronteira dividindo as perspectivas mais tradicionais das mais atuais, busca-se do dissenso o consenso. Tradições não perecem, são reformuladas ou são inseridas aos fragmentos em novos discursos, porém ao voltar nunca é mais o mesmo.

No GECAM parte-se da premissa “educar para educar-se. Educar-se para educar”. Não é um jogo de palavras posicionadas ou de combinações entre uma ação direta com outra indireta. Indica só poder educar aquele que estiver se educando, em todas as suas dimensões, humanamente. Este é outro aspecto do ato de evangelizar. Uma vez que se busca orientar o(a) evangelizando(a) para que alcance algo maior, em si mesmo ou no transcendente, tem-se que o(a) evangelizador(a) deve exemplificar aquilo que prega, servindo de inspiração a que os neófitos possam se espelhar. Trata-se aqui da busca espiritual pela via da ação, ou seja, quando o(a) evangelizador(a) aviva no outro o interesse pelo sagrado, impulsiona ele, em si mesmo, a continuidade do mesmo empenho que despertou no próximo, pois:

A espiritualidade consiste numa relação pessoal, individual com o sagrado em si ou fora de si, imanente ou transcendente, enquanto na religião a ligação ao sagrado realiza-se por práticas institucionalizadas. Na espiritualidade subjetiva, tendo o sujeito como centro da busca e da experiência, tenta aprofundar-se a relação do indivíduo consigo mesmo, para se conhecer melhor, se aperfeiçoar ou desenvolver as suas capacidades. Na espiritualidade objetiva, o sujeito rumo a algo considerado por si superior, tendo em vista relacionar-se e colher benefício desta fonte. A espiritualidade (...), centra o indivíduo como sujeito e como objeto. Como objeto, o indivíduo precisa de Outro para avançar; como sujeito, basta-se a si próprio para crescer. (COUTINHO, 2012, p. 182).

Nesse contexto, uma das formas da espiritualidade subjetiva firma-se na meditação que, apesar dela ser utilizada como técnica de concentração e disciplina mental, pode ser aplicada para entrar em contato com o transcendente; o indivíduo é o começo e o desfecho da procura. Predominantemente a espiritualidade objetiva verifica-se pela prece, ao conversar, pedir, agradecer e louvar. “Ao pensar-se imperfeito, o homem contacta algo tido como perfeito para o orientar, ajudar e completar” (COUTINHO, 2012, p. 182). Nesta segunda relação, o ser humano direciona-se a algo metafísico.

Com tudo isto, notamos que o que se iniciou de forma heterônoma numa relação de dependência, converteu-se numa relação preparativa para que o ser busque, por si próprio, o transcendente, realizando-se enquanto ser no mundo.

3.5. O jovem, seus desafios e limites no campo da evangelização

Por ser a juventude um período dinâmico, das escolhas sobre estudo, carreira, vocação aliado ao momento de conhecimento de si, dos ideais e valores afins, das metas, das dúvidas e questionamentos, das paixões e desilusões, enfim, de uma fase decisiva na formação da personalidade, é um desafio oferecer temáticas que vão ao encontro das narrativas juvenis.

Uma das dificuldades enfrentadas e, portanto, a ser repensada, é garantir a permanência dos jovens nos Centros espíritas, dando continuidade nos estudos.

Não é o foco desta pesquisa se deter nos porquês dos afastamentos, mas apenas apontar que, semelhantemente a quaisquer outros grupos juvenis, a tendência é que os componentes dessa faixa etária busquem outros interesses, em comum e próprios da idade. Há o abandono de tais estudos e algumas vezes o rompimento com laços familiares, tudo em função da formação da personalidade que anseia por liberdade e independência, distanciamento este que desaparece posteriormente, reaproximando o jovem desses universos que deixou para trás.

Por outro lado, vale mencionarmos que, muitas vezes, a falta de motivação da juventude em participar das atividades do grupo, se deve à falta de profundidade e experiências pessoais desses indivíduos. O que eles aspiram é um espaço para ter voz de representação, até de inovação, e serem acolhidos em suas carências e pluralidades, isto é, valorados. Há um olhar ambíguo dos adultos, em geral, para os jovens e destes para si próprios. De um lado, sabe-se da importância que essa fase representa em seu desenvolvimento; de outro lado, o jovem se olha, e é olhado, com desconfiança pela imaturidade, havendo ambivalência em relação ao tratamento e reconhecimento, como se fosse inabilidoso e apto para as tarefas e atribuições que poderia desempenhar nos grupos.

Nesse sentido ressaltamos que os jovens se interessam também pelos debates, pelos questionamentos, pelos diálogos, e o modelo vigente é o do modelo passivo, ou de que pesa mais a fala do adulto do que a do jovem. Observamos a aproximação das gerações de uma maneira hierárquica ao invés de implantar uma equipe de todas as idades. A juventude tem necessidade de se abrir, de expor as ideias, dúvidas, receios, incertezas e de extravasar os conflitos emocionais. Sentem-se pressionados e julgados pelas reações que, às vezes, não conseguem controlar.

Querer ser aceito, pertencer a uma tribo é uma marca juvenil. É um duelo interior, questionadores por natureza, lutam por obter um pertencimento identitário. Concomitante a criticidade típica nesse período juvenil não se dispensa a liberdade para o livre pensar junto do posicionar-se.

Modernamente a mocidade está na internet, praticamente *online* a maior parte do tempo, como se “fora da mídia não há salvação” (CARRANZA, 2013, p. 542), ambiente em que há uma comunicação interativa nas multifacetadas redes virtuais, e timidamente há alguns canais, perfis espíritas que tratam de questões fundamentais da existência com uma abordagem crítica mais leve. “Na perspectiva da internet como cultura, ela é normalmente compreendida enquanto um espaço distinto do offline (...)” (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2011, p. 41). Por outro lado, para Miller (2015, p. 02) “fazer coisas *online* é parte e parcela do dia a dia”. Para Mariz (2003, p. 345) uma das maneiras das religiões se comunicarem no espaço público contemporâneo é através da mídia. Variadas plataformas virtuais, em uma sociedade dinâmica, têm se tornado meios elementares no processo de evangelização por dispensar os adeptos de se locomoverem até as instituições. A moçada gosta de encontrar áreas de consenso entre si onde possam expressar suas dúvidas, muitas das vezes mesclando o público e o privado, deixando de ser entendidas como triviais:

Esse meio de comunicação oferece, de um lado, novos meios de autoapresentação das instituições religiosas, mas, de outro, também reflete um campo extremamente aberto, no qual as pessoas podem explorar individualmente opções religiosas ou “espíritas”. (PYE apud CRUZ; MORI, 2011, pp. 05-06).

Nesses grupos sociais, nas quais as demarcações entre o *online* e *offline* são fluidas e ambas interatuam, os internautas frequentam, de preferência no tempo ocioso, um mundo encerrado em si mesmo, as chamadas comunidades virtuais, sendo atraentes e alienantes. Esse modo de comunicação ocasiona conexões “impregnados de intencionalidades, ainda que estas não estejam claramente estampadas nas faces das estratégias de ofertas de sentidos” (FAUSTO NETO, 2001, p. 11). Nesse conjunto, distanciamo-nos da dualidade entre real e virtual, do

crescimento ou consolidação dessas formas de sociabilidade para entendê-las como mais um espaço, nem menos autêntico nem mais mediado.

Nos espaços virtuais espíritas juvenis é praticamente inexistente o estudo dos aspectos filosóficos e os ditos científicos do Espiritismo. Essa desproporção encontra-se, igualmente, em grande parte das instituições nas quais a predominância interpretativa das obras de Kardec estanca no viés religioso, ficando fora de sintonia com o mundo científico:

No Brasil a doutrina kardecista sofreu uma “distorção”, visto que assumiu um caráter mais “místico”, mais “religioso”, ao passo que na França teria ênfase mais “racional”, ou seja, “científica”. Pensar o deslocamento da ênfase doutrinária nesses termos – como “distorção” ou “adulteração” de um modelo original – remete à ideia de que o pensamento religioso e o pensamento científico são regidos por lógicas excludentes. Há muito criticada, particularmente pelo seu viés evolucionista, essa pressuposição obscurece o fato de que toda versão é sempre um ato criativo. (STOLL, 2003, pp. 57-58).

Em função disso, os jovens têm priorizado certas práticas espíritas e preterido outras, distinguindo comportamentos históricos e culturais em solo brasileiro, em contrastes com a proveniência francesa. Embora as visões de mundo estejam interligadas, podem irrefletidamente se confundirem:

O mundo da religião acompanhou, como não poderia deixar de ser, o mundo da cultura. Não há mais linhas divisórias fixas e as marcas identitárias já não contam como antigamente. A religião deixou de ser uma herança e passou a ser, cada vez mais, uma opção de um sujeito autônomo. Não é mais possível falar de uma religião matriz ou de uma religião oficial. Hoje convivem inúmeras denominações religiosas, inclusive dividindo espaço com a possibilidade de não se ter religião. Num mundo em constante trânsito entre as denominações, como afirmar qual a mais verdadeira. Será sempre aquela em que o indivíduo se encontra num dado momento. (GUERRIERO, 2010, p. 58).

Diante de um expressivo pluralismo religioso, as experiências religiosas dos jovens se cruzam, desde aqueles que optam por diferentes espiritualidades até os sem religião, que não se reconhecem em nenhum campo religioso em particular,

não havendo uma fronteira tão rígida de convivência, mas importando a autenticidade no modo de ser e pensar, tanto que:

Não obstante as muitas possibilidades de conceituar religião⁹⁰, parece ser consenso nos estudos sobre o assunto uma distinção básica entre religiosidade e religião, sendo que a primeira se refere a uma dimensão humana e a segunda aos sistemas religiosos. A religiosidade remeteria, portanto, à abertura do ser humano à experiência do Transcendente nos termos da fé, das expressões devocionais e das dinâmicas psíquicas que processam essa experiência. A religião significaria o momento consensual e organizacional dessa experiência como sistema simbólico, social e institucional. (PASSOS, 2007, p. 29).

Nesse contexto de modo de ser juvenil, a psicóloga e professora Clarissa de Franco aponta o sentido de religiosidade a que esse grupo está se entregando, deixando de lado a obrigatoriedade de frequência a uma instituição organizada. Ressalta ela que “alguns autores têm distinguido espiritualidade, religiosidade e religião numa base de gradiente entre a força da institucionalização e o desligamento do vínculo institucional” (FRANCO, 2013, p. 400). Em razão disso, os jovens gravitam entre as categorias religião, religiosidade e espiritualidade, sem se aperceberem que, apesar de estarem vinculadas, estas categorias concorrem para ampliações de visão mais articuladas, sendo inseparáveis. Acompanhamos sua linha de raciocínio conforme seu posicionamento ora citado:

Em uma importante revisão da literatura, Geraldo José de Paiva⁹¹ aponta através de afirmações de Saraglou⁹² que a espiritualidade no contexto contemporâneo, dentre outros fatores, é caracterizada por ser mais popular entre os jovens, já que “quase um quarto da população estudada se identifica com uma espiritualidade sem Deus e sem religião” Embora se aponte que isso não seja exclusivamente uma consequência da secularização, há que se considerar seu papel em termos históricos relativos às transformações no campo religioso.

Koenig⁹³ conceitua religião como um sistema organizado de mitos, ritos, crenças e símbolos que forneceriam um modelo de relação do ser humano

⁹⁰ CRAWFORD, R. O que é religião? pp. 13-20

⁹¹ PAIVA, Psicologia da Religião, Psicologia da espiritualidade, p. 37.

⁹² SARAGLOU, Spiritualité moderne.

⁹³ KOERNING; LARSON; LARSON, Religion and coping with serious medical illness.

com o transcendente, diferentemente da espiritualidade, que teria relação com uma busca pessoal de sentido. A religiosidade, sendo derivada do contexto religioso, seria a maneira de vivência ou apropriação dos elementos determinantes do contexto de crenças, estando vinculada a esse contexto, mas não o reproduzindo rigidamente. (FRANCO, 2013, p. 400).

A partir dessas conceituações, levantadas por esta acadêmica, entendemos haver uma independência nas relações dos jovens com as instituições religiosas, reflexo de uma sociedade dinamicamente rearranjada.

Enquanto na religião predomina uma hierarquia e certas posturas determinadas por uma autoridade, a religiosidade pode ou não estar relacionada com a instituição religiosa, e ambas se diferenciam da espiritualidade, que por sua vez, possibilita à pessoa vivenciar uma dimensão interior, livre e criativa, o que tem levado os jovens a optarem por esta última. Mais uma vez, a citada pesquisadora vem ao nosso auxílio, quando reforça que:

A religião seria o Sistema que fornece o conteúdo simbólico moral e ritual das crenças; a religiosidade seria a maneira como o fiel se apropria desse sistema, atualizando-o em seu cotidiano a partir de sua vivência; e a espiritualidade seria um sistema próprio e independente de crenças, que passa pelo aperfeiçoamento de potências como criatividade, liberdade, espontaneidade, autenticidade, dentre outros. Nesse sentido, a espiritualidade, como forma particular de sistema de crenças, pode apresentar inclusive uma desvinculação da ideia de Deus, podendo existir tanto em contexto religioso quanto em ateus.⁹⁴ (FRANCO, 2013, p. 401).

Desse modo, a autora considera as vizinhanças e os caminhos paralelos que permeiam a religião com uma série de regras e ordenamentos, a religiosidade como a forma em que o indivíduo define em si a o modo de viver na existência, e a espiritualidade, como a expressividade do ilimitado em si. Em relação a este último aspecto, enquanto qualidade de vida, Franco mostra o sentido de espiritualidade adotado pela Organização Mundial da Saúde, em seu Relatório sobre a saúde no mundo, de 2001:

⁹⁴ SLOMON, Espiritualidade para céticos.

Tem-se por espiritualidade o conjunto de todas as emoções e convicções de que há mais no viver do que pode ser percebido ou plenamente compreendido, remetendo a questões como o significado e sentido da vida, não se limitando a nenhum tipo específico de crença ou prática religiosa. (FRANCO, 2013, p. 401).

Posto que, consideramos que os jovens, numa fase de descoberta do seu projeto de vida e vocação, se distanciam de formalidades e procuram se organizar e dar um sentido à vida, construindo valores e potencializando experiências numa dimensão humana, mas com um olhar aberto para o transcendente. Sustentando este entendimento nos valem, mais uma vez, da referida pesquisadora:

Portanto, a ideia corrente hoje em termos de espiritualidade é a de que ela está vinculada a uma busca pessoal de sentido, com ênfase no aperfeiçoamento do potencial humano. E isso pode envolver ou não valores religiosos, mas de toda forma envolve concepções de sentido ligadas ao exercício da fé. A fé seria o elemento unificador dessas instâncias aqui tratadas, e a palavra fé está sendo abordada em seu sentido amplo, como elemento que “dá sentido à vida” (...) (FRANCO, 2013, p. 401).

Dessa afirmação, cabe ressaltarmos que o comportamento de quem desenvolve a fé demonstra uma maior predisposição ao lidar com as questões da vida prática, um maior comprometimento em focar com o que realmente importa, engajando-se mais em ser do que no aparente, no necessário, e não no acidente. Isto estratifica nossas conclusões acerca das distinções entre religião, religiosidade e espiritualidade, valendo-nos lançarmos mão, uma última vez, desta passagem da referida autora:

Para facilitar nossa compreensão, com base nas ideias expostas, apresentamos resumidamente os elementos adjacentes a cada um dos campos relativos a essas três categorias (religião, religiosidade e espiritualidade):

Religião: rituais, doutrinas, mitos, símbolos, cultos, orações, *crença/fé*.

Religiosidade: vivência e experiência religiosas, inquietação ou senso religioso, campo ou fenômeno religioso, desenvolvimento religioso, adesão e comprometimento religioso, *crença/fé*.

Espiritualidade: busca pessoal de sentido, autorrealização, autonomia em relação às instituições, autenticidade, espontaneidade, criatividade, liberdade, mal-estar em relação à materialidade do mundo, *crença/fé*. (FRANCO, 2013, pp. 401-402).

Conforme o exposto é possível percebermos a relação de *crenças/fé* presente no fenômeno complexo entre a interação de religião, religiosidade e espiritualidade. Por meio desse encontro, os jovens dialogam com discursos plurais buscando, cada qual em suas necessidades e anseios, diálogos integrativos com os quais se identificam e lhes conferem sentido à existência física. As expressões religiosas ou espirituais são uma das interfaces na vida que influenciam os jovens mesmo após se desligarem das instituições religiosas. É como a semente latente que, tendo criado raízes no solo do coração, irá germinar no tempo propício.

Embora importante o destaque dessas três categorias do campo religioso, detalhando suas diferenças e consequências de cada uma na existência dos que as seguem, entendemos que é senso comum aos espíritas a marca educativa da ação evangelizadora ao proporcionar sequencialmente o estudo do Espiritismo ao jovem numa fase de autoconhecimento, de dúvidas, indagações, necessidades e tornando-se um protagonista como cidadão na sociedade, e não apenas um coadjuvante.

Diz-se da importância de se intensificar a participação da juventude nos Centros, não apenas nos eventos e Encontros, mas assegurando-lhes oportunidades de concreta participação, estudo e confraternização, ou seja, iniciativa, autonomia e engajamento. Estratégias instigantes, que os motivem à participação e os auxiliem simultaneamente no autoconhecimento e auto aprimoramento, são adotadas visando o fortalecimento dos vínculos de amizade e aprendizado conjuntos, num espaço em que possam se identificar em seus comportamentos, ideias e ideais.

Por outro lado, apesar das dificuldades relatadas na manutenção dos jovens nas Casas espíritas, seu número tem aumentado como se observa no censo de uma década atrás:

Para melhor conhecer o Perfil da Juventude Espírita Brasileira, foi realizado um censo (2009 – 2011), coordenado pelo DIJ/FEB, contando com a participação das 27 Unidades Federativas do país. (...) Um comparativo dos

dados do IBGE de 2000 e 2010 aponta que, a despeito da população jovem ter se mantido estável em âmbito nacional (+0,05%), a população jovem espírita aumentou cerca de 38,93%, representando um crescimento de mais de 174.000 jovens. (CFN/FEB, 2015, p. 7).

Certamente vários fatores devem ter influenciado nesse acréscimo de jovens adeptos, mas reconhecemos que, historicamente, períodos há em que se acentua ou se declina o número de seguidores de qualquer religião.

Por fim, queremos reiterar que, de acordo com a cosmovisão espírita, a evangelização promove, em sua essência, o valor de integrar, participar e agregar ações que expressem nos demais campos da sociedade as vivências de tolerância, alteridade e fraternidade. Nesse sentido, sob a concepção espírita a evangelização, em si, alcança eco na fase infanto-juvenil, por ser um momento de solo fértil, na analogia de sementeira, mesmo que o resultado não seja imediato. Ainda que em um primeiro momento esses jovens não admirem as lições, o conteúdo moral foi lançado, devendo eclodir mais adiante na medida em que eles o compreendam melhor, pela continuidade do estudo e avanço da idade, e passem a praticá-lo em suas convivências. Os espíritas trabalham a evangelização para que a semente, a palavra, a aprendizagem, o ensinamento, seja plantado e germine ao tempo do despertar da consciência do Espírito.

Essa dedicação dos adeptos do Espiritismo, como já vimos, pretende devolver à sociedade uma pessoa ética e íntegra, independentemente dela permanecer ou não no seio da comunidade espírita:

Mesmo que muitas pessoas neguem-se ser religiosos, existe um dado histórico que toda pessoa é preparada para ser religiosa, do mesmo modo que é preparada para falar determinada língua, gostar disso ou daquilo, do modo de vestir, acreditar ou não, pois o ser religioso é um dado antropológico, cultural.

No substrato de cada cultura sempre está presente o religioso; é um conhecimento que subsidia o educando, para que se desenvolva, sabendo de si. (JUNQUEIRA, 2013, p. 612).

Digna de menção a pesquisa da psicóloga Annette Mahoney referente à importância da experiência religiosa tanto para o estreitamento dos laços familiares como para o desenvolvimento do ser em sua existência:

A maioria dos pais que vivem com crianças em todo o mundo também diz que a religião é uma dimensão importante da sua vida familiar. Num inquérito multicultural de 2008, abrangendo China, Colômbia, Itália, Jordânia, Quênia, Filipinas, Suécia, Tailândia, e os Estados Unidos, mães e pais concordaram fortemente, em média, que religião influencia a sua parentalidade e é importante nas suas vidas (Bornstein et al., 2017). (MAHONEY, 2001, p. 01).

Outro aspecto do campo religioso atual é o declínio na participação pessoal dos adeptos na instituição religiosa, como segue:

Dados sobre os jovens adultos de outros países democráticos ocidentais que historicamente têm sido predominantemente cristãos (por exemplo, Europa, Canadá, Austrália) também mostram declínios na participação pessoal (por exemplo, oração) e pública na religião (por exemplo, frequência religiosa; Pew, 2018b). A participação de adolescentes em grupos religiosos organizados na maioria dos outros países também tem declinado em relação a gerações mais velhas, embora menos acentuadamente (Pew, 2018b). Simultaneamente, as sociedades ocidentais testemunharam um rápido aumento na identificação de jovens adultos como ateus ou agnósticos e rejeitando qualquer filiação religiosa (Thiessen & Wilkins-Laflamme, 2020). (MAHONEY, 2001, p. 02).

Isto não implica na automática conversão dos jovens a outras denominações ou ao ateísmo, pois conforme o censo do IBGE, de 2000 e 2010, houve um aumento no número de jovens adeptos do Espiritismo. Esta aparente contradição pode ser explicada pelo fato de que esse acréscimo de jovens seguidores, acompanhado da não frequência às instituições, pode significar que a religiosidade ou a espiritualidade esteja sendo alimentada no âmbito da privacidade individual.

Finalizando, neste último capítulo procuramos recuperar as primícias literárias espíritas voltadas à infância e juventude, comparando-as com as variações linguísticas e ilustrativas vigentes em livros comerciais além do meio espírita. Expusemos os indicadores determinantes na triagem de histórias para a evangelização no “Caminheiros”, sinalizando sua influência na confecção dos modelos de aulas com temáticas variadas em diversas turmas de idade. Elucidamos a proximidade e o distanciamento entre catequese e evangelização espírita;

expusemos alguns dos revezes enfrentados pelos Centros ante o desligamento dos jovens dessas instituições que ingressam numa fase de questionamentos quanto ao significado de religião, de religiosidade e de espiritualidade próprios, comprometendo a continuidade das atividades pelos futuros colaboradores, ações estas que constituem a semeadura da boa nova na dinâmica das famílias na sociedade paulistana, exclusivamente no “Grupo Espírita Caminheiros do Amor – GECAM”.

Considerações finais

Ao iniciarmos este estudo, centralizamos os nossos esforços na indagação norteadora preliminar, cujo desafio era desvelar o caminho histórico da evangelização espírita em São Paulo e sua resultante em um núcleo espírita criado especificamente com o escopo de evangelizar a família, grupo intitulado GECAM – Grupo Espírita Caminheiros do Amor, com a sua proposta pedagógica. O estudo ficou estruturado em três capítulos, a seguir repassados para uma reflexão final.

Inicialmente, no primeiro capítulo, a partir de elementos documentais e bibliográficos, concentramos a pesquisa no panorama geral da formulação e organização institucional dos Centros espíritas, buscando compreender a difusão e consolidação do Espiritismo na sociedade paulistana nos primórdios do século XIX. Conforme os periódicos consultados, a princípio a propagação do Espiritismo se deu pela imprensa espírita, consolidando-se no cenário brasileiro e formando a sua exposição na cultura nacional. Com isso verificamos a força social ativa dos jornais e revistas espíritas que orientavam as crenças de seus leitores com conteúdos que traduziam a filosofia espiritualista para o vulgo.

Durante o percurso da presente dissertação nos direcionamos especificamente na recuperação dos agentes considerados expressivos no campo do Espiritismo, responsáveis pela divulgação do plano pedagógico de evangelização espírita no Brasil. Esses pioneiros, entre eles Anália Franco, Eurípedes Barsanulfo e José Herculano Pires, colaboraram para que esta práxis se propagasse e se aprimorasse ao ponto de ser compreendida, pelas famílias espíritas, como essencial à formação moral das crianças e dos jovens. Constatamos assim que, desde a sua chegada ao Brasil, o Espiritismo foi e está sendo apresentado de forma acessível por seus divulgadores que realizam esse trabalho de tradução de modo a que as pessoas mais simples o compreendam aos primeiros contatos. Isso retrata a adesão de uma diversidade de pessoas, independentemente de suas classes sociais, profissões ou graus de instrução, desde as primeiras publicações em terras brasileiras.

No segundo capítulo particularmente procuramos, pela perspectiva de alguns referenciais teóricos, em um quadro mais geral, contextualizar a proposta pedagógica da evangelização espírita e as suas estruturas em bases filosóficas, científicas (segundo os seus seguidores) e de religiosidade conforme as categorias

de Bourdieu - religião “estruturante e estruturada” - e de Cavalcanti – sistema de crenças e práticas. Em um quadro mais específico, buscamos a aproximação da evangelização desenvolvida no “Caminheiros do Amor” com as diretrizes educacionais de Pestalozzi e Piaget que se justapõem a uma formação integral do ser humano, preceituados nos ensinamentos cristãos à luz do Espiritismo, como o respeito ao desenvolvimento intelectual e moral de cada ser no seu próprio tempo. Tentamos dar voz também à diversidade de pesquisadores, dentre outros acadêmicos, no campo da Ciência da Religião que evidenciaram inúmeros aspectos concernentes aos horizontes do campo religioso, contribuindo para a construção de novas possibilidades de entendimento do *ethos* do “Caminheiros”. Reafirmamos que todo esse arsenal teórico foi importante para entendermos que os ensinamentos transmitidos nas aulas de evangelização não estão dissociados da vida cotidiana e das relações que perpassam em outros campos da sociedade, assinalando modos distintos de pensar, agir e interagir, ou seja, uma formação transformadora - mente, coração e mãos.

Nesta etapa a nossa ênfase dirigiu-se especificamente para os objetivos e os preceitos nos planos de aula da evangelização espírita no GECAM, identificando um *ritmo* próprio e um contingente expressivo de visões “de Deus e do outro”, em cada etapa existencial, desde o bebê à terceira idade. Juntamente conhecemos detalhadamente o cuidado com as características de cada idade a serem levadas em consideração para o processo de criação das aulas, em seus propósitos. E como pudemos observar na descrição dos planos e programas de aulas, é notória a preocupação dos(as) colaboradores(as) da Casa em evangelizar já estabelecendo ligações com a realidade existencial dos(as) evangelizando(as), utilizando exemplos de seu dia-a-dia, de modo a que possam compreender a utilidade prática dos ensinamentos recebidos.

No terceiro capítulo entramos em contato com os aspectos pelos quais a literatura infanto-juvenil se aprimorou, para se tornar uma leitura condizente ao seu público-alvo, tornando-se ao longo do tempo uma profícua rede de difusão de livros. Pudemos observar que algumas das primeiras obras infantis não disponibilizavam ilustrações deixando uma lacuna no aspecto lúdico e imaginativo da criança, uma vez que elas servem para explorar a fantasia e traduzir ao olhar infantil a sensibilidade dos temas formativos éticos, estimulando a vivência dos conhecimentos compartilhados. Ademais, a pesquisa permitiu-nos saber que para o

“Caminheiros do Amor” a literatura mune-se de três aplicabilidades: recrear, educar e informar, mas deixamos claro que a evangelização no GECAM não se limita a ela. Também apuramos alguns modelos de aulas na evangelização do Grupo. Aqui, expusemos um exemplo de como a biografia de vultos históricos do universo espírita é utilizada em conformidade com a realidade do jovem. A vida de um protagonista serve como parâmetro de conduta, reforçando pelas práticas virtuosas do mesmo as ideias éticas que conduzem o ser a tornar-se aquela pessoa moral.

Além disso, investigamos o que há em comum ou não entre a catequese e a evangelização, logrando demonstrar o diferencial nos dois campos cristãos. Conforme o exposto foi possível entender que apesar de diferenças conceituais ambas ressaltam que o modo mais exemplar de se propagar o ideário cristão é compartilhando as vivências de integridade facultada pelas práticas em comum.

Por fim, neste último capítulo, gravitamos em torno das expectativas dos jovens continuarem frequentando os estudos de ensino religioso nos Centros. Cedo ou tarde, tendo que lidar com o envelhecimento de seus integrantes inferimos ser mister à Casa espírita trabalhar a continuidade da frequência juvenil na instituição, visto que ideias e vivências novas concretizam-se em participações mais integradoras e afetivas. Conceder espaço para que a juventude seja protagonista refina valores, e é acertando, errando e ousando que todos, tanto os jovens quanto os adultos, aprenderão o equilíbrio entre a prudência da tradição e os proveitos da inovação. Some-se a essas ponderações, o fato de que os integrantes do universo juvenil estão mergulhados nos ambientes virtuais modernos, fazendo-se necessário deslocar o potencial típico dessa fase para encontrar o seu próprio sentido da existência, em especial no seu lugar no campo social.

Outro ponto trabalhado foi a respeito da visão de uma parte de seus adeptos não considerar o Espiritismo como uma religião, o que leva alguns jovens a não sentirem a necessidade de frequentar os espaços na instituição, priorizando eles o agir, a conduta, o proceder na sociedade. Para alguns deles o sentido de espiritualidade está relacionado não diretamente a uma religião. Aquela transcende o sentimento de religiosidade, superando a simples ideia de adesão a uma religião estabelecida e tornando mais importante a preocupação com as consequências éticas e morais das ações humanas. Acrescentamos que todo o universo religioso procura ser apreendido do seu próprio prisma, ou seja, como ele é assimilado por parte de seus crentes. Interessa a estes como colocar em prática o arcabouço

religioso apreendido e como vinculá-lo às dimensões de sua existência, ou a ela referente.

A presente pesquisa trilhou um caminho visando responder, em cada um dos capítulos, os objetivos elencados no início desta pesquisa. Consideramos que o estudo contribuiu com novos elementos para um melhor entendimento da evangelização espírita, considerada esta a atividade de estudo do Espiritismo na fase infanto-juvenil. Em primeiro lugar, tratou do Espiritismo em seu percurso histórico, no espaço e no tempo, isto é, do continente europeu, século dezenove, ao continente americano, século vinte e um. Em segundo lugar, lançou luzes em seu embasamento pedagógico, compreendido nos fundamentos teóricos de Bourdieu e Cavalcanti e alicerçado nos conceitos pestalozziano e piagetiano verificando a elaboração dos planos de aulas, que levam em conta a facticidade do ser em cada etapa da existência, inclusive, apresentamos algumas amostras de aulas com suas temáticas evangélicas, morais cristãs. E, em terceiro lugar, o foco melhorado no fio-condutor que é o encadeamento literário espírita na divulgação e formação dos seus adeptos; a comparação como irmãs da catequese e evangelização, finalizando com o lugar do jovem na Casa e seu potencial de se tornar protagonista no campo espírita, bem como na relação entre a ideia de religião, o sentimento de religiosidade e a busca pela própria espiritualidade.

Para validarmos a pertinência de nossa hipótese inicial sustentamos que a tarefa de evangelizar está intimamente ligada à ação de evangelizar-se. Pelos documentos, periódicos e materiais mimeografados a que tivemos acesso, tanto da FEESP quanto do GECAM, entre outros, divisamos a marca altamente educativa no âmbito da evangelização guiado pelos vetores morais, razão pela qual ela promove a mudança interna naqueles que se propõem a auxiliar o outro na sua transformação interior.

Como decorrência desta pesquisa, podemos afirmar que a continuidade de saberes entre as gerações ocorre na medida em que os indivíduos que receberam a “semente” – os ensinamentos cristãos – se aperceberam agentes de transformação e passaram a defender a construção de núcleos formadores. Mais do que passar normas éticas aos integrantes, expusemos que para os espíritas há um fim último de que o ser saiba da sua natureza, origem e destinação, ou seja, reconhecer-se Espírito imortal, dotado de potencialidades múltiplas, possuidor em si da imanência divina que o impulsiona a se manifestar como portador de intelectualidade e

moralidade, estas sempre crescentes e que o fazem progredir em termos qualitativos. Para eles, tais atributos encontram-se em desenvolvimento, numa constante atualização, uma vez que o intelecto avança ininterruptamente impulsionado por novos conhecimentos, ao passo que a moral ascende pela melhor compreensão possibilitada pela inteligência. E, para os espíritas, estas mudanças acontecem tanto em parte no mundo íntimo, como na realidade exterior, num processo de retroalimentação. O interior aperfeiçoa o exterior que por sua vez impulsiona a melhoria interior. Sopesamos o diálogo entre as diferentes formas de compreender o mundo, a si e a existência como um tentame de valor.

Os núcleos familiares, em múltiplas existências corporais, suportam um devir permanente de aperfeiçoamento intelectual e moral vivenciado em ações recíprocas de aprendizado e crescimento. Nesse sentido, outra resultante deste estudo foi o de identificarmos, nas fundamentações pedagógicas da evangelização no “Caminheiros do Amor”, os processos formadores a toda a família, promovendo uma unidade de ser integral evidenciando o potencial religioso-educativo do Espiritismo. E isto se dá porque a transformação moral é conquista a ser granjeada seja na fase infantil, juvenil ou adulta, sempre sob os auspícios da orientação evangélica espírita. Desta forma, é nos relacionamentos entre as gerações que os valores são fomentados nos indivíduos, enriquecendo tanto o núcleo familiar, inicialmente, quanto os demais campos sociais, num conagração de entes que mutuamente influenciam e são influenciados, justamente por estarem interconectados pela ação daqueles mesmos indivíduos que transitam entre as diversas esferas da existência humana.

Salientamos que os resultados desta pesquisa não encerram a possibilidade de se conhecer mais da dinâmica da evangelização espírita e superar as limitações desta pesquisa. Vale mencionar que o recorte aqui realizado não teve a pretensão de esgotar a diversidade e complexidade intrínsecas dessa temática. Podemos dizer que não tivemos a intenção de fechar a questão, ao contrário, procuramos destacar o fenômeno da evangelização espírita em uma instituição e suas experiências bem sucedidas. Lançamos um *corpus* diversificado acerca do que representa a evangelização espírita no contexto da sociedade, a partir dos frutos de sua influência seja no íntimo da individualidade, seja como consequência da ação do sujeito em seu entorno social.

Finalizando, podemos afirmar que este estudo não necessariamente encerra um epílogo ou que as reflexões se exaurem, todavia diante dos temas que nasceram

nessa pesquisa, com seus achados e descobertas, como por exemplo, análises das obras infantis com seus conteúdos ou um desenvolvimento mais investigado na linha do tempo, ou ainda um exame na questão envolvendo as fronteiras entre a religião, o sentimento de religiosidade e a espiritualidade humanas, merecem ser abordados e ampliados por outros(as) pesquisadores(as), apresentando-os por novos ângulos, haja vista que todo estudo interessante abre novas janelas à espera de outras leituras.

No cômputo geral, diante de tudo o que foi exposto, atestamos a frutificação que uma semente lançada em solo brasileiro produziu *cem, sessenta e até mesmo trinta vezes mais do que tinha sido semeado.*

Referências Bibliográficas

- ABDALA JUNIOR, Benjamin (org.). **Sermões escolhidos – Padre Antônio Vieira**. 1ª ed. São Paulo: FTD, 2017.
- ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro. **O jogo da dissimulação: Abolição e cidadania negra no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ALVES, Walter Oliveira. **Introdução ao Estudo da Pedagogia Espírita**. 1ª ed. Araras: IDE, 2000.
- ARRIBAS, Célia da Graça. **Afinal, espiritismo é religião?** 1ª ed. São Paulo: Alameda, 2010.
- _____. O caráter religioso do Espiritismo. IN: **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 23, n. 01. pp. 03-16, jan. /mar. 2013.
- ASAD, Talai. A construção da religião como uma categoria antropológica. Tradução: Bruno Reinhardt e Eduardo Dullo. IN: **Caderno de Campo**, São Paulo, n. 19, pp. 01-384, 2010.
- BARBOSA, Pedro Franco. **Espiritismo Básico**. 4ª ed. Brasília: FEB, 1987.
- BÍBLIA. **A Bíblia de Jerusalém**. 5ª impressão. São Paulo: Paulus, 2008.
- BIGHETO, Alessandro César. **Eurípedes Barsanulfo um educador de vanguarda na Primeira República**. 2ª ed. Bragança Paulista, SP: Comenius, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- _____. **A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos**. 3ª ed. Porto Alegre: Zouk, 2006.
- _____. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.
- BOYATZIS, J. Chris. Spiritual development during childhood and adolescence. In L. Miller (ed.). **The Oxford Handbook of Psychology and Spirituality** (pp. 151–64). Oxford University Press, 2012.

BORNSTEIN, et al. **Journal of Child psychology and Psychiatry, and Allied Disciplines**. 58(8), London: ACAMH, pp. 880-892. 2017.

BRANCO, Castello Marissol. **1989 - Um relato de eventos espíritas realizados em São Paulo**. Santos: CPDoc Espírita, 1997.

BRITO, Ênio José da Costa. Introdução à Parte IV Ciências das Linguagens Religiosas. IN: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (Orgs.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas/Paulus, pp. 439-441, 2013.

BURITY, J. Novos paradigmas e estudo da religião: uma reflexão anti-essencialista. IN: **Religião & Sociedade**, v. 21, n. 1, pp. 41-65, 2001.

CAMURÇA, Marcelo. A teoria do “continuum mediúnico” de Cândido Procópio Camargo nos anos 1960-1970: atualizações e transformações contemporâneas. IN: **Religare: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB, [S. l.]**, v. 14, n. 1, pp. 05–27, 2017.

CARRANZA, Brenda. Linguagem midiática e religião. IN: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (Orgs.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas/Paulus, pp. 539-555, 2013.

CAVALCANTI, Maria Laura V. C. **O mundo invisível – cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no Espiritismo**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

CFN/FEB. **Orientação à ação evangelizadora espírita da juventude: subsídios e diretrizes**. Brasília: FEB, 2015.

CHATEAU, Jean. **Os grandes pedagogistas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

CORALINA, Cora. **Meu livro de cordel**. 3ª ed. São Paulo: Global, 1990.

CORTELLA, Mário Sérgio. **Educação, convivência e ética: audácia e esperança!** 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2018.

COUTINHO, José Pereira - Religião e outros conceitos. IN: **Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v. XXIV, pp. 171–193, 2012.

CRAWFORD, Robert. **O que é religião?** Petrópolis: Vozes, 1986.

CRUZ, Eduardo Rodrigues. Estatuto epistemológico da Ciência da Religião. IN: **Ciberteologia** – Revista de Teologia & Cultura ano X, n. 47, 2018.

_____. Breves notas sobre o Estudo de Religiões Seculares com menção ao caso das Ciências Naturais. IN: **Paralellus**, Recife, v. 16, n. 13, pp. 309-330, jul. /dez. 2015.

_____. Revisitando dois paradigmas na Ciência da Religião. IN: **Horizonte - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 17, n. 53, pp. 589, 31 ago. 2019.

CRUZ, Eduardo Rodrigues; MORI, Geraldo. (Orgs). **Teologia e Ciências da Religião: A caminho da Maioridade Acadêmica no Brasil**. Belo Horizonte / São Paulo: Ed. PUC-Minas, ed. Paulinas, pp. 15-24, 2011.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. IN: **Projeto História**, n. 35, pp. 253-270, dez. 2007.

DIAS, Maria Berenice. **Manual de direito das famílias**. 4^o ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2016.

DIERKEN, Jörg. Teologia, Ciência da Religião e Filosofia da Religião: definindo suas relações. Tradução: Prof. Dr. Luís H. Dreher, UFJF. IN: **Veritas**, Porto Alegre, v. 54, n. 01, pp. 113-136, jan./mar. 2009.

DILTHEY, Wilhelm. **A construção do mundo histórico nas ciências humanas**. Tradução. Marco Casanova. São Paulo: UNESP, 2010.

DIX, Steffen. O que significa o estudo das religiões uma ciência monolítica ou interdisciplinar? IN: **Revista Lusófona de Ciências das Religiões**, v. 11, pp. 11-31, 2007.

DOYLE, Arthur Conan. **História do Espiritismo**. 17^a reimpressão. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2013.

FAUSTO NETO, Antônio. **Processos midiáticos e construção das novas religiosidades-dimensões discursivas**. Porto Alegre: Intexto, v.2, n.7, pp. 1-13, 2001.

FERNANDES, Washington L. Nogueira. **A história viva do Espiritismo**. 1ª ed. São Paulo: CCDPE-ECM, 2011.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 5ª ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Método de pesquisa para internet**. 1ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FRANCO, Clarissa de. Psicologia e Espiritualidade. IN: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (Orgs.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas/Paulus, pp. 399-410, 2013.

GENTILE, Salvador. **Anuário Espírita**, ano X, n. 10. 1ª ed. Araras: IDE, 1973.

_____. **Anuário Espírita**, ano XLIII, n. 43. 1ª ed. Araras: IDE, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Paulo Alves. **O Semeador**, n. 686. São Paulo, 1994.

GUERRIERO, Silas. Objetividade e subjetividade no estudo das religiões: desafios do trabalho de campo. IN: **Plura**, Revista de Estudos de Religião, v. 1, n. 1, pp. 54-65, 2010.

HILST, Hilda. **Da Poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

HOCK, Klaus. **Introdução à Ciência da Religião**. 1ª reimpressão. São Paulo: Loyola, 2017.

HUME, Davis, **História Natural da Religião**. São Paulo: UNESP, 2004.

HUNT, Peter. **Crítica, Teoria e Literatura Infantil**. 1ª edição. Tradução: Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

INCONTRI, Dora. **Pedagogia Espírita, um projeto brasileiro e suas raízes**. 2ª ed. Bragança Paulista: Comenius, 2006.

_____. **Pestalozzi: educação e ética**. 1ª ed. São Paulo: Scipione, 1997.

JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. Ciência da Religião aplicada ao ensino religioso. IN: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (Orgs.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas/Paulus, pp. 603-614, 2013.

KARDEC, Allan. **A Gênese**. 25ª ed. São Paulo: Lake, 2014.

_____. **O Evangelho segundo o Espiritismo**. 98ª ed. São Paulo: Lake, 2018.

_____. **O Livro dos Espíritos**. 6ª ed. São Paulo: Lake, 2000.

_____. **O Livro dos Médiuns**. 2ª ed. São Paulo: Lake, 1993.

_____. **O que é o Espiritismo**. 28ª ed. São Paulo: Lake, 2011.

_____. **Revista Espírita: jornal de estudos psicológicos: Tomo II - 1859**. 2ª ed. Sobradinho (DF): Edicel, 2010a.

_____. **Revista Espírita: jornal de estudos psicológicos: Tomo V - 1862**. 3ª ed. 2ª reimpressão. Rio de Janeiro: FEB, 2009a.

_____. **Revista Espírita: jornal de estudos psicológicos: Tomo VIII - 1865**. 3ª ed. 1ª reimpressão. Rio de Janeiro: FEB, 2009b.

_____. **Revista Espírita: jornal de estudos psicológicos: Tomo XI - 1868**. 2ª ed. 2ª reimpressão. Rio de Janeiro: FEB, 2010b.

_____. **Revista Espírita: jornal de estudos psicológicos: Tomo XII - 1869**. 2ª ed. 1ª reimpressão. Rio de Janeiro: FEB, 2010c.

_____. **Viagem Espírita em 1862**. 4ª ed. Matão/SP: O Clarim, 2012.

LEWGOY, Bernardo. A antropologia pós-moderna e a produção literária espírita. IN: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, vol. 4, n. 8, pp. 87-113, jun. 1998

_____. Etnografia da leitura num grupo de estudos espíritas. IN: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n. 22, pp. 255-282, jul./dez. 2004.

_____. **Os espíritas e as letras: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista.** Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000.

_____. Uma religião em trânsito: o papel das lideranças brasileiras na formação de redes espíritas transnacionais. IN: **Ciencias Sociales Y Religión/Ciências Sociais E Religião**, 13(14), pp. 93–117, 2011.

LOBO, Ney. **Filosofia Espírita da Educação.** Vol. 01 a 05. Rio de Janeiro: FEB, 1990.

LUCENA, Antônio de S. e GODOY, Paulo A. **Personagens do Espiritismo.** 1ª ed. São Paulo: FEESP, 1982.

MAHONEY, Annette. **The Science of Children's religious and Spiritual Development.** Reino Unido: Cambridge University Press, pp. 880-892. 2021.

MARIZ, Cecília Loreto. Comparando a Rede vida de Televisão com a Vinde TV. In: BIRMAN, Patrícia. **Religião e espaço público, movimentos religiosos no mundo contemporâneo.** São Paulo: Attar, 2003.

MILLER, Daniel. A antropologia digital é o melhor caminho para entender a sociedade moderna. Entrevista a Mônica Machado. IN: **Revista Z Cultural**, v.1, n.1, 2015.

MONTEIRO, Eduardo Carvalho. **Anália Franco, a grande dama da educação brasileira.** 1ª ed. São Paulo: Eldorado Espírita, 1992.

MORAES, Vinícius. **Poesia Completa e Prosa.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.

MUNARI, Alberto. **Jean Piaget.** 1ª ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 2010.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de S. Linguagens religiosas: origem, estruturas e dinâmicas. IN: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (Orgs.). **Compêndio de Ciência da Religião.** São Paulo: Paulinas/Paulus, pp. 443-455, 2013.

NOVELINO, Tomás e NOVELINO, Maria Aparecida Rebêlo. **Escritos espíritas, uma militância pedagógica**. Organização: Dora Incontri. 1ª ed. Bragança Paulista, Franca: Comenius, 2001.

NUNES, Alceu. **150 anos de Espiritismo**. 1ª ed. São Paulo: FEESP, 2007.

OLIVEIRA, Ellen dos Santos (org.) **Escravidão e Racismo: 150 anos da Lei do Ventre Livre**. Itapiranga-SC: Schreiber, 2021.

OLIVEIRA, Julia Nezu. **O Semeador**. N. 610, 2ª quinzena. São Paulo: FEESP, 1989.

PADEN, William E. **Interpretando o Sagrado: modos de conceber a religião**. 1ª ed. São Paulo: Paulinas, 2001.

PASSOS, João Décio. **Ensino religioso: construção de uma proposta**. 1ª ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

PEREIRA, André A. **Espiritismo e religiões: por uma teologia pluralista**. 1ª ed. São Paulo: Comenius, 2011.

PEREIRA, Miguel. **José Gonçalves Pereira, apóstolo do bem e herói da caridade**. 1ª ed. São Paulo: SEDCA, 1996.

PICH, Roberto Hofmeister. Religião como forma de conhecimento. IN: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (Orgs.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas/Paulus, pp. 143-160, 2013.

PIMENTEL, Cláudio Santana. Ciência da Religião e literatura: aproximações a partir dos estudos pós-coloniais. IN: **Reflexão**, Campinas, 44 e 194599, pp. 02-12, 2019.

PIRES, J. Herculano. **Educação Espírita - Revista de Educação e Pedagogia n. 01**. 1ª ed. São Paulo: Cultural Espírita Ltda., 1970.

_____. **O Infinito e o Finito**. 3ª ed. São Paulo, Correio Fraternal, 1989.

_____. **Pedagogia Espírita**. 11ª ed. Campinas: Paidéia, 2008.

PÖPPELMANN, Christa. **Dicionário de máximas e expressões em latim**. 4ª ed. São Paulo: Escala, 2010.

POULAT, Émile. Chapitre XV: La religion, quatre fois réduite par la science. In: **Liberté, Laïcité. La guerre des deux France et le principe de la modernité**. Paris, Cerf, 1987.

RIGONATTI, Eliseu. **Manual prático do professor de catecismo espírita**. São Paulo: LAKE, 1950.

SCHUTEL, Cairbar. **Espiritismo para as crianças**. 34ª ed. Matão: O Clarim, 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. **O espetáculo das raças**. 6ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA JUNIOR, Edelson. **No Tempo do Comandante**. 2ª ed. São Paulo: Radhu, 2010.

SOËTARD, Michel. **Johann Pestalozzi**. Tradução: Martha Aparecida Santana Marcondes, Pedro Marcondes, Ciriello Mazzetto. Organização: João Luis Gasparin, Martha Aparecida Santana Marcondes. 1ª ed. Recife: Massangana, 2010.

STOLL, Sandra Jacqueline. **Espiritismo à brasileira**. 1ª ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

_____. Religião, ciência ou auto-ajuda? Trajetos do Espiritismo no Brasil. IN: **Revista De Antropologia**, 45(2), pp. 361-402, 2002.

THIESSEN, J., WILKINS-LAFLAMME, S. **None of the Above**: Nonreligious Identity in the US and Canada. New York: New York University Press. 2020

UNIDAS, Organização das Nações. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Rio de Janeiro: UNIC, 2009.

USARSKI, Frank. **Constituintes da Ciência da Religião: cinco ensaios em prol da disciplina autônoma**. São Paulo: Paulinas, 2006.

WACH, Joachim Ernst Adolphe Felix. Os ramos da Ciência da Religião. Tradução: Fábio L. Stern. IN: **Rever**, v. 18, n. 02, pp. 233-253, 2018.

WANTUIL, Zêus. **Grandes espíritas do Brasil**. 2ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1981.

WANTUIL, Zêus e THIESEN, Francisco. **Allan Kardec: o educador e o codificador**, v. 2. 2ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004.

WIRTH, Lauri Emílio. Religião e epistemologias pós-coloniais. IN: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (Orgs.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas/Paulus, pp. 129-142, 2013.

ZIMMERMANN, Zalmino. **Compêndio de Espiritismo**. 1ª ed. Campinas, SP: ALLAN KARDEC. 2013.

Apostila

FEESP. **Curso de Preparação de Evangelizadores para a Infância**, vol. I. São Paulo, 1988.

Material Mimeografado

FEESP. **DPAIS – Departamento de Pais Descrição do Trabalho**. São Paulo, 1997a.

FEESP. **Manual de Utilização do Conteúdo Programático**. 1983.

FEESP. **Orientação para o Trabalho de Educação da Vontade - O Ritmo nas Aulas de Jardim**. São Paulo, 1997b.

GECAM. **Evangelização da Família - Planejamento do Trabalho para 1999**. São Paulo, 1999a.

GECAM. **Juventude II, 16 a 21 anos**. São Paulo, 2020a.

GECAM. **Orientação quanto à Elaboração de Aulas e Relatórios**. São Paulo, 1997.

GECAM. **Planejamento: aula de bebês**. São Paulo, 2020b.

GECAM. **Programa de Evangelização da Família**. 1999b.

GECAM. **Roteiro para o Trabalho de Evangelização, nível 2, Jardim**. São Paulo, 1999c.

GECAM. **Trabalho desenvolvido**. São Paulo, 2020c.

Periódicos

Correio Fraterno. **Sempre atual, com o melhor do conteúdo espírita**. Ano 50, n. 482. Jul./Ago. 2018.

O SEMEADOR. **Mensário noticioso e doutrinário**. Setembro 1954. Ano 12, n. 127.

_____. **Mensário noticioso e doutrinário**. Abril 1969. Ano 26, n. 303.

_____. **Mensário noticioso e doutrinário**. Março 1974. Ano 30, n. 362.

_____. **Mensário noticioso e doutrinário**. Julho 1976. Ano 33, n. 390.

_____. **Mensário noticioso e doutrinário**. Junho – julho 1980a. Ano 37, n. 433-434.

_____. **Mensário noticioso e doutrinário**. Julho – agosto 1980b. Ano 37, n. 435.

_____. **Mensário noticioso e doutrinário**. Julho – agosto 1981. Ano 38, n. 446-447.

_____. **Mensário noticioso e doutrinário**. 2ª Quinzena de Novembro 1989. Ano 46, n. 610.

_____. **Mensário noticioso e doutrinário**. Março 1994, n. 686.

REFORMADOR. **Órgão da Federação Espírita Brasileira**. Dezembro 1947. Ano LXV, n. 12.

Sites

CPDOC ESPÍRITA. **1989 Um relato de eventos espíritas realizados em São Paulo.** Disponível em: http://www.cpdocespirita.com.br/Trabalhos/Relato%20Eventos_Marissol.pdf. Visitado em 05 jan. 2021.

DOMÍNIO PÚBLICO. **Sermão da Sexagésima – Pe. Antônio Vieira.** Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1745. Visitado em 1º dez. 2021.

ESPAÇO PÚBLICO. **Genebra: uma rua do Bixiga.** Disponível em: <https://www.oespacopublico.com.br/2019/02/19/genebra-uma-rua-do-bexiga/>. Visitado em 17 fev. 2021.

FEB. **Origens.** Disponível em: <https://www.febnet.org.br/portal/2019/06/10/origens/>. Visitado em 06 jan. 2021.

FEESP. **Estatuto.** Disponível em: <https://feesp.com.br/o-estatuto/>. Visitado em 28 jan. 2021.

FEESP. **História da FEESP.** Disponível em: <https://feesp.com.br/historia-da-feesp/>. Visitado em 06 jan. 2021.

IBGE. **Censo 2010: numero de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião.** Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?view=noticia&id=1&idnoticia=2170&busca=1&t=censo-2010-numero-catolicos-cai-aumenta-evangelicos-espíritas-sem-religiao>. Visitado em 11 out. 2021.

IEESP. **60 anos de história.** 2009. Disponível em: http://www.ieesp.org.br/jornal/ed02/ed_02_capa.htm. Visitado em 28 jan. 2021.

Anexos

Anexo A – Foto de Francisco Cândido Xavier e evangelizadores de São Paulo



Francisco Cândido Xavier ao centro, de paletó, com alguns evangelizadores da FEESP, 1969: 1ª à esquerda com pasta na mão, Nadir Mercedes Tiveron; ao lado do médium, de óculos, Gilvete Ming; atrás desta, Alvina Gonçalves Dutra; agachado com uma criança, o esposo Fábio Dutra; e o casal agachado, de óculos, Aglaè Silveira e Olavo Silveira.

Anexo B – Página de Rosto da apostila do Curso Intensivo de Preparação de Evangelizadores – 1959 - FERGS

A idéia de um Curso Intensivo de Preparação de Evangelizadores partiu do Serviço de Evangelização e Orientação Educacional das Gerações Novas, da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, quando presidida por Francisco Spinelli.

Um grupo de evangelizadores da Federação Espírita do Estado de São Paulo teve a feliz oportunidade de participar do IV Curso, realizado em Porto Alegre, em janeiro de 1958. Entusiasmados com o alcance do empreendimento, decidimos levar a efeito um curso semelhante, em São Paulo. Para esse fim, aproveitamo-nos da experiência dos confrades gaúchos, sendo que algumas das matérias desta pasta, como Psicologia e Didática, são transcritas, na íntegra, do trabalho da Federação Espírita do Rio Grande do Sul. Outras partes foram adaptadas e algumas novas introduzidas, de acordo com as peculiaridades e necessidades locais.

Devemos deixar consignados nossos sinceros agradecimentos à professora Cecília Rocha, da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, que organizou e expôs as aulas de Didática e sem cujo apoio dificilmente teríamos podido levar a efeito este Curso.

Testemunhamos também nossa gratidão a D^{ca} Clara Ferreira Freixo, de Cachoeira Paulista, que se encarregou da exposição das aulas de Psicologia.

Cumpra também ressaltar a cooperação e a tarefa coordenadora do USE, seu apoio decisivo e entusiástico e sua boa vontade ao assumir a responsabilidade de encargos necessários à realização do Curso. Agradecemos, pois, nossa homenagem ao Departamento de Educação e Conselho Municipal de Educação do USE e ao Instituto Espírita de Educação.

Embora não estejam aqui citados, outros confrades contribuíram para que este Curso pudesse ser uma realidade e a eles ficamos profundamente reconhecidos.

É motivo de júbilo que, para a concretização deste objetivo, se hajam unido diversos órgãos e entidades, que acobrem alicerces coerentes com os ideais de unificação que hoje constituem as aspirações dos espíritas conscientes em todo o Brasil.

* * *

FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO ESTADO DE SÃO PAULO
DEPARTAMENTO DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE

1959

Anexo C – Programa de Evangelização da Família

OBJETIVO GERAL					
Formação espírita-cristã da família, visando a realização da síntese de Jesus "Amar a Deus sobre todas as coisas" e "Amar ao próximo como a si mesmo", dentro de níveis compatíveis com as várias fases de desenvolvimento.					
1º Nível	2º Nível	3º Nível	4º Nível	5º Nível	6º Nível
Características da Criança		Características da criança	Características do Jovem	Características do Adulto	Características do Idoso
<p>visão do outro</p> <p>Egocentrismo - Eu preciso do outro para que me ofereça um ambiente onde, a partir da harmonia exterior, eu possa crescer e me ordenar interiormente, desenvolvendo sentimentos de amor e fé.</p>		<p>visão do outro</p> <p>Começo a ver o outro, a dar a ele:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O que <u>eu</u> desejo; - O que <u>eu</u> acho bom para ele; - O que <u>eu</u> gostaria de receber. 	<p>visão do outro</p> <p>Sinto o outro:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O que <u>ele</u> precisa; - O que <u>ele</u> quer; - O que <u>lhe</u> faz bem. 	<p>visão do outro</p> <p>Eu busco o outro e <u>sinto-me capaz de oferecer</u>:</p> <ul style="list-style-type: none"> - o que ele precisa; - o que ele quer; - o que <u>lhe</u> faz bem. 	<p>visão do outro</p> <p>Eu vejo o outro e sinto capacidade de ser Luz, Amor e Sabedoria</p>
<p>visão de Deus</p> <p>Deus como Doador O que Ele me dá.</p>		<p>visão de Deus</p> <p>Deus - O Plano Divino - A Gênese dos Mundos.</p>	<p>visão de Deus</p> <p>Deus - No que posso cooperar com Ele.</p>	<p>visão de Deus</p> <p>Deus - Posso realizar o que Ele me confia.</p>	<p>visão de Deus</p> <p>Deus - Gratidão à Ele Fonte de Amor, Sabedoria e Esperança</p>

Obs.: 1º Nível de 0 a 3 anos
2º Nível de 4 a 9 anos
3º Nível de 10 a 18 anos
4º Nível de 15 a 21 anos

Anexo D – Orientação para o Trabalho de Educação da Vontade – O Ritmo nas Aulas de Jardim

FEESP Federação Espírita do Estado de São Paulo
 AIJM Área de Infância, Juventude e Mocidade • 1º semestre de 1997

Orientação para o Trabalho de Educação da Vontade

O RITMO NAS AULAS DE JARDIM

1º momento natureza introspectiva	ARTES desenho c/ giz de cera, pintura c/ aquarela, colagem etc. a criança chega da rua mais expansiva encontro da criança consigo mesma tempo livre tema livre	45 minutos
2º momento natureza expansiva	BRINCAR os brinquedos devem estar arrumados e organizados a criança brincar livremente o evangelizador permanecerá na sala trabalhando o evangelizador participará das brincadeiras das crianças se for convidado por elas	
3º momento natureza introspectiva	GUARDAR OS BRINQUEDOS o evangelizador fará um sinal sonoro ou musical as crianças, então, guardarão os brinquedos nas prateleiras todos deverão participar o evangelizador é o responsável pela organização os mais "resistentes" deverão receber ajuda	5 minutos
4º momento natureza expansiva	CANTAR o evangelizador formará uma roda cantará 4 ou 5 músicas que as crianças gostem e conheçam músicas de roda, com gestos, com nome das crianças uma música mais introspectiva seguida de uma outra música mais expansiva	10 minutos
5º momento natureza introspectiva	PRECE • HISTÓRIA as crianças deverão sentar-se em semi círculo, em silêncio e na ordem que o evangelizador decidir prece inicial história fixação, avaliação e prece final	10 minutos
6º momento natureza expansiva	BRINCADEIRAS com as crianças ainda sentadas em semi círculo, o evangelizador deverá conduzir brincadeiras, evitando que as crianças se dispersem dentro da sala tumuluem ou fiquem agitadas atividade se encerra com a chegada dos pais	5 minutos

Anexo E – Música “Caminheiros do Amor”



GRUPO ESPÍRITA CAMINHEIROS

DO AMOR

Núcleo de Evangelização da Família

R. Dona Brigida, 718 – V. Mariana – SP - Cep 04111-081 F. 5549.9186 – CNPJ 02907869/0001-40

CAMINHEIROS DO AMOR

Um dia eu procurei
A vida dar um sentido maior
E ouvi alguicaém dizer
Aprendi com Jesus
Que servir é bom e nunca é demais
Tomei as palavras segui o caminho
Buscando Jesus
Ganhando distâncias, serei caminheiro
Caminheiro do amor! (bis)

E nos lugares que andei
Havia tristeza mas eu não deixei
Que morresse em mim
A vontade de aprender
Que servir é bom e nunca é demais
Por esse motivo hoje eu caminho Servindo Jesus
Ganhando distâncias, serei caminheiro
Caminheiro do amor! (bis)

Minha razão encontrei
Reina alegria em todo o meu ser
E ouvi alguém dizer servir com Jesus
É sempre bom e nunca é demais
Quero seguir este caminho
Seguindo a Jesus
Ganhando distâncias, serei caminheiro
Caminheiro do amor! (bis)